



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE**

**JOSÉ ITAMAR SALES DA SILVA**

**A REPRESENTAÇÃO DA SOGRA NA OBRA DE LEANDRO GOMES DE  
BARROS**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2010**

JOSÉ ITAMAR SALES DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DA SOGRA NA OBRA DE LEANDRO GOMES DE  
BARROS

Dissertação apresentada ao Mestrado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa de Cultura Popular e Práticas Simbólicas, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Geralda Medeiros Nóbrega

CAMPINA GRANDE – PB

2010

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586r Silva, José Itamar Sales da.  
A representação da sogra na obra de Leandro Gomes de Barros [manuscrito] / José Itamar Sales da Silva. – 2010.

126 f.: il.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, 2010.

“Orientação: Profa. Dra. Geralda Medeiros Nóbrega, Departamento de Letras e Artes”.

1. Cordel. 2. Sogra. 3. Cultura Popular. I. Título. II. Leandro Gomes de Barros.

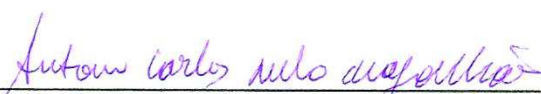
21. ed. CDD 398.5


**JOSÉ ITAMAR SALES DA SILVA****A REPRESENTAÇÃO DA SOGRA NA OBRA DE LEANDRO GOMES DE  
BARROS**

Aprovado em: 12 / MAIO / 2010

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Geralda Medeiros Nóbrega- UEPB  
(Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães / UEPB  
(Examinador)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Maria Bernadete da Nóbrega / UFPB  
(Examinadora)

---

A minha mãe, **Maria Giseuda Macêdo Silva**, que em sua infância muito contribuiu para disseminação da literatura de Cordel, lendo folhetos a luz de candeeiros para seus vizinhos que admiravam a poesia de cordel, mas não sabiam ler. Ao meu querido pai **Benedito Sales da Silva** (*in memoriam*), pelo seu esforço e dedicação em dar o melhor para seus filhos. A minha sogra **Maria de Lurdes Clementino** que me incentivou nos momentos mais difíceis com sua costumeira frase:- “Não há vitória sem luta”. Ao meu sogro **Francisco Homero Clementino** que tem sido um pai, presente em todos os momentos, e a minha orientadora Geralda Medeiros, que acreditou em mim e investiu seu precioso tempo na orientação desta pesquisa.

A todos eles dedico este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

---

O que parecia impossível finalmente tornou-se realidade com a participação de muitas pessoas. Em primeiro lugar agradeço a Jesus, razão principal da minha existência, pela realização de mais este sonho, a ele toda a minha gratidão e reconhecimento.

À minha esposa Eliane Alves Sales e minha filha Ana Beatriz Alves Sales pelo companheirismo, carinho, paciência e suporte a mim dedicados ao longo da caminhada.

À minha família, grande baluarte nos momentos mais necessários. De forma particular, a minha mãe, mulher guerreira que não mediu esforços no intuito de ver seus filhos vencerem na vida. A meus irmãos Geilson Roberto, Francisco José, Socorro Macêdo e Geiza Cristina Macêdo. Acredito que esse mestrado é um pouco de vocês também.

Ao meu cunhado Olímpio Oliveira que me fez acreditar que o sonho era possível e que não custava nada tentar.

À minha orientadora e professora, Geralda Medeiros Nóbrega, hoje uma querida amiga, que tornou essa pesquisa um estudo repleto de simbologias e práticas enaltecidas da cultura popular. Dra Geralda é um baluarte e uma guerreira na pesquisa e promoção da cultura popular.

Ao pesquisador e poeta José Alves Sobrinho pela sua inestimável contribuição na construção de nossa pesquisa.

À minha banca de qualificação: ao Prof<sup>o</sup> Dr Luciano B. Justino e ao Prof<sup>o</sup> Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães, por colaborarem com suas críticas e sugestões precisas, colocando-me frente a novas discussões.

A todos os professores do MLI, da turma 2008, que conseguiram descobrir potencialidades em cada aluno com suas discussões inteligentes. Entre todos destaco a Prof<sup>a</sup> Dra. Maura Penna, pela competência, seriedade e precisão peculiares ao seu brilhante caráter.

A Roberto, secretário do mestrado, pela gentileza e prestimosidade a que me atendeu e atende a todos sem distinção. Aos colegas do mestrado, que se tornaram amigos insquecíveis, a todos a minha gratidão.

Eu fico queimando os pés  
Quando ouço uma pessoa  
Dizer em minha presença  
Que a sogra foi, ou é boa,  
Porque me traz a lembrança  
Da mãe da minha patroa.

Que era morta há dez anos,  
E Deus a tenha por lá  
Pregada em cêpo de ferro,  
Que ela não volte mais cá,  
Ainda virada em ouro  
Deus a deixe aonde está.

Pois uma sogra enterrada  
É uma coisa excelente  
Uma feira sem fiscal,  
Um senhor d'engenho doente  
Um proprietário cego,  
É um descanso da gente!

Com especialidade  
Uma sogra como a minha  
Que quando o diabo ia,  
Já ela voltando vinha,  
Trazendo na mão direita  
A semente da morrinha.

Tendo-se a mulher em casa  
E a sogra na sepultura,  
Enterrada em massapê,  
Com dez palmos de fundura,  
O casal vive no céu  
Só vê delícia e doçura

(BARROS, Leandro Gomes de, O testamento de uma sogra, s.n.t.)

## RESUMO

Este trabalho, que tem como objeto de estudo a representação da sogra na literatura de Cordel, focaliza um estudo de caso, na ótica do poeta paraibano, da cidade de Pombal, Leandro Gomes de Barros. O poeta como interlocutor das representações e manifestações culturais do imaginário popular coletivo desmerece a figura da sogra, atribuindo-lhe diversas alcunhas pejorativas. A temática da sogra, no poeta de Pombal, sob os auspícios de um discurso polifônico, na ótica de Bakhtin, destaca a carnavalização em que se insere a figura emblemática da sogra. A metodologia, diluída ao longo da análise, se detém nos aspectos mais destacáveis da pesquisa, como seja mostrar os estigmas a que o poeta submete a figura da sogra, ao mesmo tempo encaminha para o cerne da questão, para averiguar o nível de rejeição da sogra, a partir do aspecto grotesco, presente no discurso e nas capas dos folhetos, o que justifica o índice de preconceito no tratamento dado à sogra.

**Palavras-chave:** Sogra; Preconceito; Cultura; Cordel.



## **ABSTRACT**

This study investigates the mother-in-law representation in the String Literature, focusing the case study of the work of Leandro Gomes de Barros, a poet from Pombal, a city situated in the State of Paraíba (northeast of Brazil). The referred poet is an interlocutor of the cultural representations and manifestations of the popular imaginary which depreciate the mother-in-law figure. The mother-in-law theme in the work of the poet from Pombal, if analyzed according to Bakhtin's theory of polyphonic discourse, emphasizes the carnivalization of such emblematic stereotype. The methodology, presented in the analysis chapter, focuses the most prominent aspects of the research, i.e. the stigmas created by the poet of the mother-in-law figure, as well as the level of rejection of such figure. To do so, it will be analyzed the grotesque discourse of the poems and the covers of the strings, which can be a sign of the prejudice against the mother-in-law figure.

**Key-words:** mother-in-law; prejudice; culture, string

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I - LEANDRO GOMES DE BARROS: O POETA DE POMBAL</b>	<b>15</b>
1.1 Quem é a sogra?	21
1.1.1 Desvendando a sogra	24
1.1.2 Sogra: uma mulher carnavalizada	28
1.1.3 O poeta em ritmo polifônico	38
1.1.4 Nuances poéticas	42
<b>CAPÍTULO II - A SOGRA NA HISTÓRIA DO BRASIL</b>	<b>47</b>
2.1 A Sogra e a sua relação com o sagrado	52
2.2 A sogra no centro do preconceito	56
2.3 A Sogra no imaginário literário	63
2.4 O corpus da sogra na obra de Leandro Gomes de Barros	67
2.5 A sogra na mira do poeta	68
2.6 A sogra no imaginário Social	69
<b>CAPÍTULO III - OUTRAS NUANCES DA SOGRA</b>	<b>73</b>
3.1 O Diabo da sogra no Cordel	75
3.2 A sogra na perspectiva pós-morte	83
3.3 A alma “penada” da sogra	87
3.4 Novercafobia: O medo da sogra	88
3.5 A sogra zoomorfizada	93
3.6 A sogra como velha	98
3.7 O corpo grotesco da sogra: as capas dos folhetos	102
3.8 A sogra: uma mulher sem nome?	113
<b>Considerações finais</b>	<b>115</b>
<b>Referências</b>	<b>120</b>

## INTRODUÇÃO

A Literatura de folhetos nordestina, sendo uma produção cultural tipicamente popular, traz em seu cunho representativo as visões de mundo do imaginário coletivo, através da editoração de folhetos, que contemplam temáticas que englobam todo um universo imagético, do povo da região Nordeste e do Brasil.

Neste universo temático e multicultural o poeta popular dedica parte de sua produção a representar a figura feminina em suas múltiplas e facetadas identidades. Entre as identidades femininas destacaremos a representação da sogra, buscando construir um perfil identitário da mesma na perspectiva popular. Utilizaremos como representatividade da temática da sogra, seis folhetos do total de dez que foram dedicados diretamente à representação da sogra, bem como tantos outros folhetos que trazem como parte de seu enredo a participação da sogra. Os folhetos que serão objetos de estudo são de autoria do poeta popular Leandro Gomes de Barros, e se apresenta como um estudo de caso, na análise empreendida. Estudo de caso, conforme diz Ferreira (1999, p, 209): [...]” trata-se de um estudo pormenorizado e exaustivo de um problema específico, com objetivos imediatos ou a longo prazo, visando responder e apresentar resultados para essa problemática.”

O presente estudo analisa a representação da sogra, o que se justifica pelo fato de perceber-se um verdadeiro “silêncio” da produção literária em relação à sogra, havendo apenas duas obras em língua portuguesa da literatura ortodoxa, uma de autoria do escritor português José Valentim Fialho de Almeida de título: **O País das Uvas**, que faz referência à sogra em um de seus contos intitulado de: O conto da velha, e a outra obra de autoria do brasileiro Aluísio de Azevedo intitulada de: **O livro de uma sogra**, em que a sogra aparece como principal protagonista da obra, cujo enredo versa acerca dos conselhos que uma sogra dá para a sua filha e seu genro, com o fim de salvar e perpetuar o casamento dos dois, impedindo-os de reduzir o enlace matrimonial a um enfadonho tédio.

A existência de tão poucas obras literárias a respeito da sogra levanta questionamentos sobre as possíveis causas deste vazio literário que excluiu esta faceta identitária da mulher na posição de sogra. Percebe-se também a

ausência de estudos significativos e aprofundados a respeito da representação da mesma, por isso nos propusemos investigar ao longo da pesquisa esta problemática.

Observamos os motivos pelos quais, embora a sogra seja tão citada no meio popular, não tenha um estudo significativo que aborde esta questão de forma aprofundada, constituindo-se a pesquisa um trabalho desafiante na abordagem do tema. O estudo da representação da sogra na obra de Leandro Gomes de Barros, quebra de certa forma o paradigma da invisibilidade e indiferença em relação à sogra, buscando identificar as nuances carnavalescas e os variados discursos que se entrecruzam quando a sogra é tematizada. No universo do domínio masculino, o poeta da Literatura de Folhetos Nordestina sendo filho do seu tempo, interlocutor e interprete das representações e manifestações culturais do imaginário coletivo, dedica parte de sua temática à figura emblemática da sogra, utilizando-se da produção cultural de folhetos para representá-la.

Nosso intento de pesquisar a sogra no Cordel surgiu a partir do percebimento da ausência de estudos a respeito da mesma na perspectiva do imaginário popular, sobretudo da Literatura de Cordel. Convém observar que o silêncio em relação aos estudos da representação da sogra, parece não ser exclusividade da Literatura de Cordel, mas da literatura em geral. A proposta de estudar a sogra na obra de Leandro Gomes de Barros assume importância, uma vez que a sogra quase que passou despercebida pelos olhares dos estudiosos. Discutimos como a figura da sogra é construída dentro da perspectiva popular, bem como tentamos responder as seguintes lacunas no que diz respeito à figura da sogra, tais como: Leandro Gomes de Barros que versou sobre a sogra, o fez por questões pessoais, ou para tentar agradar o público, abordando a sogra de forma irônica e satirizada? Quais as figuras imagéticas construídas pelo universo popular para representar a sogra, a partir das caricaturizações nos folhetos? O poeta, na tentativa de estigmatizar em seu discurso a sogra promove apenas uma imagem negativa da mesma, ou sem “intencionalidade” acaba também por promovê-la e exaltá-la?

O objeto de estudo é representado pelo *corpus* de seis folhetos, de autoria de Leandro Gomes de Barros: **Vacina para não ter sogra (1917)**,

**Como se amansa uma sogra (s.d.), A alma de uma sogra (s.d.), A sogra enganando o Diabo (s.d.), Um susto em minha sogra (1911) e Uma viagem ao céu (s.d.)**, onde o mesmo trata diretamente sobre a figura da sogra. Adentramos no universo da literatura popular e nas discussões interculturais na tentativa de oferecer respostas às indagações suscitadas no decorrer da pesquisa. Discorreremos sobre uma epistemologia que enfatiza os dados da cultura popular, a carnavalização na ótica bakhtiniana e outros dados que possibilitaram uma análise de natureza semiótica com vistas à busca de significado para a temática desenvolvida.

O presente estudo tem como objetivo geral, analisar e identificar as possíveis representações a respeito da sogra, construídas culturalmente a partir da visão do imaginário popular coletivo, do qual o poeta popular se faz interlocutor ao versar sobre a mesma em seus folhetos. O poeta popular parece reproduzir em seus versos a figura da sogra quase sempre dentro da perspectiva e discurso masculinos. Dessa forma, é por meio de discursos masculinos que o feminino é procurado: nos mitos, na poesia, na história, nos romances, nos tratados médicos e filosóficos, na legislação, na iconografia, etc. Nessa imensidão documental destacam-se imagens, contudo elas não apresentam as mulheres e sim a imagem que os homens fazem delas (DUBY, PERROT, 1990, p.8), assim como nos discursos, normativos ou não, as mulheres na condição de sogra são definidas e aconselhadas quanto as suas posturas e comportamentos sempre a partir do olhar do genro, o que acaba sendo absorvido até pela própria mulher na condição identitária de nora.

Entre outros objetivos mais específicos, a escolha da sogra como objeto de estudo bem como a sua análise, ocorreu na tentativa de oferecer respostas a pressupostos levantados acerca da representação da mesma, tais como o fato de que a sogra parece ser a identidade feminina que mais recebe críticas, perjúrios, maldições e alcunhas pejorativas, no meio popular. Outro fato que merece destaque é o “deslocamento” percorrido pela mulher quando esta se coloca quase simultaneamente em várias facetas identitárias, como esposa, mãe e sogra. As nuances e variações desta migração multifacetada da sogra são registradas nos folhetos de cordel, chamando atenção para as suas atuações estratégicas em diferentes meios e funções.

A partir da análise dos folhetos de Leandro Gomes de Barros, que tematizaram a sogra, que figuras e categorias foram escolhidas pelo imaginário popular para representá-la? Os discursos acerca da sogra são sempre de cunho negativo? É possível que a veiculação de uma imagem negativa da sogra acabe por fim sem “intencionalidade”, por promovê-la e fortalecê-la, como uma ameaça que causa medo aos genros e noras? Questões estas que tentamos responder ao longo da pesquisa.

A nossa pesquisa foi direcionada a partir do estudo de caso dos folhetos de Leandro Gomes de Barros, que versaram sobre a figura da sogra, no intuito de construirmos uma representação da sogra, dentro da visão do imaginário popular. O estudo de caso sobre os folhetos de Leandro Gomes de Barros justifica-se por este ter sido o poeta que mais folhetos produziu, usando a sogra em sua temática. Procedemos a uma pesquisa minuciosa acerca dos folhetos de Leandro Gomes de Barros que tematizaram a sogra, buscando auxílio principalmente do poeta pesquisador José Alves Sobrinho (1978) e aos acervos digitais de cordéis da Fundação Casa de Rui Barbosa e do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

Utilizamos como suporte e fundamentação teórica para nossa análise, entre outros, os conceitos de identidade de Hall (2005) e Bauman (2003), prosseguindo pela categoria de representação de Roger Chartier (2002) e as astúcias e estratégias de atuação na obra de Michel de Certeau (2003), pedimos auxílio a Pierre Bourdieu (2005) para compreendermos a posição da sogra diante da dominação masculina. Recorremos também a Bakhtin (1993) através dos seus conceitos de polifonia, realismo grotesco e da carnavalização, como suporte histórico utilizamos Mary Del Priore (2004), para fundamentarmos a comicidade presente nos folhetos utilizamos Bergson (1983). Os autores citados serviram de esteio para o desenvolvimento e análise do nosso objeto de estudo.

O nosso estudo da representação da sogra nos folhetos de Leandro Gomes de Barros é composto de três capítulos que obedeceram à seguinte seqüência: no primeiro capítulo intitulado “Leandro Gomes de Barros: o poeta de Pombal”, onde inicialmente procedemos uma pesquisa histórica acerca do autor dos folhetos em destaque. Procuramos ainda, problematizar acerca da identidade da sogra, para investigar quem seria a sogra na visão popular e,

através dos folhetos, discutimos sua atuação através da ótica da carnavalização, dos discursos dialógicos e polifônicos presentes nos folhetos, perpassando também pelas raízes mitológicas que fundamentaram a imagem da sogra no imaginário popular.

No segundo capítulo, intitulado “A sogra na história do Brasil” apresentamos uma visão panorâmica da história da sogra no Brasil de meados século XIX até os primeiros dezoito anos do século XX, por ser este o período em que Leandro Gomes de Barros viveu e produziu os folhetos que versam sobre a sogra. Foi possível perceber a presença de costumes, provérbios e ditos populares relacionados à figura da sogra já neste tempo. Adentramos pela história da sogra identificando a relação da sogra com o sagrado, com as raízes do preconceito contra a mesma e com a presença e ausência da sogra na literatura. Estudamos acerca do poeta Leandro Gomes de Barros, explicitando o corpus de folhetos que foram analisados, buscando identificar as possíveis razões que o levaram a produzir tantos folhetos a respeito da sogra. E por fim procedemos à construção de um perfil identitário da sogra dentro da perspectiva do imaginário social.

No terceiro capítulo, intitulado “Outras nuances da sogra” procedemos à análise propriamente dita, identificando e elegendo categorias que representassem a figura da sogra tais como: o Diabo da sogra no Cordel, a sogra na perspectiva pós-morte, envolvendo sua atuação no “além” bem como o seu julgamento e condenação. Analisamos também a sogra como objeto de pânico para genros e noras, a sogra zoomorfizada, a sogra como sendo uma velha, a sogra como uma mulher “sem nome”, o corpo grotesco da sogra e a análise das capas dos folhetos que foram objetos de estudo no decorrer da pesquisa. Ciente das dificuldades e desafios que norteiam este estudo pretendemos chegar ao fim da pesquisa, oferecendo possibilidades e subsídios catalográficos para futuras pesquisas a respeito do tema, bem como possíveis respostas, que talvez sirvam de referência para estudos posteriores a respeito da sogra e da Literatura de Cordel.

## 1. LEANDRO GOMES DE BARROS: O POETA DE POMBAL



Os Traços de Leandro Gomes de Barros[1]

A cabeça, um tanto grande e bem redonda,  
O nariz, afilado, um pouco grosso:  
As orelhas não são muito pequenas,  
Beijo fino e não tem quase pescoço.

Tem a fala um pouco fina, voz sem som,  
Cor branca e altura regular,  
Pouca barba, bigode fino e louro,  
Cambaleia um tanto quanto no andar.

Olhos grandes, bem azuis, têm cor do mar:  
Corpo mole, mas não é tipo esquisito -  
Tem pessoas que o acham muito feio,  
Mas a mamãe, quando o viu, achou bonito!

[1] Auto-retrato de Leandro Gomes de Barros na quarta-capa do folheto Peleja de Manoel Riachão com o Diabo.

O poeta Leandro Gomes de Barros, neste estudo de caso, permeado pelo imaginário da sogra, interpreta e representa o pensamento popular com respeito à figura da sogra e traz em seus versos a visão patriarcal, machista e autoritária que relega a mulher à condição de inferioridade. E, não obstante o autor demonstrar ter profunda paixão e admiração pela figura feminina em muitos de seus folhetos migra em seguida para apresentá-la em alguns deles como alguém que quer subverter a ordem, denunciando, assim, um machismo às avessas, pois em seus folhetos há, constantemente, queixas dos homens em relação ao “temperamento difícil” da mulher sempre insatisfeita e rebelde. Apesar de haver todos estes registros nas obras de Leandro Gomes de Barros, em relação à mulher, a que mais se destaca e recebe violentos epítetos e



depreciações é a figura da sogra, que é vista como a maior inimiga da estabilidade do lar e uma ameaça ao poderio que o homem exerce sobre a família, associando-a com freqüência às mais odiadas e terríveis figuras do imaginário sociocultural de sua época, tais como o Diabo e o fiscal do governo, que segundo ele, causam muitos males à humanidade.

Leandro Gomes de Barros foi um homem filho do seu tempo, e como tal representou em suas obras o imaginário cultural popular, do último quartel do século XIX até 1918, quando faleceu, segundo alguns, vitimado pela gripe “Influenza”. Outra versão para sua morte é defendida pela professora Cristina Nóbrega (bisneta de Daniel Gomes da Nóbrega que era irmão de Leandro), que afirma, de acordo com a certidão de óbito que o mesmo falecera vítima de um aneurisma cerebral. Leandro vivenciou historicamente o período monárquico e sua passagem para a República. O poeta ao que parece foi influenciado pelo pensamento e cultura de sua época, tendo o Nordeste como epicentro, sendo assim um “intérprete” da filosofia e dos paradigmas populares bem como de sua visão e leitura de mundo. Além da influência cultural que este sofreu por parte da cultura da época, como poeta e homem do povo, também expressou através de sua obra poética seu “eu”, talhado pelas agruras e vicissitudes da vida difícil que viveu, sobretudo no meio familiar, ainda que obviamente não haja nenhuma referência em suas obras, que diretamente trate de suas “dores” e conflitos. Subentende-se que muito do que escreveu a respeito das relações familiares, bem como a respeito da mulher e da sogra, o tenha feito também da perspectiva das relações e conflitos que o mesmo vivenciou.

As situações vivenciadas pelo poeta no âmbito familiar parecem transparecer e projetar-se em alguns dos seus folhetos. A força e influência que os relacionamentos familiares vivenciados pelo poeta exerceram sobre a sua pessoa, chegam ao “extremo” do mesmo renegar seu sobrenome (Nóbrega) e criar outro (Barros). Em sites especializados sobre a literatura popular em versos, encontramos depoimentos dos poetas Paulo Nunes Batista e Arievaldo Viana, bem como da professora pernambucana Cristina Nóbrega. Cristina Nóbrega postou vários comentários acerca da biografia do poeta, que estão publicados no site: ([www.recantodasletras.uol.com.br](http://www.recantodasletras.uol.com.br)),

Percebe-se que as relações familiares de Leandro são em parte, implicitamente expressas e transliteradas para os folhetos através da inspiração poética. Os estudiosos ressaltam principalmente a infância, orfandade de pai (aos sete anos) e as desavenças com o seu tio padre Vicente Nóbrega (1822-1907), que se tornou seu tutor, dando a ele uma formação educacional significativa. No entanto padre Vicente era um homem de “temperamento” difícil, entrando constantemente em “choque” com o sobrinho. Aos 11 anos devido a maus tratos sofridos pelas mãos do tio, saiu de casa. A relação com seu tio rompeu-se definitivamente, quando este se apossou da “herança” da sua família, levando-os a passarem grandes dificuldades, acarretando sérias discussões entre tio e sobrinho.

Estudiosos atestam que no folheto de título **Vida e testamento de Cancão de Fogo**, Leandro Gomes de Barros mistura fantasia e fatos reais deixando transparecer alguma verossimilhança com a sua vida, tal como ressaltou o poeta e pesquisador Arievaldo Viana, em site da Associação Brasileira da Literatura de Cordel, evocando o testemunho de contemporâneos e parentes do poeta ao dizer que:

Informa-nos o escritor Pedro Nunes Filho, autor de Guerreiro Togado, que o Padre Vicente, além de vigário da Vila do Teixeira, era também professor de latim e humanidades, o que no passado chamava-se padre-mestre, tendo sido, provavelmente, o responsável pela educação daquele garoto, que cedo revelou os seus pendores para a literatura. Leandro abandonou a companhia de seu tutor aos 11 anos, devido os maus-tratos que ele lhe infligia e algumas desavenças por causa da herança deixada por seu pai (o padre era o tutor da herança de sua família, e andou transferindo alguns bens para outras pessoas, deixando Leandro e seus irmãos na miséria). Este fato encontra-se minuciosamente descrito num livro ainda inédito, escrito pela professora Cristina da Nóbrega. Leandro abandonou a escola e fugiu de casa ainda adolescente, tendo passado por muitas privações. Qualquer semelhança com a história de Cancão de Fogo e Alfredo, personagens criados pelo mestre de Pombal, talvez não seja mera coincidência:

Esse homem que me cria  
Me maltrata em tal altura

Que nem um preso no cárcere  
 Sofrerá tanta amargura  
 Não foi Deus, é impossível  
 Que me deu tanta amargura.

Procurando rastrear as possíveis razões que justificassem a animosidade e intolerância de Leandro em relação à figura da sogra, entrevistamos o poeta, pesquisador e escritor paraibano José Alves Sobrinho, que comentando a respeito daquele que ele considera o maior poeta popular de todos os tempos, fez esclarecimentos a respeito da sua vida, obra e conflitos vivenciados pelo poeta e sua sogra.

Leandro Gomes de Barros foi o primeiro estilizador da poesia popular em forma de folheto, fazendo dela uma literatura narrativa impressa, e dela sobrevivendo de 1889 até 1918. Ele não publicava folhetos de oito (8) páginas, geralmente reunia várias histórias em um folheto de dezesseis (16), vinte e quatro (24) trinta e duas (32) e quarenta e oito (48) páginas e então publicava. O folheto de oito (8) páginas foi criado pelo poeta paraibano Laurindo Gomes Maciel na década de 1920. Os folhetos de Leandro Gomes de Barros em geral são escritos seguindo um padrão rítmico e métrico em sextilhas setissilábicas, ou em estofes de oito versos e com dez versos.

Leandro Gomes de Barros começou escrever folhetos em 1889 e seus primeiros impressos datam de 1893. Leandro viveu a partir de então exclusivamente de produzir e vender seus folhetos conforme é registrado em **Autores do Cordel:**

[...] já residindo em Recife, não tinha outra atividade, senão vendê-los. Foi assim que conseguiu sustentar sua família: no Mercado São José, nos botequins perto do largo da estação, nos trens, ou em sua própria casa, vendia os folhetos que ele mesmo imprimia... (AUTORES DO CORDEL, 1980, p. 8).

Leandro Gomes de Barros, que era paraibano da cidade de Pombal, nascido em 1865, viveu em Teixeira-Pb até os quinze anos, vindo depois a migrar para Vitória de Santo Antão – PE e depois Jaboatão e Recife, e passou a editar folhetos nas tipografias de Recife.

O poeta José Alves Sobrinho em suas pesquisas sobre a literatura popular em Versos mencionou que em 1970, esteve em contato com um amigo de Leandro Gomes de Barros, da cidade de Queimadas-PB, conhecido como “Doca”, que acompanhou os últimos dias de vida do poeta, pois este também fora acometido da “gripe Influenza” tal qual Leandro, e ficaram internados no mesmo hospital, no Recife. Seu Doca ficou curado deste mal, vindo há falecer muitos anos depois em 1978 na cidade de Queimadas-Pb, já Leandro não teve a mesma sorte, vindo a falecer, “vítima da gripe influenza” em 05 de março de 1918. Seu Doca revelou que Leandro se enamorou de uma jovem de nome Venustiana, com quem viria a contrair núpcias, que era filha de uma viúva. O relacionamento de Leandro com sua futura sogra não era dos melhores, pois esta era uma “mulher de posses” e não se agradava da ideia de ver sua filha casar-se com um boêmio que vivia exclusivamente da venda de folhetos, que “não fazia outra coisa na vida a não ser compor e vender folhetos”. Mesmo a contragosto da sogra viúva, Leandro casou-se com dona Venustiana, vindo a morar em Jaboatão na casa da sogra até o ano de 1906, quando o mesmo mudou-se para o Recife-PE, ficando “livre” da tutela de sua sogra. Esta convivência compulsória com sua sogra e a sua implicância em sua filha casar-se com um “folheteiro”, bem como as “humilhações” que o poeta sofreu desta, talvez seja uma das razões, para que Leandro Gomes de Barros tenha se utilizado do seu dom poético, para “vingar-se” de sua sogra pelos males a ele causados. O poeta escreveu vários folhetos em que a sogra é protagonizada de forma pejorativa e depreciativa, não faltando humor, ironia e sátira, na tentativa de representar a sogra de forma caricaturizada e satírica.

Os conflitos dele com a sogra não traduzem apenas um drama e insatisfação pessoal e familiar, mas também os conflitos que transcendem o tempo, lugar e cultura em quase todo o mundo, constituindo-se em um conflito milenar representado pela sogra versus genro ou nora.

Não se pode desprezar o fato de que a “antipatia” com relação à figura da sogra era quase que uma unanimidade, no contexto do imaginário popular, que o poeta vivenciou. A forma irônica e preconceituosa com que Leandro Gomes de Barros representa a sogra, também é referenciada pelos outros poetas que semelhantemente apresentam a sogra de igual modo, não havendo ao que parece nenhum poeta popular que haja feito referências à sogra de

forma elogiosa ou atribuindo-lhe qualidades ou méritos. Uma das evidências que comprovam a impopularidade da sogra no imaginário popular deve-se ao fato de que ainda hoje, as obras de Leandro Gomes de Barros que tematizam a sogra, mesmo sendo todas do início do século XX, são reeditadas com grande aceitação popular, podendo ser usado como exemplo o folheto de título: **A sogra enganando o Diabo e A alma de uma sogra**, reeditados várias vezes pela Editora Tupynanquim em Fortaleza-CE, constando inclusive no mais recente catálogo divulgado pela Editora. O poeta de Pombal na função de intérprete e catalisador do pensamento e dos anseios da memória coletiva do povo nordestino evidencia e destaca os conflitos familiares das famílias patriarcais conservadoras, calcados no ideal da dominação masculina, que enxerga, em termos práticos, a sogra como uma inimiga da paz doméstica e do poderio do homem sobre a família e, sobretudo sobre a mulher.

Outra evidência da impopularidade da sogra no imaginário popular, representada a partir da interpretação do poeta Leandro Gomes de Barros e referenciada pelos estudiosos, pode ser vista a partir da simulação de uma entrevista feita com o poeta em estudo, pós-morte (no céu) pelo escritor Salomão Rovedo, onde em fragmentos da entrevista, o poeta tece comentários sobre a figura da sogra, expressando a visão popular sobre a mesma, ao mesmo tempo que usa versos de folhetos de Leandro Gomes de Barros, constituindo um intertexto interessante:

– Não há loucura maior do que o homem se casar! Quem casa num tempo desses perdeu toda a razão. – O casamento é tão ruim assim?  
 – Santo Deus! Que peso horrendo! Nas costas de um desgraçado, uma mulher e a mãe, de quebra! Não há fardo mais pesado, do que seja uma mulher. – Porém, diz o ditado, o casamento é um mal necessário... – Sogra muda e mulher rouca, são de bem necessidade. Esses dois incômodos nelas são de grande utilidade. Quando nada, elas assim, descansam a humanidade. – Nos tempos de hoje o poeta seria considerado machista... – Mulher e resto de mesa, a gente não vende, dá [...] (ROVEDO, 2009, p.78).

O entrevistador retoma estrofes do folheto **As conseqüências do casamento**, como na estrofe, presente em Autores do cordel (1980):

Não há loucura maior  
 Do que o homem se casar!  
 O peso de uma mulher  
 É duro de se agüentar,  
 Só um guindaste suspende,  
 Só burro pode puxar.

No intertexto perpassa um paraíso carnavalizado em que o dialogismo invoca a narrativa polifônica preparada nesta linha inovadora para a qual Bakhtin(2008) chama a atenção.

### 1.1 Quem é a sogra?

Porque um casal sem sogra,  
 È um trem sem condutor,  
 Uma venda sem patrão,  
 E um serviço sem feitor,  
 È como um sítio sem dono,  
 Quem quer que seja o senhor. (est. 7)

A sétima estrofe do folheto de Leandro Gomes de Barros, **Vacina para não ter sogra**, acima citada, apresenta em seus versos uma imagem da sogra, bem diferente da representação que ganhou notoriedade no imaginário popular, onde a sogra é retratada como sendo uma mulher “velha” e maldosa, com potencialidades para fazer o mal e inimiga número um da paz doméstica.

A estrofe em evidência suscita reflexões e indagações acerca desta performance da sogra, que a luz destes versos, é mostrada como sendo essencial e indispensável para o contexto familiar e em especial para a vida do casal, como se a mesma exercesse o papel de líder e cabeça da relação marido e mulher, “usurpando” assim o tradicional lugar do homem como “chefe” de sua família.

Popularmente a sogra recebe por parte do imaginário popular, alcunhas pejorativas que denigrem a sua imagem, sendo esta vítima do preconceito, da

estigmatização, e sempre vista de forma negativa. Esta visão popular da figura da sogra reflete-se nas produções culturais que tematizam a mesma, a exemplo das anedotas, apelidos, provérbios e folhetos que versam sobre a sogra.

A literatura popular em versos, aqui representada pelas obras de Leandro Gomes de Barros que versam sobre a sogra, é uma produção cultural que expressa o imaginário cultural popular e apresenta a visão do poeta a respeito da sogra, que por sua vez cataliza a visão cultural, que geralmente o “povo” tem da sogra. Sendo o poeta interlocutor do povo do qual é oriundo, percebe-se que ele tenta agradar a sua platéia de consumidores, com temas que despertem neles seu interesse, e, sobretudo que os divirtam, mesmo que às vezes, o faça desenvolvendo temas que satirizam e ironizam com personagens que popularmente não são bem vistos pelo povo, como é o caso aqui em destaque da “impopular” figura da sogra.

A estrofe aqui enfatizada parece ir à contramão da visão popular, a respeito da sogra, promovendo uma imagem carnavalizada, porém positiva da sogra. O que teria motivado o poeta a veicular neste verso está imagem da sogra? Seria este verso uma exceção à regra no folheto de Leandro e nos demais folhetos que tematizam a sogra? A literatura popular em versos reproduz “fielmente” a visão popular a respeito da sogra? O poeta ao promover esta aparente imagem positiva tencionava agradar ao público do qual ele é interlocutor? Teria o poeta sido traído pelas suas próprias palavras, e dado proeminência e “força” à sogra, quando na verdade, tencionava fazer o contrário, acabando por promover a figura feminina, dando-lhe uma notoriedade pouco comum na visão masculina do poeta e do povo? Quem seria esta temível mulher que mereceu o destaque de ser tema e protagonista em dez folhetos de Leandro Gomes de Barros, que versam diretamente acerca da mesma, e dezenas de outros folhetos do autor, onde a mesma aparece indiretamente, sendo por vezes citada e destacada, nas obras do poeta?

O poeta Leandro Gomes de Barros, talvez seja o autor, em toda a literatura brasileira que mais escreveu e produziu obras a respeito da sogra. O que teria motivado o poeta a dedicar tantos folhetos a sogra? Seria esta uma temática por demais recorrente e significativa no imaginário da cultura popular

ao tempo em que o mesmo escreveu os folhetos, situando-se nos anos iniciais do século XX?

Não obstante o fato reconhecido pelo folclorista Cascudo (2001) que a sogra tem fama de ser: “Motivo de ódio e rancor convencional por parte dos genros. Versos, anedotas, provérbios, pilhérias, em todas as línguas do mundo, tornam a sogra objeto de ridículo feroz, de permanente intriga, inimiga do lar e da paz doméstica” (CASCUDO, 2001, p 827-828). E também o folclorista destaca que além da “fama” da sogra ser mundial, ela atravessou os tempos, merecendo registros históricos desde a antiguidade clássica: “Era o mesmo entre gregos e romanos, e será difícil encontrar um povo onde a sogra não seja tema de perversidades e raivas constantes” (CASCUDO, 2001, p. 828).

Mediante as palavras do folclorista, convém indagar se a motivação do poeta popular ao escrever sobre a sogra teria se dado apenas por ser este um interlocutor da cultura e visão de mundo do povo, sobretudo nordestino, ou se o mesmo teria razões pessoais para além das questões culturais para discorrer sobre esta personagem?

Nos folhetos de Leandro que versam sobre a sogra, percebe-se que de forma geral, a trama desenvolvida gira em torno de dois personagens, a sogra e o genro, que vivem uma intensa relação de medição de forças e de sentimentos degenerativos. Neste antagonismo vivenciado pelo genro e sua sogra, observa-se elementos de carnavalização na composição das personagens, conforme Discini (2006) atesta:

[...] o encontro entre contrários que se olham mutuamente para refletir-se um no outro; o contraste entre o maravilhamento de um e explosão de irritação; o contato interno e familiar estabelecido entre os dois desconhecidos; a inoportunidade do comportamento de ambos, acompanhada por certa disposição para revelar-se; a entronização e o destronamento; a coexistência de contrários (DISCINI, 2006, p. 83).



### 1.1.1 Desvendando a sogra

A sogra, pois, vivenciou ao longo da história, com algumas exceções, situações de preconceito, escárnio, ojeriza, discriminação e exclusão. É “considerada” inimiga número um da paz doméstica, segundo o paradigma de família patriarcal nuclear do Ocidente. Neste limite, a sogra usou de estratégias, no espaço que lhe foi permitido, para conseguir “sobreviver” ao “fazer” astucioso dos genros e das noras, que a rechaçaram e lhe imputaram a responsabilidade dos conflitos familiares entre os mesmos, bem como uma das principais responsáveis pela dissolução dos casamentos.

A figura da mulher adquiriu, historicamente, a faceta identitária de sogra, a partir do estabelecimento e institucionalização da família nos moldes patriarcal e nuclear. Esta família ocidental está inserida, dentro do contexto judaico cristão da antiguidade, que delimitava os papéis figurativos de pai, mãe e filhos, que por sua vez, estavam ligados por laços consanguíneos a outras famílias que tradicionalmente cultuavam a figura do patriarca e por extensão e em menor grau, a figura da mulher, principalmente, na condição de esposa, mãe, avó e sogra.

A sogra etimologicamente surge para o ocidente, segundo Deonísio(1998) a partir do latim vulgar que a nomeia de *socra*, significando: mãe do marido em relação á mulher e da mulher em relação ao marido. No latim clássico era *socrus*, no masculino e no feminino, reduzido de *socerum*, já variante de *socer*, significando companheiro, sócio. No latim clássico, designava a avó e não a mãe dos respectivos cônjuges. A palavra ganhou a sua versão masculina posteriormente. Primeiro foi originada a palavra sogra no feminino, pois as noras e as sogras passavam muito tempo juntas, devido à realização de atividades domésticas. Essas denominações têm outras sutilezas. Em inglês, sogra é *mother-in-law* (mãe segundo a lei ou mãe jurídica). Em italiano, *suocera*. No neo-latino francês, a sogra não é assim hostilizada, pelo menos em seu significado, onde sogra é *belle-mère* (bela mãe).

Até mesmo na língua portuguesa o espectro da sogra persegue genros e noras através do verbo intransitivo sograr, que indica a ação “incômoda” de viver à custa do sogro ou da sogra.

Ao nos referirmos à representação do imaginário feminino destacamos a figura emblemática e controvertida da mulher enquanto sogra de um dos cônjuges, principalmente do homem que a enxerga como antônima da figura de sua genitora. A mulher sogra, e não o homem enquanto sogro vai aparecer na história da humanidade, quase sempre, como esta figura do mal, muitas vezes associada no imaginário popular à figura carnalizada do Diabo. “Não há”, ao que parece, registros de sogros estigmatizados e representados através de figuras maléficas, o que com frequência ocorre nos registros sobre as sogras, que receberam por parte do senso comum, forjado no imaginário popular através de provérbios, ditos populares, anedotas, e alcunhas pejorativas cuja autoria é desconhecida, carregados de preconceitos em relação a figura da sogra .

O poeta Leandro Gomes de Barros, em seus folhetos destaca quase sempre a sogra, não havendo registros de folhetos deste poeta, que tratem diretamente sobre a temática do sogro, o mesmo aparece em alguns folhetos, apenas como coadjuvante ou figurante, com uma passagem discreta e “insignificante”. A única “exceção” é feita no folheto escrito em maio de 1911, com um tom humorístico e satírico, que tem como título: **Um susto de minha sogra**. A trama do folheto trata de um fato narrado por um genro, que vem a ser um “susto” da qual sua sogra é vítima. O “susto” é causado pela ação direta do sogro, que “tenta” roubar a cena, através de sua exagerada flatulência:

Disse a velha minha sogra  
 Que deitou-se foi dormir,  
 Assustou-se por ouvir  
 Um estrondo que a ergueu,  
 Ela disse foi o céu  
 Que caiu neste momento,  
 Mas não..., tinha sido um “vento”  
 Que o velho meu sogro deu. (est. 1)

Tanto que a velha me disse:  
 Ah! meu genro eu sou casada  
 Com uma peça tão danada,  
 Que atirando o chão se ergue  
 Dá estrondos a meia-noite

Maior que um torpedo,  
 Tanto que vivo com medo  
 Aquele mal não me pegue. (est. 7)

Temos ainda outro registro feito por Leandro à figura do sogro, em um poema de quatro estrofes, de título: **O inferno da vida**. Convém observar que o registro feito ao sogro, ocorre após a citação daquela que é a protagonista do “dissabor” do poeta, enquanto escritor:

Uma doença nos olhos,  
 Uma mulher bem gasguita,  
 Uma sogra linguaruda,  
 Haverá quem resista?  
 Sogro velho cachaceiro,  
 Um cunhado caloteiro,  
 Uma mãe velha importuna,  
 Qualquer um que assim se vir. (est.4)

O universo da dominação masculina não permitiu à sogra expressar-se e explicitar-se por si mesma, através da literatura e artes ou de qualquer outra forma, os seus anseios, conflitos, angústias, talentos e qualidades, privando-a da liberdade de expressão que quase sempre foi negado, ao gênero feminino, como um todo e muito mais a mulher na condição de sogra. No entanto, paralelamente a esta clausura, parece possível captar um pouco dos anseios, talentos e qualidades da sogra, pelos discursos produzidos pelo poeta cordelista, que aqui será estudado, através da ótica da polifonia, deixando assim, em seus discursos “sem querer”, escapar uma imagem da sogra que o pensamento popular reluta em não querer explicitar. Podemos aqui usar como exemplo desta realidade, os versos de Leandro Gomes de Barros, onde “sem intencionalidade” acaba promovendo a força e a qualidade, daquela que popularmente deveria ser “rebaixada”. Vê-se que a literatura de cordel como expressão do imaginário e da cultura popular, não apenas reproduz o que comumente se pensa acerca da sogra, mas promove através da polifonia e da

carnavalização, uma sogra, que não se está acostumado a visualizar, e que se faz existir dentro do espaço que lhe é “franqueado”. O folheto **Como se amansa uma sogra**, mesmo registrando a vitória do genro sobre a sogra, esse reconhece a força e honra do adversário (sogra), chegando assim a representar uma sogra poderosa, que não teme enfrentar e lutar contra o seu opositor, o genro. O poeta metaforiza a sogra de modo o grosseiro, além de usar um paralelismo gramatical entre a gradação leão x inseto, que enfatiza o nível de rejeição da sogra:

E assim que amansei  
 O leão tão furioso  
 A coisa mais carregada  
 O bicho mais perigoso,  
 Eu pensava não haver,  
 Inseto tão venenoso (est.25).

Os discursos e representações acerca da sogra, quase sempre, tiveram como interlocutores, vozes masculinas polifônicas e carnavalizadas.

A mulher na condição de sogra conseguiu como nenhuma outra representação feminina, canalizar para si a antipatia, inimizade e preconceito, de forma “unânime” através dos tempos. Convém ressaltar que a sogra pode contar potencialmente com um aliado ou aliada na “batalha” contra o genro ou a nora, que é o seu filho ou a sua filha em relação ao genro ou a nora, vindo estes na maioria das vezes a mediar e relativizar, as “implicâncias” da sogra (mãe) ou colocar-se do lado da mesma no desenvolvimento dos conflitos. È digno de nota que, nenhum folheto dos que aqui são objeto de estudo, no seu enredo, trazem a figura da esposa do genro, manifestando-se em defesa de sua mãe, o que é plenamente compreensível, pelo fato do idealizador e escritor dos folhetos representar a visão androcêntrica e misógina, popularmente veiculada a sua época, acerca da mulher, principalmente da sogra.

A sogra provoca na visão popular um efeito negativo que atinge todas as classes sociais, sobretudo no ocidente, onde todos os segmentos e níveis sociais, não importando a condição econômica ou posição que ela ocupa na sociedade, sofrem os efeitos negativos dela advindos. Toda essa discriminação

é agravada se a sogra for negra, pobre e viúva. O folclorista Luís Câmara Cascudo registra e confirma esta “fama internacional” da sogra, conforme fizemos referência anteriormente.

A literatura popular em versos tematizou e destacou a figura da sogra, dando-lhe evidência e notoriedade, de tal forma que, guardando as devidas proporções, pode-se dizer que a produção literária que mais registrou e “promoveu” a figura da sogra foi à literatura de cordel. Muitos poetas populares elencaram como mote em suas produções poéticas a figura da sogra, mas quem mais escreveu e dedicou-se a falar a respeito da mesma, foi o poeta popular paraibano, Leandro Gomes de Barros. Há registros históricos que atribuem a este poeta a autoria de dez folhetos, cujos títulos e temática tratam direta e quase que exclusivamente sobre a figura da sogra. Mas também são computados outros folhetos, onde ele registrou e comentou poeticamente a atuação da mulher na condição de sogra, mesmo que estes folhetos não tratassem exclusivamente da sogra.

### **1.1.2 Sogra: uma mulher carnavalizada**

A carnavalização tornou-se uma referência indispensável, nos estudos multiculturais, no que diz respeito às manifestações da cultura e do imaginário popular, que veicula uma cosmovisão que nem sempre coincide com a visão oficial. Bakhtin trouxe grande contribuição para os estudos carnavalescos, utilizando como seu objeto de análise a obra de François Rabelais e a Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. Para Bakhtin, o carnaval era paralelamente um conjunto de manifestações da cultura popular e um princípio de apreensão dessa cultura em termos de cosmovisão “coesa” e organizada. O componente que unifica a diversidade de expressões carnavalescas conferindo-lhe uma dimensão cósmica é o riso coletivo, em oposição ao tom ritualístico intimidador do poder real, eclesiástico e da cultura oficial.

Tomando como base Bakhtin pode-se dizer nas palavras de Norma Discini (2006) que a carnavalização se constitui como sendo um:

[...] movimento de desestabilização, subversão e ruptura em relação ao “mundo oficial”, seja este pensado como antagônico ao grotesco

criado pela cultura popular da Idade Média e Renascimento, seja este pensado como modo de presença que aspira á transparência e á representação da realidade como sentido acabado, uno e estável, o que é incompatível com a polifonia. (DISCINI, 2006, p.84).

O espaço geográfico onde se manifestava de forma pública nos idos de Rabelais, esta visão de mundo carnavalizado, era nas feiras livres, que se compara não somente em nossos dias, às feiras nordestinas, bem como as praças públicas, segundo a esteira de Bakhtin, como atesta Sodré e Paiva (2002):

A referência de Bakhtin (já que o pretexto de seu trabalho é a obra de Rabelais) é a feira, que marcou o espaço público europeu desde o Renascimento até parte do século dezessete. Mas um notável exemplo semelhante na contemporaneidade é a Praça Jamma al-Fna (Praça do Nada) em Marrakech, onde se juntam mercadores, contadores de serpentes, vendedores de comidas, para divertir o público e celebrar uma forma pouco visível nos espaços modernos da cidade. [...] (SODRÉ e PAIVA, 2002, p.106).

O espaço nordestino, onde as manifestações culturais e a visão popular de mundo eram expressas ao tempo que os poetas produziam folhetos em grande escala, era a feira livre. Eram das feiras que os folhetos “corriam o mundo”, onde os poetas os declamavam em parte antes de vendê-los, extraíndo risos e aplausos da multidão que acorriam às feiras, para comercializar, relacionar-se e divertir-se. Foram das feiras nordestinas que os folhetos de Leandro Gomes de Barros que tematizaram a sogra, tornaram-se conhecidos e espalhados por todo o Brasil, veiculando e reproduzindo a visão popular acerca das sogras.

Um elo significativo entre as feiras medievais e renascentistas analisadas por Bakhtin são as semelhanças interseccionadas com as nossas feiras nordestinas, e Sodré e Paiva atestam que: “[...] Exemplo mais próximo de nós ainda é a feira nordestina, com seus literatos de cordel, repentistas, camelôs, vendedores de infusões anunciadas como miraculosas, exibições de prodígios etc.” (SODRÉ e PAIVA, 2002, p.106-107).

A sogra é carnavalizada em suas representações sendo estigmatizada e representada quase sempre de forma pejorativa, depreciativa e grotesca. Pode-se perceber a carnavalização da figura da sogra desde os paradigmas oficiais das funções da mesma na sociedade, bem como nas formas irreverentes, que a representam com desdém e escárnio, contribuindo por reforçar a imagem negativa da mesma. Utilizaremos os conceitos bakhtinianos em nossa análise da representação da sogra retratada nas obras do poeta em foco, baseado nas palavras finais de Norma Discini: “[...] que fique a constatação de que a carnavalização é categoria que pode ser depreendida e analisada nos textos de qualquer época.” (DISCINI, 2006, p. 90).

A mulher na condição de mãe de um dos cônjuges adquire uma nova identidade feminina, quando esta é transportada para a condição de sogra, migrando do status sacralizado e divinizado de mãe, para o “profanado” estado de diabólica e infernal sogra, vindo de forma híbrida, um mesmo ser e corpo a fragmentar-se em dúbias e contraditórias identidades que são exercidas pelo mesmo ser em espaço e circunstâncias díspares, enquanto mãe e sogra. A mulher assim representada em dupla faceta identitária, de genitora e sogra, oscila entre o sacro e o profano, entre o belo e o grotesco, sendo percebida pelos olhos alheios e estrangeiros de forma carnavalizada, como é exemplificado no folheto **Mulher em tempo de crise**, que destaca a ironia final da comparação da sogra com a serpente. Atente-se para os paralelismos, numa reiteração sequenciada, que destaca a sátira, no último verso:

Ella nascida é um anjo  
 Como moça um sol nascente  
 Como noiva uma esperança,  
 Como esposa uma semente  
 Como mãe uma fruteira  
 Como sogra uma serpente (est. 3).

A mulher enquanto mãe representaria a sacralidade feminina associada à virgem e santa Maria em seu ofício divino da maternidade e zelo cuidadoso pela sua prole. A condição identitária de sogra representaria o lado obscuro e profano da mulher, que inferniza a vida dos filhos dos outros, tirando-lhe a paz doméstica, e influencia a mulher a rebelar-se contra a dominação masculina.

Essa visão é legitimada e endossada pelo universo da tradição religiosa e dos parâmetros que regem a sociedade em sua oficialidade. O lado profano e carnavalesco é perceptível no momento em que esta mulher é rebaixada da sua condição divina, vindo a ser entregue aos seus algozes, que se prevalecem desta migração da identidade feminina, para vingar-se desta contraditória identidade feminina, quando esta assume o ofício de sogra, e passa a infernizar e atormentar os lares dominados pela figura masculina. A percepção da sogra como sendo inimiga de genros e noras, marcará a construção social de sua identidade, culminando por excluí-la socialmente, no dizer de Silva (2000, p. 14) “Se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como o tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais”. A identidade da mulher bem como da sogra se constitui assim em uma fabricação social diferenciada a partir da identidade do homem. Novamente Silva (2000, p.39) observa que: “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social.” A Mulher nesta dúbia condição oscila simultaneamente entre sagrada mãe de um dos cônjuges e infernal sogra, também de um dos cônjuges. Esta dualidade identitária com diferentes funções se faz presente na mitologia grega, onde uma mesma deusa, seja ela qual for, atua como protetora e provedora de alguns que lhe agradam por algum motivo, e de atormentadora e destruidora de outros que lhe desagradem e contrariem sua vontade.

A sogra dentro do contexto da carnavalização é grotescamente idealizada pelo poeta, com o fim de promover o riso irônico e debochado que ridiculariza e deprecia esta identidade feminina, prevalecendo-se do anonimato folclórico para promover e divulgar a figura caricaturizada da sogra, como uma das formas de vingar-se da atuação da mesma, no seio familiar e social, atormentando a vida de genros e noras. Esta visão carnavalizada da sogra, embora amplamente difundida em todas as camadas sociais, destina-se a ser uma visão acerca da mulher, à parte do convencional e tradicional, pois os discursos familiares oficiais quase sempre expressam o contrário do que acontece na prática, pois oficialmente, os discursos dão conta que ao contrair núpcias, a sogra casa uma filha e ganha um filho (genro), e o genro ao casar-



se ganha uma segunda mãe (a sogra), talvez seja esse o motivo de divulgar-se a imagem irônica e satirizada da sogra, mas nunca assumir de quem ou de onde partiu tal “homenagem”. Esta imagem da sogra é quase sempre anônima, pois embora as pessoas de forma geral reproduzam e divulguem essa representação com tanta ênfase e veemência, sua autoria permanece no anonimato, apenas tendo sua autoria atribuída ao imaginário popular das mais elementares camadas sociais. Os discursos acerca da sogra e sua representação são endossados e reproduzidos por “todos”, mas oficialmente e geralmente não é assumido por ninguém, no que se convencionou chamar de “ausência atrevida”.

Os estudos a respeito do fenômeno da carnavalização propostos por Mikhail Bakhtin no clássico **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais** (1993) nos permitem vislumbrar e enxergar, a partir das categorias bakhtinianas, os deboches e escárnios sofridos pelas pessoas, em tom cômico, à parte da visão patriarcal familiar, daí se incluir a sogra neste contexto, pois ao analisar a relevância do riso popular no entendimento do contexto da obra de François Rabelais, Bakhtin afirma que:

[...] sua amplitude e importância [da carnavalização] na Idade Média e no Renascimento eram consideráveis [...] opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Dentro da sua diversidade, essas formas e manifestações – as festas públicas, os ritos e cultos cômicos especiais [...] – possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura cômica popular, principalmente da cultura carnavalesca, una e indivisível (BAKHTIN, 1993, p.3 e 4).

O poeta Leandro Gomes de Barros em seus folhetos da temática da sogra, carnavaliza os paradigmas hierárquicos familiares, que elegeram a figura da mulher na condição de mãe como “pura e divina”, digna de todos os elogios e honras maternas, rebaixando-os as mais depreciativas categorias quando migram para a condição de mulher sogra, proporcionando assim uma inversão dos valores formais, socialmente constituídos. O poeta “subverte”, a estrutura familiar tradicional de forma sarcástica e cômica, tendo como um dos

objetivos provocar o riso e atrair a solidariedade de seus leitores, favoráveis à causa dos genros e noras, vítimas potenciais da atuação da sogra. O riso é discutido em Bakhtin (1993), mas também pedimos auxílio à Bergson (1983) quando ele diz que:

[...] não há comicidade fora do que é propriamente *humano*. Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia, porém jamais risível. Riremos de um animal, mas porque teremos surpreendido nele uma atitude de homem ou certa expressão humana [...] (BERGSON, 1983, p.12).

O poeta de Pombal ao apresentar a sogra de forma cômica com o fim de ridicularizá-la, procura arrancar os risos e a solidariedade de seus leitores e ouvintes. Aos olhos de Leandro Gomes de Barros, talvez não fizesse sentido comicizar a sogra se o mesmo não tivesse a certeza que os seus versos seriam consumidos, interpretados e divulgados pelo povo em geral. O significado da visão da sogra de forma cômica e sarcástica adquire sentido quando penetra no imaginário popular coletivo, recebendo sua atenção e aprovação. A coletividade, e não o indivíduo isolado torna-se assim uma caixa de ressonância e de propagação de uma visão cômica da sogra, fortalecendo e solidificando sua representação no meio popular, tal qual observado por Bergson (1983):

Não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco. Ouçamo-lo bem: não se trata de um som articulado, nítido, acabado, mas alguma coisa que se prolongasse repercutindo aqui e ali, algo começando por um estalo para continuar ribombando, como o trovão nas montanhas. E, no entanto, essa repercussão não deve seguir ao infinito. Pode caminhar no interior de um círculo tão amplo quanto se queira, mas, ainda assim, sempre fechado. O riso é sempre o riso de um grupo [...] (BERGSON, 1983, p. 13).

Os folhetos analisados trazem relatos da figura da sogra todos em tom humorístico e sarcástico, com objetivo claro de fazer o povo rir, expor as sogras

ao ridículo e angariar a solidariedade de genros e noras, que também são vítimas da temível sogra. No folheto **A alma de uma sogra**, o genro ao descrever uma de suas falecidas cinco sogras, assim se refere à mesma, de forma grotesca, como na estrofe em que enfoca a segunda sogra. A sequência de adjetivos, ao mesmo tempo em que enfatiza as qualidades negativas da sogra, destaca a discriminação:

A segunda era uma tipa  
Alta, magra e corcovada,  
Danada para passeios  
Enredeira e exaltada,  
Cavilosa e feiticeira  
Intrigante e depravada (est.7).

A representação da figura feminina quando carnalizada é mostrada “às avessas”, dependendo da condição identitária em que a mesma se encontre, ignorando assim as outras facetas identitárias que a mulher, “simultaneamente” esteja a representar, em situações diferentes. Quando a mulher, na condição de sogra aparece nos folhetos, as demais mulheres, que habitam aquele único corpo “parecem desaparecer”, consciente ou inconscientemente do enredo desenvolvido pelo poeta, que viola a hierarquia familiar, contrariando e invertendo a ordem estabelecida, debochando e satirizando a realidade suavizada pela comicidade rítmica, do talento do poeta popular.

A literatura de cordel, no registro da mulher na condição de sogra, a trata especificamente como sogra, ficando quase que totalmente ausente, a sua condição de mulher de “traços femininos”, de esposa, de mãe e avó. Ocultam-se assim todas as outras identidades que esta mulher possui para estigmatizá-la e depreciá-la pela sua condição de sogra. Nesta direção é possível dizer que dentro da perspectiva da literatura popular em versos, na ótica da carnalização, a proposta da literatura de cordel em sua comicidade, estaria relacionada ao “aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo inteiro através do jogo e do riso” (BAKHTIN, 1999, p.73). A literatura de cordel sob o signo da carnalização manifesta a cultura popular e sua visão cósmica, evidenciando

elementos cômicos e paródicos proporcionados pelo imaginário popular coletivo, através da temática, explorada pelos poetas populares. Os folhetos de cordel de Leandro Gomes de Barros, que exploram a figura da sogra, e que aqui são analisados, podem explicitar a carnavalização bakhtiniana.

Ao discorrer sobre a sogra, Leandro Gomes de Barros o faz “despretensiosamente”, aproveitando-se do espaço de uma das manifestações culturais que surgem e emanam do povo, que é a literatura popular em versos, e que se presume que esteja “livre” das sanções religiosas e sociais, podendo expressar extraoficialmente uma outra versão não tão rígida e tradicional dos paradigmas culturais e sociais oficiais da época.

A simples referência da figura feminina da sogra, no imaginário popular, parece estar atrelada a imagens e idéias que ferem e violam a hierarquia familiar e carnalizam a ordem conservadora patriarcal. Por isto, constitui-se em um campo de astucioso combate por manter o paradigma familiar conservador patriarcal, que “necessita” da figura feminina da esposa, mãe, avó e sogra para “eternizar” e legitimar o modelo de perpetuação da família. Sendo assim, a defesa que se faz oficialmente da figura da sogra, é feita astuciosamente não para defender a sogra em si, mas pela manutenção e perpetuação do “status quo” do modelo familiar, que se utiliza do paradigma da família nuclear, tendo a mulher na função de auxiliar o homem em seu governo, segundo uma visão cultural.

O poeta Leandro Gomes de Barros aproveita-se dos espaços deixados pelo sistema de símbolos sociais, e de forma aparentemente “destoante”, versa nos folhetos sobre a figura da sogra, produzindo um discurso polifônico “inconsciente”. Abre-se espaço para uma interpretação multifacetada da sogra, dando-lhe um destaque que o poeta talvez não tencionasse fazê-lo, “exaltando” algumas de suas qualidades, num misto de ódio e reconhecimento da força da sogra, como pode ser exemplificado pelo folheto **Uma viagem ao céu**, onde o genro vai ao céu e recebe tudo de que precisa para “melhorar” de vida, mas ao voltar para a terra passa pelo purgatório e encontra a sua sogra, que o obriga a levá-la consigo. Este se “recusa” e ela destrói o meio de transporte dele e ele perde tudo. Vemos assim, uma sogra poderosa, que até mesmo depois de morta, consegue ludibriar o Diabo, fugir do purgatório, enfrentar e “vencer” seu genro, causando-lhe grande pavor e prejuízo. Notadamente, essa mulher

expressa no folheto está longe de ser uma frágil e submissa mulher, que teme a figura masculina:

Eu vinha com isso tudo  
Que o santo tinha me dado  
Mas minha sogra apanhou  
O Diabo descuidado  
Fiquei pior do que estava  
Perdi o que tinha achado. (est. 30)

E quando eu cheguei em casa  
A mulher quase me come  
Ainda pegou um cacête  
E me chamou tanto nome  
E disse que eu casei com ela  
Pra matá-la de fome (est. 31).

Se não fosse minha sogra  
Eu hoje estava arrumado  
Mas ela no purgatório  
Achou tudo descuidado  
Abriu a porta e danou-se  
Veio deixar-me encaiporado (est. 32).

O senso comum que emana do povo, de forma anônima, construiu em suas práticas culturais, provérbios, ditos, anedotas e lendas a respeito da sogra que embora dela escarneçam e a depreciem, não deixam de ser acompanhadas pelo riso e comicidade. Os risos provocados por estas representações culturais a respeito da sogra estabelecem um segundo mundo, ou um mundo “às avessas”, paralelo ao oficial, em que são abolidos todos os dogmas religiosos e sociais, e comparecem enquanto paródias, esvaziadas de seu conteúdo mágico. É exatamente nesse contexto, que emerge a literatura de folhetos e Leandro Gomes de Barros, introduzindo a figura da sogra em várias de suas representações. Apresenta-a de forma caricaturizada e cômica através dos folhetos, provocando o riso e conseqüentemente a ridicularização, estigmatização e escárnio na sua representação.

O riso provocado pela exposição da sogra em sua atuação nos folhetos ocorre quase sempre de forma pejorativa, daí se poder inferir que um dos objetivos é ridicularizá-la e não simplesmente divertir quem consome o folheto. No folheto **Vacina para não ter sogra**, o poeta ao fazer referência à briga de duas sogras, o faz de forma cômica, sem perder a oportunidade de depreciá-las:

Pegaram-se duas sogras,  
Fazia medo o barulho,  
E foi nojento o embrulho,  
Pegaram a 4 de maio,  
Findaram a 5 de julho (est. 19).

No lugar que elas morreram,  
Vinte anos não choveu,  
A carniça da melhor,  
Essa sempre apodreceu,  
Isto é, porém a língua  
O urubu não comeu (est. 20).

Na verdade não é comum nas práticas culturais populares, nos quais a literatura de cordel está incluída, a figura feminina aparecer como mulher-palhaço, mulher-bufa arrancando risos das platéias por “dizerem e fazerem coisas engraçadas”. No mundo do humor, também as mulheres sofreram ao longo de sua história, onde a pena masculina faz distinção sexista quanto ao cômico:

[...] a feminilidade exclui o cômico. Mesmo vestida de homem, a mulher não é engraçada, ao passo que o homem vestido de mulher faz rir. Só a mulher velha, justamente aquela que perdeu a feminilidade, pode fazer rir. No jogo da sedução, o riso supre a ausência de charme. É comparável ao charme físico: aquele que ri não resiste mais. (MINOIS, 2003, p. 611).

A comicidade presente nos folhetos de Leandro, quando este se refere à figura da sogra, desenvolve-se como valores e ideias preconceituosas sobre a mesma, atenuando-se pela forma bem humorada de dizer “verdades” e

insatisfações causadas pela prática social da sogra, o que se traduz como uma representação discursiva polifônica. O humor com que popularmente é versada a sogra no cordel, só reforça o preconceito e estigma da qual a mesma é vítima. Pode-se exemplificar esta realidade, citando novamente o folheto **Vacina para não ter sogra**, onde se faz referência, a morar perto da sogra:

Minha sogra, como sogra  
Não podia haver pior,  
Como vizinha sofrível,  
Também não era melhor,  
Cem léguas de vizinhança  
Foi a distância menor (est. 21).

### 1.1.3 O poeta em ritmo polifônico

A polifonia constitui-se em outra categoria bakhtiniana, que serve de parâmetro de análise dos vários discursos, que se entrecruzam através dos folhetos de Leandro Gomes de Barros, em relação à sogra. As partes são distintas, mas de similar importância. A polifonia à luz de Bakhtin, diz respeito “a multiplicidade de vozes e de consciências independentes” (BAKHTIN, 2008, p.2). O discurso polifônico, na verdade, apresenta-se como vários discursos que se interpõem e se entrecruzam entre si, que estão intimamente relacionados, mas que necessariamente não são unânimes e concordes. Podem contradizer-se entre si ou expressarem opiniões e conclusões distintas e antagônicas, que mesmo partindo de um só e mesmo interlocutor expressam não somente a opinião do autor, individual, mas este pode transformar-se em vários autores, cada qual apresentando sua visão de mundo. Na manifestação do pensamento do poeta a respeito da sogra, está expresso em seu discurso polifônico, um outro discurso que à revelia do autor acaba por revelar uma outra visão a respeito da sogra, que o poeta, talvez, não intencionava mostrar, mas que acaba por explicitar e promover uma imagem da sogra diferente e antagônica aquela que ele idealizou, em termos de reprodução da imagem popular da sogra, como pode ser comprovada no folheto **Vacina para não ter sogra**, onde se vislumbra uma outra imagem da sogra, apresentando-a como

uma líder, uma referência indispensável para o casamento, conforme se explicitou no início do capítulo:

Porque um casal sem sogra,  
 È um trem sem condutor,  
 Uma venda sem patrão,  
 E um serviço sem feitor,  
 È como um sítio sem dono,  
 Quem quer que seja o senhor (est. 7).

O poeta popular ao desenvolver este tema no folheto explicita de forma consciente o seu pensamento e sua visão de mundo, que está permeada pelo que o autor gostaria ou não de expressar, como se ao dizer algo, deixasse implícito o oposto do que foi dito. O poeta tentando ridicularizar uma determinada personagem acaba por exaltá-la e honrá-la, destacando suas estratégias de atuação, promovendo o que aparentemente queria depreciar e achincalhar, fazendo sobressair o que ele gostaria de ocultar. Pode-se exemplificar o que foi dito através de um dos folhetos de Leandro Gomes de Barros: **A Sogra enganando o Diabo**, onde o autor, na trama desenvolvida, versa sobre o encontro e desafio da sogra com o Diabo.

Na intenção de desqualificar a sogra o poeta a compara com o Diabo, que ao enfrentar a sogra é por ela ludibriado e vencido. Mesmo que não tivesse a intenção, o poeta acaba por promover a esperteza e genialidade da sogra em suas estratégias para fazer frente ao Diabo, não somente o enfrentando, mas também dominando-o e vencendo-o, como demonstra a habilidade discursiva do imaginário poético, nas estrofes abaixo:

Minha sogra era uma velha  
 Bem carola e rezadeira,  
 Tinha o seu quengo lixado,  
 Era audaz e feiticeira;  
 Para ela tudo era tolo  
 Porque ela dava bolo  
 No tipo mais estradeiro.  
 Era assim o seu serviço:  
 Ela virava o feitiço



Por cima do feiticeiro!(est. 3)

-Dê-me isto! Grita o diabo,  
Em tom de quem sofre agravo.  
Diz a velha :-Não dou mais!  
Tu, agora, és meu escravo!  
Disse o diabo:- danada!  
Meteu-me numa 'quengada',  
Sou agora escravo dela,  
E disse com humildade:  
- Dê-me a minha liberdade,  
Que esticarei a canela!(est. 7)

O poeta popular quando faz uso do seu dom poético, o faz imbuído de toda uma discursividade que expressa à ideologia e visão de mundo e do imaginário coletivo popular de seu tempo. O cordelista, baseado em suas interações e relacionamentos com o meio e com a sua cultura, discursa de tal forma que, ao fazer poesia o autor deixa em seu texto marcas da sociedade, seus valores familiares, suas experiências, enfim o contexto social, em que está inserido, deixando em sua linguagem marcas e valores culturais de sua época, como é exemplificado no folheto **Uma viagem ao céu:**

Bem dizia meu avô:  
Sogra nem depois de morta  
Fede a carniça de corpo  
A língua da alma corta  
Não diz assim quem não viu  
Uma sogra em sua porta (est. 29).

O principal aspecto influenciador da produção cultural do poeta Leandro Gomes de Barros se consolida em sua interação e relação com o contexto histórico-social cultivando os elementos, da cultura popular. A literatura de cordel constitui-se como polifônica no desenvolvimento desta temática, daí focalizarmos Bakhtin (2004) quando destaca a interação social que acontece através de muitas vozes explícitas e/ou implícitas, como vemos abaixo:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2004, p.123)

Na interação dos enunciados, as palavras dos outros (discursos e valores da época) são assimiladas, reestruturadas e modificadas pelo poeta, que se expressa não somente no que pensa e acredita, mas também no pensamento e desejo antagônico que promove inconscientemente e deixa transparecer, no que se tenta negar e ocultar, deixando escapar nas entrelinhas outro discurso, o que comprovamos com Bernadi:

Assim todas as vozes que se fazem ouvir no discurso romanesco são (ou devem ser) respeitadas enquanto vozes sociais e históricas portadoras de posturas sócio ideológicas que não coincidem com as do autor, mas são orquestradas por ele.[...] o autor apropria-se das palavras de um outro, com todas as intenções sócio ideológicas que estas palavras contêm e as utiliza para alcançar seus objetivos sem manifestar-se neles, mas servindo-se delas para retratar suas intenções.(BERNADI, 2001, p. 44-45)

Tudo fica explicitado, no folheto **A sogra enganando o Diabo**, onde se promove a imagem de uma sogra habilidosa e esperta que domina até o Diabo e o obriga a servi-la:

Dê-me isto! Grita o diabo  
 Em tom de quem sofre agravo.  
 Diz a velha:- Não dou mais!  
 Tu, agora, és meu escravo!  
 Disse o diabo:- Danada!  
 Meteu-me numa 'quengada',  
 Sou agora escravo dela!  
 E disse com humildade:  
 -Dê-me a minha liberdade,  
 Que esticarei a canela!(est.7)

#### 1.1.4 Nuances poéticas

Os poetas populares do nordeste brasileiro têm sua inspiração poética associada aos aedos gregos da antiguidade que reproduziam e divulgavam os mitos, que manifestavam o imaginário popular grego, bem como aos trovadores medievais com seus romances tradicionais da Idade Média. Há registros de folhetos em que o autor ao iniciar a sua escrita invoca a sua “ancestralidade grega”, como podemos exemplificar através do folheto de autoria de Severino Borges da Silva de título: **O verdadeiro romance do herói João de Calais** que diz:

Vinde musas que habitam  
Nas regiões divinais  
Banhar-me nas santas águas  
Das fontes celestiais  
Que vou contar o romance  
Do herói João de Calais (est. 1).

O pensamento mítico está entranhado no imaginário popular, expresso pelo poeta popular em sua produção poética. Leandro Gomes de Barros ao representar a sogra em seus folhetos, não reproduz apenas o pensamento popular de sua época, como se surgido em seu tempo, mas representa valores que atravessaram os milênios e tradicionalmente constituíram o ideário da sociedade ocidental.

Partindo deste pressuposto, embora não siga por este caminho, é possível rastrear e identificar questões de gênero ligadas à figura feminina da sogra no universo da mitologia grega. A sogra tem sua aparição na mitologia, desde as relações tempestuosas entre os deuses, retratadas pelos poetas e dramaturgos gregos, que usavam a mitologia para explicar e representar os “conflitos familiares”, vivenciados pela sociedade grega. A socióloga Martha Hobles (2006) trata em seu livro **Mulheres mitos e deusas**, acerca das figuras mitológicas das poderosas deusas que interferiam nos relacionamentos, que uniam e separavam os cônjuges, que influenciavam as relações amorosas, e

que estão potencializadas e representadas na figura, que as sociedades patriarcais e conservadoras batizaram de sogra.

Os conflitos e as contradições de gênero, que familiarmente terão como protagonista a figura da sogra, nascem das diferenças e imposições que o homem vai estabelecer em relação ao sexo oposto, com a mulher ainda na comunidade gentílica e posteriormente com o modelo clássico de família nuclear. O poderio do homem, que estabelecerá uma relação de propriedade para com a sua mulher, será imposto, legitimado e representado culturalmente nos papéis que homem e mulher deverão representar sob a égide masculina androcêntrica.

Foi a partir do estabelecimento do casamento e da família monogâmica, que a figura da sogra começou a “ganhar fama” de ser mentora das mulheres noras, de serem opositoras do homem e responsáveis “externos” pela desarmonia e insucesso das famílias. Os conflitos familiares, nos quais os genros atribuem a “ingerência” de suas sogras, apresentam-se como uma das muitas oposições e preconceitos referentes, às multifacetadas identidades da figura da mulher, que exerce vários papéis ao longo de sua existência, enquanto menina, moça, esposa, mãe, avó e sogra. A dominação masculina estará presente em todas as fases e papéis representados pela mulher. A mitologia apresenta como se dará a representação desta imposta superioridade e domínio masculino sobre a mulher, que se manifestará de forma rígida e violenta, através das incontáveis lendas de caráter notadamente machistas que expressam o imaginário e inconsciente coletivo do domínio do macho sobre fêmea.

Nos recônditos do inconsciente coletivo, nos imemoráveis tempos mitológicos, repousaram imagens do feminino, associado e personificado nas entidades e qualidades da Deusa ou da Grande Mãe, que paulatinamente foi subliminado e eclipsado pela ascendente sociedade patriarcal que elencou valores associados à virilidade, como coragem, força, honra, espírito bélico, em consequência da desagregação da “harmônica” comunidade gentílica, construindo a partir de então um código ético pautado claramente, na figura do masculino, do patriarca.

No panteão de deuses e deusas do monte Olimpo grego, as entidades femininas se destacam pelas qualidades, operosidade e constantes intrigas. Na mitologia grega e em geral, curiosamente, as figuras femininas são em grande parte igualadas em poder às entidades masculinas recebendo igualmente honras e adoração de ambos os gêneros. Os homens gregos colocavam-se sob a égide, submissão e orientação das deusas, reconhecendo assim, de certa forma, a superioridade da mulher enquanto deusa, no plano imaginário. Essa figura feminina, sob este aspecto, não era extensiva à mulher no mundo real da sociedade grega. Do ímpeto avassalador das deusas gregas, surge segundo relata Martha Robles:

As Heras doentes pelo ciúme de seu Zeus luxurioso, as Afrodites em busca do amor; uma Circe feiticeira, senhora de seus domínios, tão versada na arte da palavra como hábil para transformar homens em porcos; há também Cassandras portadoras do dom da profecia, ainda que condenadas a que nunca se acredite nelas; Atenas combativas, esposas que atacam os maridos com um machado e incorrem na síndrome de uma Clitemnestra sem recurso de salvação; Medéias matricidas, enlouquecidas pelo desamor e pelo abandono (ROBLES,2006,p.15).

Excetuando-se os atributos e poderes imputados, a entidades femininas e as reverências e oferendas oferecidas às mesmas pelos homens que as reconhecem como a eles “superiores”, e também ao fato de a elas recorrerem para auferir favores podemos dizer que, frequentemente, os relatos mitológicos referentes à mulher em suas facetas identitárias as representam como seres potencialmente inferiores, frágeis e dependentes que necessitam da inferência da figura masculina para manter a ordem e harmonia do mundo. Os registros mitológicos parecem mostrar que em todas as culturas a mulher terrena é representada como sendo alguém de personalidade inconstante, carente de racionalidade, que age por meio de emoções instáveis, que não oferece confiança e que precisa constantemente da supervisão da figura masculina, sob pena da mesma cometer atos e deslizes, que podem lançar o mundo na

destruição, no desequilíbrio, em um desarmonioso caos. Assim compreende o poeta quando enfoca a sogra, invocando o avô do genro no folheto **Uma viagem ao céu**, para simbolicamente fortalecer o seu discurso:

Bem dizia meu avô:  
 Sogra nem depois de morta  
 Fede a carniça de corpo  
 A língua da alma corta  
 Não diz assim quem não viu  
 Uma sogra em sua porta (est. 29).

O mito de Afrodite pode ser exemplificado como um embrionário conflito sogra e nora, quando esta faz de tudo para afastar Psique de seu filho Eros. A relação tempestuosa das duas perdurou com todas as suas ambigüidades, contudo permanece “para sempre”, conforme registra Martha Hobles:

Seu mito é um dos mais perduráveis porque, ontem e hoje, um mistério indecifrável envolve a deusa da beleza. Tão odiada quanto invocada, Afrodite está sempre presente, sempre á espreita da paixão, sempre sedutora, sempre certa (HOBLES, 2006, p.85).

As reminiscências da sogra com elementos míticos viajaram da antiguidade clássica até o medievo, perpetuando assim os estigmas depreciativos em relação à mesma, que tem o seu dom da maternidade aviltado e grotescamente representado apontando de forma preconceituosa para o seu estágio de velhice apresentando-a como um estorvo para a vida familiar. Nesse mito medieval a sogra serve como referência para o genro, para que ele tome ciência de quem será sua esposa “amanhã”. Esse mito em que a sogra é referendada é citado por Simone Beuvaio (1980, p. 216), quando esta diz que:

[...] o horror à maternidade sobrevive. É interessante observar, em particular, que na França, desde a Idade Média, criou-se um mito secundário que permite a livre expressão dessas repugnâncias: o da sogra. Desde os fabulários até os *vaudevilles* é a maternidade em geral que o homem escarnece através da mãe da esposa, não

defendida por nenhum tabu. Ele detesta que a mulher amada tenha sido engendrada: a sogra é evidentemente a imagem da decrepitude a que votou a filha ao dá-la a luz; sua obesidade, suas rugas, anunciam a obesidade, as rugas da jovem esposa cujo futuro assim tristemente se prefigura; ao lado da mãe, essa jovem esposa não se apresenta mais como um indivíduo e sim como o momento de uma espécie; não é mais a presa desejada, a companheira querida, porque sua existência singular se dissolve na vida universal [...].

Outros elementos míticos poderiam ser discutidos, mas como não interessa a pesquisa dos folhetos, destacamos que desde a gênese de Afrodite, é possível estabelecer relações de estranhamento entre as identidades femininas multifacetadas, representadas por entidades míticas. Como figura feminina exerce vários papéis, em diferentes espaços e estágios de sua maturidade evolutiva, entre os quais estão o papel de menina, moça, mulher, esposa, mãe, avó e sogra como já foi referendado. Vemos que o gênero feminino vivencia em uma “mesma” mulher a ação cronológica e múltipla de condicionantes representações identitárias. Neste sentido vemos que:

As identidades são múltiplas e vão desde o eu, pessoal, contrutor da personalidade, aos múltiplos recortes do social, fazendo com que um mesmo indivíduo superponha e acumule, em si, diferentes perfis identitários. Estes não são, a rigor, excludentes por si mesmos, nem forçosamente atingem uma composição harmônica sem conflitos nessa espécie de rede poli-identitária que cerca o indivíduo (PESAVENTO, 2005, p.90).

Quando nos adentramos no tema da sogra sob a visão do poeta Leandro Gomes de Barros, enfocamos a sogra sob outras modalidades como se verá em seguida.

## 2. A SOGRA NA HISTÓRIA DO BRASIL

- O senhor já experimentou o remédio do Dr. Lacerda contra mordeduras de cobras? - Já e posso afirmar que é infalível. Faço uso dele todas as vezes que brigo com minha sogra (**Jornal do Comércio, 30 de janeiro de 1883, nº16**).

A figura da sogra no Brasil passa a ser registrada em imagens e crônicas a partir da chegada dos europeus, que vêm com estranheza e preconceito os costumes e práticas dos nativos brasileiros em seu confronto cultural. A representação da sogra indígena “curiosamente” está atrelada à figura estigmatizada e grotescamente representada como, de “velhas selvagens de seios caídos” que praticavam atos “bárbaros de antropofagia”. Percebe-se que a visão preconcebida que o europeu colonizador tem da sogra, influencia suas concepções e paradigmas em relação aos colonizados. O historiador Ronald Raminelli destaca que os missionários jesuítas franceses e os pintores que retrataram os costumes indígenas, principalmente a prática selvagem e bárbara (na ótica europeia) do canibalismo tribal, dão grande destaque à participação das mulheres idosas nestes rituais antropofágicos, representando-as como “suja, porcusa, descuidada da higiene, enrugada, de seios caídos e com um desejo incontrolável de comer a carne do inimigo” (RAMINELLI, 1997, p.37).

Além do estigmático estado de velhice da mulher indígena retratada pelos europeus, elas também são vistas como “demoníacas”, insanas e desumanizadas. Na descrição europeia das “facetas identitárias” femininas, a mulher indígena é vista como sendo canibal, velha, demoníaca e suja. A toda esta preconceituosa descrição, acrescenta-se o detalhe curioso que parece irrelevante, se não fora o preconceito, introjetado culturalmente em relação à figura da mulher velha e sogra, como atesta Raminelli, ao descrever a ótica de um jesuíta contemporâneo da época:



Também o padre Luiz Figueira notara a relação entre a sua aparência e os hábitos que tinham. Para esse religioso, a decrepitude e a decadência física das anciãs revelavam o terrível hábito de comer carne e roer ossos humanos. Seios caídos, rostos enrugados, corpo em franco processo de degeneração somava-se a dentes mais que deteriorados. Assim descreve o padre: “Quando ele (um índio) saía de casa, permanecia no recinto uma velha prima e com ela a *sogra*, que já não tinha dentes de tanto roer ossos humanos”. (RAMINELLI, 1997 p. 38-39).

As relações familiares no Brasil, reproduzindo a tendência mundial e, sobretudo européia, foram pautados pelos traços patriarcais conservadores, onde a figura masculina ficava ao centro, acumulando sobre si a função de ideologicamente, determinar, definir e regular os papéis e funções de homens, mulheres e crianças segundo sua ótica machista e excludente, na defesa da dominação masculina, passando a ser internalizada pelos membros da sociedade como sendo algo natural e normativo:

Moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõe-se a cada agente como transcendentais [...] (BOURDIEU, 2005, p.45).

Seguindo a lógica eurocêntrica da família burguesa, as mulheres brasileiras em suas facetas identitárias, receberam papéis e funções dentro da sociedade e da família, que deixaram marcas profundas na identidade feminina brasileira, ainda que haja movimentos de intelectuais, que denunciem e lutem pela originalidade e liberdade feminina brasileira, desvencilhada dos traços culturais exógenos. A consolidação do modelo de família urbana burguesa brasileira, e a irradiação da cultura eurocêntrica tiveram como seu principal eixo geográfico, o Rio de Janeiro, que na época era a capital do Brasil, e onde desde 1808 abrigava a família real portuguesa, que tentou a todo custo europeizar o Brasil, fazendo do Rio de Janeiro modelo de “civilidade” a ser seguido, em termos culturais e sociais:

O Rio de Janeiro, além de principal praça destinatária da importação de produtos do sul, era o modelo que se pretendia seguir; afinal, lá se encontrava a Corte. Do Rio de Janeiro chegavam os jornais com notícias, modas, questões que eram, em grande parte, transcritas nos jornais locais. As casas de modas anunciavam “moda no Rio”, os modelos de “civilidade” e “gosto”. (PEDRO, 1997, p.284)

O bombardeio de paradigmas, idealizados pela figura masculina no Brasil vão se estabelecer, e se justificar de forma mais contundente no século XIX, onde todos os meios culturais, políticos e sociais vão ser canalizados no sentido de estabelecer os padrões familiares conservadores a ser seguido, em especial o papel da mulher, pois sobre ela recairá a “responsabilidade da felicidade do lar” facilitando e viabilizando o domínio do “grande provedor” da família, o homem. A historiadora Joana Maria Pedro, diz que os jornais da época colaboraram para esse processo, ao divulgar o modelo de mulher “boa” para edificação de uma família feliz, tal como é registrado, em nota no **Jornal do Comércio**, que data de 1886:

A mulher boa, meiga, mas ignorante, pode - ainda assim – tornar o lar doméstico um asilo casto, uma enseada tranqüila. A mulher doce, carinhosa, mas instruída, de talento, com a dupla chama imaterial do amor e da inteligência a flamejar-lhe o coração e no cérebro, essa tornará o recinto da família prestigioso como um templo invencível como as mais roqueiras cidadelas. (PEDRO, 1997 p. 286).

A mulher brasileira na condição de sogra está atrelada e incluída nestes paradigmas, e “começa” a ter suas ações no contexto familiar, patriarcal conservador, registrada de forma negativa pejorativa e depreciativa, também no século XIX de forma pública, a partir de anedotas e ditos populares, publicada também em jornais oficiais, tais qual a historiadora novamente registra (PEDRO, 1997, p.287): ”- O senhor já experimentou o remédio do Dr. Lacerda contra mordeduras de cobras? - Já e posso afirmar que é infalível. Faço uso dele todas as vezes que brigo com minha sogra” (**Jornal do Comércio, 30 de janeiro de 1883, nº16**).

O poeta Leandro Gomes de Barros consegue enfatizar aspectos negativos da sogra, nesta perspectiva de Del Priore, no folheto **Vacina para não ter sogra**:

Porque que a medicina  
Estuda tanto e não logra  
Por exemplo um preparado  
Que dê mais valor à droga?  
Porque razão não inventa  
Vacina pra não ter sogra? (est.1).

Até o século XIX no Brasil, havia a prática nas regiões Norte, Nordeste e Sul, por questões econômicas e sociais, de manter a filha e o genro morando na casa dos pais da mulher ou nas proximidades, sendo assim uma tradição de residência matrilocal, permitindo ao genro habitar no mesmo teto com a sua sogra, sendo este talvez um dos motivos da animosidade e intrigas entre eles.

O poeta nordestino Leandro Gomes de Barros estaria incluído nesta prática de morar com a sogra, que tinha uma condição econômica privilegiada, em detrimento da sua condição de viver apenas e exclusivamente da venda de folhetos, o que socialmente não era bem visto, principalmente pela sua sogra, o que leva o poeta a uma percepção agressiva, através do discurso poético, a exemplo do que diz no folheto **Inferno da vida**:

Uma doença nos olhos,  
Uma mulher bem gasguita,  
Uma sogra *linguaruda*.  
Haverá quem as resista? (est. 4, v. 1,2,3 e 4).

Atendendo a nova ordem européia de família urbana e “civilizada”, a prática de morar com a sogra “caiu em desuso”, e passou a ser rechaçada por parte da sociedade, que aderiu ao modelo familiar exclusivamente nuclear, formado por pai, mãe e filhos, “excluindo” os demais parentes e principalmente a sogra, que teve sua imagem associada a características depreciativas na década de 80 do século XIX, como atesta novamente a citada historiadora (1997,p. 286), a partir de versos populares anônimos, escrito em décima, publicado em jornais da época:

Aos namorados  
Quem se casar nesta terra  
Não more com sogra,  
Porque sossego não logra,  
E vive em contínua guerra;  
Grita o genro, a filha berra  
Urra a sogra destemida,  
Acode a chusma atrevida  
Dos cunhados fariseus, e  
Por milagre de deus, escapa  
Um homem com vida.

**(Jornal do Comércio, 1886)**

Observa-se que o modelo de família burguesa, principalmente a partir do século XIX (década de 80), excluía a sogra do seu convívio e tornava a mesma o principal alvo de suas agressões e piadas. Este modelo sociocultural, que regulamentava as relações familiares, fundamentado ainda na concepção patriarcalista conservadora, rapidamente espalhou-se pelo território brasileiro, normatizando e expurgando a sogra do círculo de influência familiar. Provérbios, piadas, motejos e alcunhas cheios de preconceito e desdém pela figura da sogra, rapidamente “afloraram” e espalharam-se pela sociedade brasileira, justificando ideologicamente o lugar excludente da sogra na sociedade em geral, externando os problemas “mascarados”, de relacionamentos conflitantes, entre sogras, genros e noras. Como parte desta representação cultural do imaginário popular, que manifestava a memória coletiva dos valores e preconceitos do homem para com a figura da sogra, destaca-se a produção de folhetos, que dedicou parte significativa de sua produção a reproduzir de forma irônica e satírica, os paradigmas da mulher na condição de sogra.

As mulheres enquanto esposas e mães, paradoxalmente eram vistas, como responsáveis pela harmonia e equilíbrio da civilização dentro dos limites e restrições a ela impostos pela dominação masculina. No entanto, ao trasladar-se para a condição de mulher sogra, passa a ser objeto de escárnio e ojeriza. A força da pena que escrevia os jornais da época deixou traços e

cicatrizes profundas, que evidenciaram este disparate vivenciado pela mulher na migração identitária da condição de mãe para sogra:

As mães, homenageadas como as responsáveis pela civilização, pelo heroísmo, pela piedade cristã dos homens, eram percebidas como estorvo ao se tornarem sogras. Além disso, não se tratava de qualquer sogra, mas a do homem, o mesmo que escrevia nos jornais. (PEDRO, 1997 p.287)

Esta tendência de tratar de forma diferente a mesma mulher quando ela ocupa e adquire a mobilidade de esposa, mãe e sogra, tornou-se frequente e generalizada em todas as camadas da sociedade brasileira. Segue-se esta tendência em todas as manifestações e produções sócio-culturais, principalmente quando é a figura masculina que a elas se reporta. Outro agravante de sua relação conflituosa com sua sogra foi o que está registrado nos folhetos de Leandro, a exemplo de **Mulher em tempo de crise**:

A mulher ainda menina  
 É um arcanjo inocente  
 Como moça é uma flor  
 Como esposa uma semente  
 Com mãe é um sacrário  
 Como sogra uma serpente (est. 16)

## 2.1 A sogra e a sua relação com o sagrado

A relação da figura feminina com o sagrado está presente na mitologia, religiosidade e história de todos os povos, desde a antiguidade, ora sendo representada como sendo uma deidade divina com onipotência e onisciência, tal qual vemos na mitologia grega com suas “poderosas” e “provocantes” deusas, mas também como vítimas da discriminação e exclusão, como podemos verificar no pensamento judaico cristão, representado pelo apóstolo Paulo, que encarna um discurso misógino e androcêntrico:

A mulher aprenda em silêncio, com toda submissão. E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido; esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Todavia será preservada através de sua missão de mãe, se elas permanecerem em fé e amor e santificação, com bom senso. **(I TIMOTÉO 2: 11-15)**

A Idade Média ocidental vivenciou semelhantemente esse dualismo que ora exaltava a mulher atribuindo-lhe as maiores virtudes, ora rebaixava-a a categoria de mulher “tentadora” potencialmente cheia de defeitos e “feitiços”. Essa maneira dúbia de enxergar a mulher nos remete a Simone Beauvoir, quando esta diz que:

Eis por que é, ao mesmo tempo, a encarnação do sonho masculino e seu malogro. Não há uma só representação da mulher que não engendre de imediato a imagem inversa: ela é, ao mesmo tempo, a Vida e a Morte, a natureza e o Artíficio, o Dia e a Noite. Sob qualquer aspecto que o consideremos, encontramos sempre a mesma oscilação pelo fato de que o inessencial volte necessariamente ao essencial. Nas figuras da Virgem e Beatriz subsistem Eva e Circe (BEAUVOIR, 1980, p. 230).

A Igreja Medieval por sua vez elevou a figura de Maria, mãe de Jesus a condição de bem-aventurada, servindo de modelo à cristandade feminina, que passou a enxergar na mesma o referencial feminino para suas vidas. Embora a mulher a exemplo de Maria fosse reconhecida e exaltada pelos seus méritos e qualidades, a sociedade da época, dominada pelos homens, subjugou as mulheres reduzindo sua atuação e controlando seus espaços. De forma contraditória os homens medievais reconheciam as virtudes de Maria, a ela se referindo de forma respeitosa, mas, no entanto subjugavam e oprimiam suas mulheres no cotidiano de suas vidas.

No entanto, saindo deste campo da figura emblemática de Maria, será então a igreja católica a principal responsável pela divulgação de uma visão androcêntrica e misógina da mulher em todo o ocidente, e pela regulação e normatização, de todos os passos a serem dados pelas fiéis católicas. Com relação a esta marca da igreja, Bourdieu (2005) assim se refere:

[...] marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas á decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculcava explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres [...] (BOURDIEU, 2005, p.103).

Essa visão “sacra” da mulher e, por conseguinte da sogra, vai permear o imaginário da cultura popular em todas as suas expressões. No folheto de Leandro Gomes de Barros de título: **Vacina para não ter sogra**, ocorre o fato de um genro ir confessar-se a um padre, por haver assassinado sua sogra. O padre demonstra compreensão, tolerância e apoio, pelo ato cometido pelo “fiel”, tentando amenizar sua culpa, atenuando o crime cometido, “receitando-lhe” como penitência o digerir finas iguarias, que mais parecem um prêmio, pelo crime cometido, do que uma penitência expiatória:

Uma vez um missionário  
 Foi confessar um rapaz,  
 Esse disse: Padre mestre,  
 Eu sou um homem incapaz,  
 Matei até minha sogra  
 E pena alguma me faz (est. 15)

Então perguntou o padre:  
 E como isso sucedeu?  
 Disse o rapaz. Foi vacina  
 Que um boticário me deu,  
 Vacinou a meia-noite  
 Ela de manhã morreu (est. 16)

Então o padre lhe disse:

Filho isso não foi tão mau,  
 Se tu a tivesse morto  
 Com ferro, com pedra ou pau  
 Jejuarias três dias,  
 Com queijo e bacalhau. (est.17)

A mulher, ainda dentro da perspectiva do sagrado, por vezes é comparada à figura da serpente, que é uma das manifestações e expressões do Diabo cristão ocidental. No imaginário cristão foi o Diabo transfigurado em serpente, que principiou a história das desventuras familiares, através do episódio da tentação e da queda. Eva foi o instrumento utilizado pelo Diabo, para destruir a criação divina. Para ludibriar a Eva, o Diabo se transformou em serpente, que é símbolo popular da traição, falsidade e morte. A igreja católica desde o medievo veicula valores femininos alusivos a sedução e sagacidade da serpente. O poeta Leandro Gomes de Barros como interlocutor da cultura e visão popular de mundo apresenta em seus folhetos, a sogra comparando-a a uma cobra, como pode ser exemplificado nas estrofes dos folhetos **A alma de uma sogra e Como se amansa uma sogra**, respectivamente:

Então a primeira sogra,  
 Foi uma tal de mariana,  
 Tinha os dentes arqueados  
 Como a cobra caninana,  
 Ele casou-se na quarta-feira  
 Brigou no fim de semana (est. 6).

È mais fácil se amansar  
 Uma cobra veado  
 Do que uma sogra velha  
 Dessas do olho virado  
 Cabeça oval e seca  
 Cabelouro levantado (est. 27).

O poeta vai mais além e estabelece um nível de preconceito a partir de raízes atávicas, bem próprias de toda uma tradição cultural, que se cristalizou na imagem “eterna” de uma sogra autoritária e implicante, que induz a mulher a



rebelar-se contra o seu esposo, e só a morte elimina essa ameaça, conforme é dito no folheto **O testamento de uma sogra:**

Tendo-se a mulher em casa  
E a sogra na sepultura,  
Enterrada em massapê,  
Com dez palmos de fundura,  
O casal vive no céu  
Só se vê delícia e doçura (est.5).

## 2.2 A sogra no centro do preconceito

A mulher sempre foi alvo de preconceitos e de estereótipos que a colocaram simbolicamente na condição de inferioridade, de fragilidade e de debilidade, levando-as obrigatoriamente a viver na sombra e dependência, dos homens. A imagem preconceituosa a respeito da mulher foi construída através dos séculos, sendo legitimada pela ideologia patriarcal, machista e conservadora que a interpretou e a inferiorizou desde a antiguidade usando os parâmetros masculinos, tal como disse Platão que os homens covardes que foram injustos durante sua vida, seriam provavelmente transformados em mulheres quando reencarnassem, Aristóteles por sua vez reforçava este estigma quando pensava que as mulheres eram homens incompletos. Certamente não faltam exemplos na história antiga, medieval e moderna do preconceito contra a mulher. A mulher viveu sob a égide masculina, que através dos valores e costumes criou um código e estrutura familiar que a reduziu à condição de mera coadjuvante do macho na tarefa de procriação e perpetuação da espécie, quase que sem vontade e alma própria, submetendo-se aos desejos e caprichos do macho dominador, que a considerava propriedade sua. No Brasil esta visão preconceituosa da figura da mulher também foi idealizada e controlada pelo machismo patriarcal conservador, tal como é evidenciado nas palavras de Luísa Nagib (2006):

As mulheres foram proibidas de sair de casa desacompanhadas, foram obrigadas a casar com quem não queriam, quase não podiam freqüentar a escola, eram obrigadas a se vestir da maneira que seu pai ou marido ordenasse, não tinha direito de ter uma profissão, ficando confinadas ao espaço doméstico, não tinham direito de administrar seus bens e não possuíam patrimônio próprio.(NAGIB,2006,p.14)

Desde a década de 1960, as mulheres foram à luta, através dos movimentos de contestação, reivindicar a sua dignidade, singularidade e individualidade diante da milenar dominação masculina que a lançou no ostracismo enquanto ser, negando-lhe o direito de ter sua própria identidade, a parte dos valores patriarcais conservadores que a ela foram impostos. O movimento feminista empenhou bandeiras e fez conquistas significativas que possibilitaram ganhos para a causa das mulheres, no entanto a mulher ainda hoje é vítima de discriminação preconceito e de violência simbólica e física.

A mulher sofre a ação do preconceito e discriminação masculina, em todas as instâncias identitárias, desde a infância até a velhice, sendo essa condição agravada por questões sociais econômicas, políticas e culturais, se esta for pobre, prostituta, viúva, velha, analfabeta, lésbica, negra ou solteira. Pela questão racial, se esta for negra, pela questão social se esta for pobre e analfabeta, pela questão de gênero se esta for lésbica ou “solteirona” e por questão de “maturidade” se esta for divorciada, madrasta, viúva, sogra e idosa. A mulher também é vítima de preconceito por parte de algumas mulheres, que mesmo sendo do mesmo sexo, compartilham da ideologia e da dominação masculina.

Outra nuance do preconceito contra a figura feminina se dá através da discriminação regional, onde a mulher, oriunda de regiões consideradas “subdesenvolvidas” ou “atrasadas”, é inferiorizada por esta condição, como ocorre em relação à mulher da região Nordeste do Brasil. A mulher nordestina além de ser vítima de toda sorte de preconceito é estigmatizada como sendo uma mulher com características masculinas, uma “mulher macho”, sendo assim proclamada até nas produções culturais nordestinas, tais como na literatura de folhetos e nas músicas de forró, como na composição: Paraíba de Humberto Teixeira, que foi musicada, cantada e consagrada por Luiz Gonzaga. As

mulheres nordestinas a partir desta conotação passam a ser enxergadas como sendo muito trabalhadoras, com “trejeitos masculinos”, pouco atrativas, e seguidoras de padrões morais rígidos e tradicionais, sendo assim vistas como boas para contrair matrimônio e péssimas para o romance e a aventura. Evidenciando e denunciando este preconceito, Albuquerque Júnior assim se reporta sobre esta questão:

A mulher nordestina das camadas populares, que muitas vezes tem de assumir as atividades que eram realizadas por seus maridos, obrigados a migrar sazonalmente em busca de trabalho também aparecerá masculinizada, em grande parte da produção artística e cultural que se nomeia regionalista e nordestina. A mulher nordestina vai ser apresentada, quase sempre, como uma mulher capaz de assumir qualquer trabalho por mais duro que seja, mulher arraigada a valores morais rígidos e tradicionais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.113)

Adentrando o universo da mulher nordestina e brasileira destaca-se a sogra, vitimizada pelo preconceito, condição discriminatória e excludente presente, agravada não somente no Brasil, mas em todo o mundo, e não somente em uma região. A sogra está submetida a preconceito não só por parte dos homens, mas também por parte das mulheres. Em suma ela é vítima de preconceito generalizado.

A sogra é geralmente associada à velhice, sendo imaginada como sendo uma velha, uma bruxa, uma megera rabugenta, com muitas variações concentradas em uma só representação. No folheto de Leandro Gomes de Barros, **Uma viagem ao céu**, a sogra impede o seu genro de voltar do “além” com a solução para o seu problema financeiro, por este não querer levá-la consigo, nesta circunstância a sogra é descrita pelo poeta como uma velha com práticas de praguejamento, que a associa à figura de uma bruxa:

Aí a velha voltou  
Rogando praga e uivando  
Quando entrou no purgatório  
Foi se mordendo e babando  
Dizendo tudo de mim

Lançando fogo e falando. (est. 28)

A condição de sogra é algo que quase se impõe à mulher, pois a mesma cumprindo o curso natural de sua vida gerará outro ser, que, posteriormente, ao unir-se em casamento ao sexo oposto, a elevará obrigatoriamente à condição de sogra, transportando-se do patamar privilegiado e valorizado de mãe, para ser “rebaixada” à patente de sogra. O casar-se e ser mãe tornou-se uma opção da modernidade, ser sogra não é opcional, constitui-se ainda uma imposição dos moldes familiares tradicionais, pois neste estágio a mulher prontamente acumulou a identidade de mãe, vindo à condição de sogra a somar-se, caso a sua “prole” contraia matrimônio. Sendo assim, é possível dizer que independente de classe, raça, nível ou condição social a mulher, cumprida as etapas anteriores, será alçada a condição de sogra.

O preconceito contra a sogra é uma exclusividade imposta à mulher. Não há ao que parece na história e na literatura, registros de sogros estigmatizados e representados através de figuras maléficas, o que reforça o preconceito e discriminação dos quais a mulher enquanto sogra é vítima. No que se refere à sogra, esta se constitui quase que uma unanimidade em todos os povos e todas as culturas, sempre recebendo as mesmas alcunhas pejorativas por parte de seus genros e noras, como atesta o folclorista: “[...] e será difícil encontrar um povo onde a sogra não seja tema de perversidades e raiva constantes” (CASCUDO, 2001, p.828), o que o poeta explicita no folheto **A mulher e o imposto:**

Por que o casal com a sogra  
Nunca pode viver bem  
A sogra põe-se a catar  
As faltas que o genro tem  
Planta ciúmes na filha  
Daí a desgraça vem. (est.11)

O preconceito de que a sogra é acometida tende a agravar-se, por esta ser costumeiramente associada a uma identidade de mulher “madura”, no

sentido de ser uma pessoa de idade avançada (velha, idosa), pelo fato de no imaginário popular a sogra ser representada por uma mulher velha. Esta associação da sogra a da mulher “velha” é mais uma faceta do preconceito que geralmente atribui à inutilidade ao que é velho, principalmente se for mulher. A sogra é representada de maneira geral, como a mulher de mais idade, que já criou os filhos e não tem ocupação fora do lar, sendo, portanto um estorvo e ameaça à estabilidade das famílias, vivendo apenas para “intrometer-se onde não é chamada”. A sogra é discriminada por ser mulher e ser idosa, já tendo, portanto cumprido o ciclo de utilidade, por já ter criado seus filhos, e não apresentar mais em seu corpo, a viçosidade sexual tão almejada pelos homens.

A sociedade patriarcal não reconhece devidamente o valor dos serviços gratuitamente prestados pelas esposas, mães e avós, essas últimas, também sogras. A mulher é enaltecida e esteticamente destacada, como objeto de consumo, enquanto é jovem e bonita. Esta segregação da mulher enquanto “sogra velha” é registrada por Luís Câmara Cascudo ao definir o ideário popular sobre a mulher na condição de velha, que por sua vez assemelha-se à visão popular, a respeito da sogra:

Entidade maléfica ou grotesca, intervindo nas estórias para a função malévola de perturbar a felicidade ou dificultar a conquista legítima de alguma coisa. Como permanência da velha das tradições da Europa, misteriosa e cheia de poder, simbolizando segredos, a morte, as trevas, o inverno, reaparece em algumas superstições. O pesadelo é uma velha que oprime o tórax do adormecido [...] (CASCUDO, 2001, p.904).

A literatura de folhetos, na ótica do poeta Leandro Gomes de Barros, destaca esta visão popular. Nos folhetos analisados do poeta, que versam sobre a sogra, todos sem exceção representam a sogra como sendo uma mulher velha, sendo repetidamente, em quase todas as estrofes, chamada de velha, como se esta característica tivesse um cunho negativo de alguém decrépita, insana e decadente. No folheto **Como se amansa uma sogra**, composto de vinte e seis estrofes, o autor chama a sogra de ‘velha’, de forma

preconceituosa, catorze vezes. Abaixo temos um exemplo do que ocorre com frequência nos folhetos que associam a sogra à figura de uma velha:

Então eu lhe disse: velha  
 Eu cá não sou seu marido,  
 Se ele fosse como eu  
 Não andaria fugido  
 Eu faço você beber,  
 Chá de chumbo derretido. (est. 17)

Outro estereótipo preconceituoso atribuído à sogra é ser representada como uma mulher bruxa, recorrendo assim a uma das imagens da mulher medieval que era vista como feiticeira, cuja maldade é representada por uma velha portadora de feitiços, encantamentos e idéias heréticas que atentam contra a fé, os bons costumes e a ordem milenar da “sagrada e harmoniosa” família cristã ocidental. A associação da mulher velha à figura de bruxa também é carregada de estereótipo estético, pois a mesma geralmente é representada como uma mulher que foge aos padrões de beleza estabelecidos, tendo sua suposta feiúra ridicularizada ao extremo. É possível exemplificar essa associação da sogra à figura da bruxa, através de ditos populares tais como: “Minha sogra caiu do céu, a vassoura dela quebrou”. Cascudo (2001) também registrou essa tendência de associação do imaginário coletivo, da figura da mulher à representação preconceituosa e pejorativa de uma bruxa, destacando o verbete de título bruxa que assim a define:

[...] é no Brasil a bruxa européia, via Portugal, velha, alta, magra, enrugada, horrorosa de feiúra e hedionda de sujeira, coberta de trapos, com um saco cheio de coisas misturadas e confusas, andando de noite, misteriosa, sinistra, silenciosa (CASCUDO, 2001, p.191).

A descrição da mulher bruxa feita pelo folclorista é endossada pelo poeta Leandro Gomes de Barros, que faz uma descrição semelhante a respeito da sogra no folheto **A sogra enganando o Diabo**. A descrição feita no folheto corresponde quase que exatamente a bruxa como é popularmente conhecida:

Era audaz e feiticeira;  
 Para ela tudo era tolo  
 Por que ela dava bolo  
 No tipo mais estradeiro.  
 Era assim o seu serviço:  
 Ela virava o feitiço  
 Por cima do feiticeiro! (est. 3,versos 4-10)

O imaginário popular, manifestando outra faceta do preconceito contra a sogra, a representa e a compara a um animal geralmente peçonhento e asqueroso tal como a cobra, o porco e o urubu. É comum principalmente ao homem utilizar-se da figura animal ao referir-se aos seus inimigos com o intuito de desqualificá-los e ridicularizá-los. As tentativas de zoomorfizar os inimigos, podem até variar a função ou a intenção do insulto, mas estão sempre ligadas a uma relação social. Os insultos geralmente têm conotação social ou de gênero, sendo utilizados com o fim de humilhar e inferiorizar, estando quase sempre ligados a uma relação de poder, com o intuito também de demarcar os limites de sua dominação.

Os animais escolhidos para serem comparados às sogras têm em si características que são repudiadas e rechaçadas pela sociedade em geral, tais como a serpente, urubu e até um verme. A serpente é a comparação mais frequente em relação à sogra, quando são transferidas para a mesma a qualidade da traição, falsidade e o envenenamento peculiar a este animal peçonhento. Ainda em relação à serpente a principal associação está relacionada à sua língua, que costumeiramente está exposta a sibilar e a instilar veneno, semelhantemente à “língua da sogra” que na representação popular é o instrumento principal por ela utilizado para causar desavenças e desarmonia nas relações familiares, sendo, portanto uma imagem (língua), portadora de um simbolismo de cunho maléfico e atormentador.

Endossando essa tendência do imaginário popular, de zoomorfizar o objeto de sua antipatia, o poeta popular ao explorar a temática da figura da sogra, a compara a diversos animais, que além de cobra, inclui outros, tais como: dragão, jacaré, leão, touro, cabra, lagartixa, cadela e até inseto. Não faltam exemplos dentro das temáticas exploradas pela literatura de cordel em

que os poetas comparam pessoas a animais com o intuito de hostilizá-las e desqualificá-las. Os animais escolhidos pelos poetas populares em suas comparações geralmente são animais, considerados esteticamente “feios”, peçonhentos, ferozes ou com alguma característica reprovável aos olhos humanos. Um exemplo dessa “animalização” da sogra pode ser vista no folheto **A alma de uma sogra**, quando os interlocutores do enredo a comparam entre outros animais a um jacaré :

A quarta era fogo vivo  
 Chamava-se Ana Martelo  
 Filha de uma tal Medonha  
 Bala de bronze, cutelo,  
 Parecia uma jacaré  
 Desses do papo amarelo.(est. 10)

### 2.3 A sogra no imaginário literário

A representação do imaginário da figura feminina na literatura foi construído a partir da perspectiva misógina e androcêntrica, onde a mulher de forma geral é descrita, pensada e interpretada pelo homem. Embora a mulher seja uma constante nos motes e motivos da literatura, a mesma foi vítima da omissão masculina que obstaculou a manifestação dos seus mais profundos sentimentos, desejos e aspirações, relegando-as a condição de “bonecas de ventríloquo” que não falam por si mesmas. Mesmo que haja uma grande produção literária que registre e exalte a mulher enquanto musa e objeto do afeto masculino, permanece ainda uma lacuna, um silêncio ensurdecido por parte da literatura que insiste em estereotipar mulheres excluídas, tais como solteironas, viúvas, negras, prostitutas, lésbicas, velhas, sogras entre outras.

Na contemporaneidade, as mulheres têm alçado suas vozes, e feito ouvir-se através de vários canais, dos quais a escrita feminina é um deles. Mas ainda que, tenhamos mulheres escrevendo sobre mulheres, ainda assim, permanecem lacunas e abordagens que não foram “ainda” pensadas, a respeito da mulher.



A figura da sogra, em sua discreta aparição na literatura, provoca questionamentos e reflexões, pois além de ser pouco apreciada pelos genros, sofre o “preconceito da ausência” na literatura. O silêncio em relação à história das mulheres em geral, foi notório, embora hoje já não o seja tanto, porém há representações femininas que parecem não terem existido para os homens, que aparentemente não mereceram sequer registro na história.

Poderíamos citar como exemplo dessa quase invisibilidade em relação a sogra, o fato de na história da literatura hegemônica em língua portuguesa, termos o registro de apenas duas obras que tematizam a mesma. Uma das obras é um livro de contos do escritor português, José Valentim de Almeida Fialho, escrito em 1893 de título **O País das Uvas**, onde o mesmo registra em um conto intitulado de: A velha, o tratamento humilhante que uma sogra velha, mãe de um único filho, recebe de sua nora.

A outra obra em língua portuguesa é mais enfática em relação à sogra, onde ela e suas relações familiares burguesas são destacadas, sendo a mesma “reverenciada” pelos seus conselhos (expressos através de um manuscrito) sábios para preservar a família e o casamento de sua filha. Seus conselhos parecem beneficiar seu genro, que embora “reconheça” a grande ajuda que a sogra lhe devotou, não deixa de manifestar pela mesma o “contido” ódio por aquela que “perseguia o genro só pelo prazer de atormentá-lo, azedando a vida, intrometendo-se em sua vida íntima”. O genro conhecido por Leandro não deixa de alfinetar a falecida sogra com epítetos nada agradáveis tais como: demônio, víbora, jararaca e diabo de saias. Trata-se do livro escrito por Aluísio de Azêvedo em 1885, de título: **O Livro de uma Sogra**. Estas obras parecem reproduzir o pensamento preconceituoso que geralmente se tem em relação a sogra, como pode ser evidenciado através das palavras de Leão(amigo do genro) que assim se refere a sogra de seu amigo:

[...] – E essa, a que te referes agora, é aquela mesma, a célebre? Aquele terror, aquela moléstia, aquele mau que te roia a existência? Aquele diabo, a quem devias o implacável inferno em que vi espernear de desespero?[...] (AZÊVEDO,2005, p. 3-4)

Excetuando-se as citadas obras, “nada mais” foi escrito a respeito da sogra oriunda da pena dos escritores que representavam a elite masculina da literatura. Qual seria a razão da sogra despertar tão pouco interesse da parte dos literatos? O silêncio em relação a elas seria uma forma de demonstrar a sua aparente inferioridade e insignificância?

Se na literatura brasileira ortodoxa verificou-se quase que um profundo silêncio em relação às sogras, tal não aconteceu com a Literatura Popular em Versos, que traz em seu arcabouço considerável produção cultural onde a sogra é tematizada. A literatura de folhetos nordestina que sofreu influência da literatura de cordel européia adquiriu características peculiarmente brasileiras, sobretudo nordestinas, que a credenciaram a ser uma produção cultural originalmente nordestina, segundo atesta Márcia Abreu (1999).

O Nordeste do Brasil tem assim em seu arcabouço cultural uma expressão literária que embora trazida pelos europeus adquiriu aqui características peculiares que manifestam de forma singular a cara do seu povo, a sua identidade bem como a sua astúcia de fazer-se através da arte. A Literatura popular, que outrora, antes do advento das novas tendências teóricas e metodológicas do estudo da literatura e da história, era considerada apenas como sendo subliteratura e desqualificada para ser objeto de estudo, por fugir a padrões estéticos, e não compactuar com “verdades epistemológicas absolutas” que achavam que a cultura popular era apenas um detalhe inexpressivo demais, para merecer um estudo mais profundo e analisador da parte das ciências humanas. Hoje igualada em importância a qualquer expressão literária, a Literatura de Cordel delimita seu espaço, colaborando na construção do conhecimento e das expressões culturais populares.

A literatura de cordel chamada também de literatura de folhetos é uma destas manifestações que, de forma “transparente”, expressa a memória coletiva, através dos valores e padrões que constroem sua identidade. A Literatura popular em versos tem características eminentemente nordestinas, sendo os “maiores ícones” todos nordestinos, a citar como exemplo: Leandro Gomes de Barros (Pombal- PB), Silvino Piraúá (Patos-PB) João Martins de Athayde (Ingá- PB), João Ferreira de Lima (São José do Egito-PE), Manoel

D`Almeida Filho (Alagoa Grande-PB), Rodolfo Coelho Cavalcante (Rio Largo-AL) e José Pacheco (Porto Calvo – AL).

Entre a vasta e profícua temática versada na Literatura de folhetos nordestina, os poetas propalam temáticas diversas tais como: religiosidade, amor, honra, bravura, como também temas circunstanciais, tirados do dia-dia – seca, enchentes, lutas políticas, crimes e façanhas. O poeta popular, sendo nordestino e homem do povo constitui-se assim, tal como um catalisador da representação do imaginário popular e da visão de mundo do povo, utilizando-se do folheto para propagar assim os “conceitos e os pré-conceitos” populares em suas práticas sociais e culturais. A leitura e os estudos feitos a partir da literatura de folhetos, visando investigar as nuances do imaginário popular assinalam uma perspectiva para além do que foi dito, procurando perceber o que foi talvez “perdido” ao ser passado da oralidade para o impresso, como atesta Chartier ao dizer que “entre o estabelecimento do texto e a passagem a livro de cordel pode haver uma grande distância, que é assinalada por uma série de edições que nada têm de populares” (CHARTIER,1988,p. 129).

Na análise dos folhetos temos um campo vasto para explorarmos, lançando mão da memória popular esquecida e desprezada, por aqueles que acham que podem encastelar e restringir o saber e o pensar, daqueles que não estão ligados ao erudito, à cultura das elites, ou como argumenta Chartier(1988) à cultura letrada.

O registro na literatura popular em relação à sogra é feito quase sempre de forma estereotipada e estigmatizada, o que não é de admirar, haja vista que é feita pela pena do poeta popular, que representa o pensamento popular patriarcal conservador, que defende a superioridade e dominação masculina.

A sogra é satirizada na Literatura de folhetos nordestina como elemento humano de destaque negativo popularizado na memória coletiva, ora fixando-lhes atitudes ou maneiras de ser, ora traduzindo as relações conflituosas existentes. É notório que não obstante o fato de haver um significativo número de folhetos de poesia popular que explorem a temática da sogra, a representação da mesma é feita sempre por homens e quase sempre de forma negativa. No entanto, como já observado anteriormente, mesmo que intencional e conscientemente o poeta popular reproduza a imagem da sogra de forma negativa em seus versos, está implícito em suas palavras outro

discurso, um discurso polifônico, como se várias sentenças ali estivessem sem necessariamente concordarem entre si. Este discurso polifônico torna-se manifesto, no momento em que o poeta “diz sem querer dizer”, onde ele é enredado e traído pelas próprias palavras, acabando por reconhecer e exaltar as qualidades da sogra, como em **Alma de uma sogra**:

Porque antes de me casar  
A velha era tão prudente  
Eu disse com os meus botões  
Tenho uma sogra excelente ( est. 12, v. 3-6)).

Como se vê “a cada herói o mundo se apresenta num aspecto particular segundo o qual se constrói a sua representação”(BAKHTIN, 2008, p.25).

#### 2.4 O corpus da sogra na obra de Leandro Gomes de Barros

A representação da sogra na literatura popular em versos apresenta em seu arcabouço cultural uma considerável e significativa produção de folhetos, onde os poetas tematizam a sogra, como protagonista principal, aparecendo no título e servindo também de ilustração do folheto, ou aparecendo como personagem secundária, sendo citada nas tramas e enredos dos folhetos para acentuar e destacar a animosidade popular em relação à mesma.

Convém lembrar que na história da literatura de folhetos nordestina, o poeta popular que mais se dedicou a representar a figura da sogra foi Leandro Gomes de Barros, a julgar pelo que ele escreveu de sua autoria, conforme é registrado e testificado pelo professor Àtila de Almeida e pelo poeta pesquisador José Alves Sobrinho(1978), no Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada, que apresenta dez folhetos de autoria de Leandro Gomes de Barros, que tratam direta e especificamente a respeito da sogra, cujos títulos são : **A alma de uma Sogra (s. d.)**, **Como se amansa uma Sogra (s.d.)**, **Herança de uma Sogra (s. d.)**, **A morte de uma Sogra (s.d.)**, **A Sogra do Diabo (s.d.)**, **A Sogra enganando o Diabo (s.d.)**, **Um susto de minha Sogra(1910)**, **O testamento de uma Sogra (s.d.)**, **A morte de uma Sogra (s.d.)** e **a Vacina para não ter Sogra(1917)**. O poeta Leandro Gomes de Barros, mesmo versando a respeito de outras temáticas em outros folhetos,

de títulos que não tratavam diretamente da sogra, fez diversas referências sarcásticas e irônicas à figura da sogra, tal como pode ser observado em folhetos de sua autoria como: **Uma viagem ao Céu(s.d.)**, **Peleja de Leandro com uma velha em Sergipe (s.d.)** e **O Inferno da Vida(s.d.)**.

Convém mencionar que sendo a sogra, objeto generalizado de preconceito, ironia e sarcasmo na visão popular, esta recebeu de outros poetas populares, muitas discriminações, sendo tema de vários folhetos tais como: **A língua de minha sogra(s.d.)** de Minelvino Francisco da Silva, **A sogra mexeriqueira(s.d.)** de João Ferreira de Lima, **A sogra mixiriqueira(s.d.)** de João de Birra, **Os arrufos de uma Sogra** de Nelson Mamedes Fonseca, **A herança que minha Sogra me deixou(1965)** de Paulo Nunes Batista, **Diabruras de uma sogra** de Hildenor de Araújo Costa, **Uma sogra valente merece cacete** de Francisco Zênio, **O caso da boa sogra(1970)** de Felismino José Santos e **O cordel da sogra(2008)** de Isaías Gomes de Assis. Percebe-se pela significativa produção de folhetos, versando sobre a figura da sogra, que a mesma sempre esteve presente no imaginário literário popular coletivo.

## 2.5 A Sogra na mira do poeta

O poeta usou várias imagens e epítetos para representar a figura feminina, transmutando para os folhetos toda uma ideologia e valores calcados na sociedade patriarcal, conservadora, do Nordeste do Brasil, a partir da realidade social que o imaginário masculino produziu e idealizou, constituindo-se também, em uma questão de gênero, haja vista que a representação da mulher é construída pela perspectiva masculina, apontando para uma questão de gênero como é atestado por Cíntia Schwantes (1998), quando diz tratar-se de:

[...] uma construção social que cada época elabora a partir de suas necessidades econômicas e políticas, um ideal de feminilidade e de masculinidade, que permita á sociedade manter-se operacional através de uma divisão de tarefas entre seus membros  
(SCHWANTES, 1998, p. 19)

Utilizamos o poeta Leandro Gomes de Barros como exemplo desta descontinuidade que a mulher sofre na abordagem feita pelos poetas populares, pois se constata a partir da análise de suas obras, que os demais poetas da literatura popular em versos, fazem parte desta mesma seara ideológica e tem o poeta de Pombal como mestre e modelo a ser seguido. Partindo deste pressuposto, podemos deduzir que a sua visão sobre a figura feminina de forma geral é, por conseguinte, refletida e referenciada na obra dos demais poetas populares.

A representação da sogra constitui-se, na visão popular expressa através dos folhetos, de uma faceta identitária da mulher nesta condição cambiante de sogra, arraigada no inconsciente coletivo do povo em geral, que se utiliza do consumo das produções culturais criadas e idealizadas por poetas que compartilham da mesma visão, para achincalhar e ridicularizar a sogra, externando assim, seus estigmas e preconceitos contra a figura da mesma, ainda submetendo-a a uma ótica carnalizada que ironicamente se patenteia como uma forma de discriminação. A ironia como “um lugar em que se constrói [...], uma permanente oscilação entre o real e o imaginário” (DUARTE, 2006, p. 18).

## **2.6 A sogra no imaginário social**

A sogra na visão popular é evidenciada por um arcabouço imagético de cunho estigmatizador, que se percebe perpetuado e acentuado na memória coletiva, a partir da propagação oral e escrita de sua representatividade. Esta representação não é obra do acaso, nem se dá aleatoriamente, mas envolve no dizer de Certeau “estratégias e táticas”. Nesse universo multicultural “a história cultural busca identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 2002, p.16).

A figura da sogra e sua idealização constroem-se a partir do imaginário social, inserido em sistemas simbólicos de idéias e imagens de representações coletivas, de cunho autoritário e excludente, atendendo ao olhar inquisitorial da dominação masculina. Essa construção de uma imagem

negativa e pejorativa da sogra segue uma lógica de idealizações ilusórias e opressoras que delimitam e limitam os espaços de atuação e influência da sogra em detrimento da dominação masculina, que se consolidam no dizer de Pesavento (2005):

[...] através de matizes geradores de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio de representações que constroem sobre a realidade” (PESAVENTO, 2005, p.39).

A noção de representação, portanto, refere-se à atividade humana de classificar, dividir e delimitar a apreensão do mundo social, passando a organizá-lo em categorias fundamentais de percepção e apreensão do mundo real. O poeta popular enquanto intérprete do inconsciente coletivo, ao abordar a questão da sogra e seus conflitos relacionais, comanda atos constitutivos da realidade, do que Chartier chamou de “luta de representações”, medindo forças com o objeto do desafio comum aos dois gêneros: a sogra. Para Chartier, as lutas de representações ocorrem no lugar em que as estratégias são esboçadas, lugar este de disputa de poder. É justamente durante a luta de representações que se dá a construção de identidades gênero\sogra. Estas lutas pelo espaço do poder não podem ser desprezadas ou minimizadas:

As lutas de representações têm tanta importância como às lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p.17)

O poeta ao representar a figura da sogra através de imagens e estereótipos, faz emergir no campo simbólico, através da presentificação, alguém que ele desejaria que estivesse ausente, mas que ao mesmo tempo, pela suposta ausência denuncia a presença, tornando o representado vivo e potencialmente ameaçador, o que Pesavento atesta:

A representação torna-se um conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre a ausência e presença, a correspondência não é da ordem do mimético ou da transparência. A representação não é

uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. (PESAVENTO, 2005, p.40)

As imagens representativas da figura da sogra, construídas e expressas nos folhetos, definem limites e autorizam restritivamente os comportamentos e papel social que a mesma deve ter na sociedade dominada por uma ideologia patriarcal conservadora que impõe a sua maneira de ver o mundo, numa relação de forças desiguais e antagonicas. Na obra de Leandro Gomes de Barros, é possível comprovar a "torrente dos discursos", "avalanche de imagens literárias sobre a mulher (sogra), de que fala Perrot (2007, p.22), pela recorrência de representações do feminino.

A construção de sentidos e significados que se dão, no imaginário coletivo com relação à figura da sogra, não ocorrem apenas quando o poeta popular escreve e edita o folheto, impondo a maneira como queira que o mesmo seja compreendido, e assimilado simbolicamente por aqueles que o consomem. Este processo na verdade ocorre de forma "dualista", onde o leitor se apropria e interpreta o folheto, quando de sua leitura, utilizando-se de sua capacidade de inventar, distorcer e, até mesmo subverter significados, em que o poeta em foco é mestre.

Mas a leitura do objeto em destaque, que é o folheto cujo tema é a figura da sogra, é uma leitura, como diz Chartier "rebelde e vagabunda" podendo levar a formulação de significados bem distantes daqueles almejados ou previstos pelo esforço retórico do autor. Esta dicotomia escritor/leitor, ou produção e recepção, na busca de ressignificação da relação genro\sogra, nos remete à concepção defendida por Certeau que opõe os escritores - fundadores de um lugar próprio - aos leitores - caçadores furtivos, viajantes que circulam nas terras de outrem. Tal como ele diz:

Longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos servos de antigamente, mas agora trabalhando no solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas, os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los. A escritura acumula, estoca, resiste



ao tempo pelo estabelecimento de um lugar e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde ele passa é repetição do paraíso destruído (CERTEAU, 2002, p. 269-270).

Deduz-se assim que a representação da figura da sogra, em sua construção simbólica, segue um ciclo dicotômico que cresce e se fortalece, quando o folheto é produzido e editado pelo poeta, que reproduz a visão popular acerca da mesma, bem como quando, o folheto é consumido pelo leitor que ruma as imagens e idéias veiculadas pelo folheto. Recria-o, reinterpreta-o e devolve ao espaço da representação através da verbalização e da identificação, com o objeto comum de inimizade que se legitima e recree-se, acentuando o preconceito em relação à estigmatizada sogra. O leitor consumidor não absorve o folheto através de uma leitura passiva, ele estabelece uma relação com o objeto que consome e assim interage com o poeta na construção e ampliação, da imagem representativa da sogra. A imagem e representação da sogra promovida pelo poeta em seus folhetos contribuem para o ciclo vicioso do preconceito e discriminação contra a mulher, porém a insistência por expor, ridicularizar e silenciar a mulher sogra acaba por divulgá-la e promovê-la ressaltando a “contragosto” suas habilidades e genialidades que atemorizam a figura do genro e da nora. O poeta assim se posiciona, no folheto **A alma de uma sogra:**

Veio uma dessas ciganas  
Que lê a mão das pessoas,  
Leu a mão de um velho e disse:  
Vossa mercê anda á toa  
Das cinco sogras que teve  
Não obteve uma boa (est. 2).

È possível que aqueles que vierem a consumir o folheto, também contribuam para esta “promoção” da figura da sogra, à medida que estes podem ser atraídos pelo sugestivo folheto que foi produzido, não passivamente, mas interagindo, reinterpretando e reproduzindo a imagem tradicional da sogra.

### 3. OUTRAS NUANCES DA SOGRA

A língua de minha sogra  
 Cortava como tesoura.  
 Como bomba arrasadora,  
 De todo mundo falava  
 Com todos se intrigava  
 Quem a visse comparava  
 Com uma metralhadora.  
 (Minelvino F. Silva)

Nesta pesquisa de natureza bibliográfica dos dez folhetos que desenvolvem especificamente a temática da sogra, conforme já foram apresentados, foram selecionados seis para análise da representação da sogra. A análise se deterá na percepção que o poeta tem do tema e da realidade, no contexto em que está inserido. Daí uma perspectiva fenomenológica que apontará para uma hermenêutica e/ou descrição de folhetos, estrofes ou versos selecionados para estudo.

Os folhetos selecionados para análise foram: **Vacina para não ter sogra (1917)**, **A sogra enganando o Diabo(s.d.)**, **A alma de uma sogra(s.d.)**, **Como se amansa uma sogra(1965)**, **Um Susto de minha Sogra (1911)** e **Uma viagem ao céu(s.d.)**. Como foi dito anteriormente, além dos folhetos em que Leandro Gomes de Barros tratou especificamente da figura da sogra, o mesmo fez várias referências a sogra, em outros folhetos de sua autoria tais como: **Inferno de vida (s.d.)**, **A discussão de Leandro com uma velha em Sergipe (1963)**, **O peso de uma mulher(1915)**, **A mulher e o imposto(1911)**, **Mulher em tempo de crise(1917)**, **A mulher na rifa(1911)**, **O galo misterioso marido da galinha de dente(1911)**, **Bento o milagroso de Beberibe (s.d.)**, **A cura da quebradeira(1915)**, **O fiscal e a lagarta(1917)**, **O casamento de hoje em dia (1917)**, **O novo balão(1912)**, **A crise atual e o aumento do selo(1915)**, **O Recife(1908)**, **O imposto e a fome(1909)**, **A alma de um fiscal (s.d.)**, **A mulher do bicheiro(1910)**, **A mulher na rifa(1911)**, **A noiva do gato (s.d.)**, **História completa do casamento e mortalha no céu se Talha (s.d.)**, **A ausência dos bichos (s.d.)**, **A confissão de Antônio Silvino (s.d.)**,

**Descrição das mulheres conforme os seus sinais (s.d.), Os homens da mandioca (s.d), Recife (1908) e O gênio das mulheres (s.d.).**

Nos folhetos estudados é constante a nomeação de epítetos e associações negativas comparando a sogra aos mais diversos seres (humanos, sobrenaturais e animais), sendo que estes seres são geralmente representados como sendo possuidores de características caricaturizadas e estigmatizadas, repletos de potencialidades, para operacionalizar suas táticas a serviço do mal. Na caracterização pejorativa da sogra não faltam qualidades depreciativas tais como: Megera, maldosa, enganadora, cavilosa, fofoqueira, intrometida, destruidora etc. Como se pode constatar no folheto **A alma de uma sogra**:

[...]

Enredadeira exaltada

Cavilosa e feiticeira,

Intrigante e depravada (est. 7, v. 4, 5 e 6).

Vemos assim que vários tipos de sogras são representados nos folhetos, sendo que a intenção precípua do autor é denunciar e associar a imagem da sogra, quase sempre às idéias de veneno, astúcia, falsidade, maldade, traição, destruição e morte. Um olhar mais profundo a respeito da produção de Leandro Gomes de Barros, concernente à representação popular da sogra, acabará talvez, por revelar uma sogra, que este não gostaria que fosse ressaltada, ou habilidades e estratégias inteligentes da sogra, que o poeta mesmo não tendo a intenção, acaba por construir outra surpreendente faceta da representação da sogra, bem diferente da idealizada por ele, como nos versos do folheto **A mulher e o imposto**, abaixo citado:

[...]

Pois a mulher renascida

Podia a sogra sair

E se desgraçava um genro

A sogra tornando a vir (est.10, v. 3,4,5 e 6 ).

### 3.1 O Diabo da sogra no cordel

No universo do imaginário popular da literatura de cordel há uma incidência muito grande de referências à figura do Diabo associada à sogra. No senso comum forjado pelo povo, há ditos e provérbios que demonstram essa realidade, como podem ser exemplificados através de alguns ditos populares, que denunciam: “Só não mando a minha sogra para o inferno, por que eu tenho pena do Diabo”, ou “ Deus fez a mãe, mas o Diabo inventou a sogra”, e ainda” Eu ainda não matei a minha sogra, porque senão, quando morrer e for para o inferno, é capaz de o Diabo querer se vingar de mim, por ter mandado aquele troço para ele”. Também não faltam apelidos, comparações e associações da sogra com o Diabo, tais como: “Diabo de saia” e “enviada do Cão”.

A figura do Diabo, no imaginário popular, que aqui se faz representar pela literatura de cordel, é bem diferente da que é idealizada e divulgada milenarmente pelo povo, que o apresenta como opositor de Deus e do bem, que vive a maquirar o mal, a debochar e rir sarcasticamente de suas vítimas e atormentar no purgatório e no inferno aqueles que serviram aos seus intentos em vida. No cordel logo se percebe a associação do Diabo com o riso. O Diabo carnalizado é um Diabo risonho e feliz que sempre está a maquirar, enganar e jocosamente tirar proveito de alguém. Segundo Bakhtin, desde os tempos antigos, a doutrina cristã representou Deus como sujeito que não ri, e condenou o riso como atributo do Diabo.

Tertuliano, Ciprião e São João Crisóstomo levantaram-se contra os espetáculos antigos, principalmente o mimo, o riso mímico e as burlas. São João Crisóstomo declara de saída que as burlas e o riso não provêm de Deus, mas são uma emanação do diabo; o cristão deve conservar uma seriedade constante, o arrependimento e a dor em expiação dos seus pecados. (BAKHTIN, 1993, p.63)

A figura do Diabo é representada nos folhetos como sendo este um agente a serviço da sogra ou sendo a sogra um agente a serviço do Diabo, como se estes dois personagens confabulassem e atuassem conjuntamente com o intuito de atormentar a “obra-prima da criação divina” que é o homem e a mulher (genro e nora). Na variada produção poética de Leandro Gomes de

Barros encontramos em muitos dos seus folhetos, referências e associações da mulher em suas múltiplas facetas identitárias( não sendo exclusividade da sogra)com a figura do Diabo. A implicância e potencialização negativa desta associação, talvez esteja ligada ao fato de a figura feminina assumir características e atributos que somente aos homens é permitido ter, tais como: astúcia , inteligência e genialidade, características atribuídas ao Diabo, quando diz respeito à atuação das mulheres.

A mulher sedutora e encantadora também tem sua atuação atribuída a sua relação maligna com o Diabo que engana, seduz e arruína suas vítimas. O Diabo brasileiro que é de “origem” portuguesa é uma figura carnalizada que recebe muitos nomes e adjetivos, presentes no linguajar do Nordeste brasileiro, tais como: Cão, Tinhoso, Lúcifer, Belzebu, Satã, Afuleimado, Amaldiçoado, Demo, Bicho Preto, Cafuçu, Futrico, Mequetrefe, Rabudo, Excomungado, Mofento, Capeta, Capiroto, Tição, “Coisa Ruim” e Molestado. O Diabo é personagem bem presente no cotidiano do povo, sendo a ele imputado “tudo que não presta”.

Mas este mesmo Diabo é humanizado, através de atos e sentimentos que o tornam semelhante ao homem. O Diabo também é objeto de anedotas e feitos míticos que o tornam uma figura folclórica engraçada e atrapalhada, com características humanas. Na relação Diabo x sogra, às vezes o Diabo “se torna humano” e às vezes a mulher sogra “se torna Diabo” na execução de seus malignos projetos de atormentar genros e noras. Nos folhetos de cordel também é comum encontrar variados “pactos” feitos entre a mulher e o Diabo, formando assim parcerias que mostram sagacidade da mulher na realização dos seus intentos. Como pode ser exemplificado no folheto **A sogra enganando o diabo:**

[...]

Disse a velha: - não dou mais!

Tu agora, és meu escravo!

Disse o diabo:- danada

Meteu-me numa ‘quengada’

Sou agora escravo dela!(est. 7, v. 3,4,5 e 6)

A relação da sogra com o Diabo é de muita proximidade e “afinidade”, numa incrível parceria que visa infernizar a vida dos genros e noras. Em alguns aspectos o diabo torna-se auxiliador da sogra e em outros se torna servo dela, cumprindo-lhe as ordens. Os folhetos de títulos: **A sogra enganado o Diabo e A sogra do Diabo**, aparecem como os folhetos onde a comparação com a figura mitológica do Diabo ocorre com mais frequência de forma direta. O enredo do folheto **A sogra enganando o Diabo** conta a história de uma sogra que utiliza de sua astúcia para enganar o Diabo e subjugar-lo, tornando-o um subserviente servidor dos propósitos da sogra. Quando o Diabo depois de servir aos propósitos da sogra é dispensado dos seus malignos serviços, retorna ao inferno, mas encontra dificuldade para ser aceito de novo no inferno, devido a sua suposta ligação com a satânica sogra que “consegue” superar em maldade a figura do rei do inferno. O Diabo a serviço da sogra é um Diabo bem diferente do convencional, como destaca Carvalho (2003, p.4), quando diz que ele é “um personagem temido e querido ao mesmo tempo, e que não vive nas profundezas dos infernos, mas suficientemente próximo dos humanos até para se deixar enganar por eles”. Vemos que o Diabo na literatura de cordel, reproduzindo o imaginário popular, é passível de ser ludibriado e dominado. Assim o Cão não é “exclusivamente a personificação do mal, mas um elemento que convive com as pessoas do povo” (LUYTEN, 2005, p.48)

Os folhetos que representam a sogra como personificação diabólica, parecem demonstrar que o único ser que pode fazer frente à onipotente sogra é a figura do genro, que mesmo atormentado pela mesma consegue ao final “vencê-la”. No folheto comentado, vemos que a sogra não é vencida tão facilmente, a mesma é uma “assombração” que nem o poderoso e astucioso Satanás consegue “fazer frente” à mesma e muito menos vencê-la. O Diabo torna-se vítima da sogra, o que leva a sogra a ocupar o lugar do mesmo e apresentar-se como sendo, a ele superior, e muito mais poderosa e ardilosa, como pode ser constatado no folheto **A sogra enganando o Diabo**:

[...]

Ao caipora encaiporando,

Embaraçando seus passos  
 E com traiçoeiros laços  
 As sogras auxiliando... (est. 15, v. 7,8,9 e 10).

A figura do Diabo é retratada pelo poeta de forma “humanizada”, manifestando inconscientemente a tendência mitológica grega de humanizar seus deuses, assemelhando-os aos mortais, detentores de virtudes e defeitos, distinguindo-se apenas, por serem portadores de imortalidade e poderes sobrenaturais. O Diabo na visão popular assemelha-se a um homem com virtudes e defeitos tais como: astúcia, perseverança, inteligência, maledicência, maldade e falsidade, características estas também atribuídas à sogra. No imaginário popular brasileiro o Diabo também é mitologicamente representado pelo Curupira ou Caipora. A sogra é divinizada pelo poeta, ainda que de forma depreciativa, sendo representada com a “onipotência” característica das deusas gregas, disputando em pé de igualdade com o Diabo, os espaços de poder em questão, como se pode comprovar no folheto **A sogra enganado o Diabo**, onde a sogra consegue com sua astúcia dominar o Diabo, trazendo-o ao seu comando:

[...]  
 Disse a velha:- Pé de pato,  
 Farás o que eu te mandar?  
 Respondeu: - Pois sim, senhora,  
 Pode me determinar  
 Porque estou no seu cabresto (est. 8, v. 1,2,3,4 e 5)

O folheto acima citado traz em sua capa a arte da xilogravura que retrata o Diabo “revestido” de bode ladeado pela temível sogra. No imaginário popular nordestino expresso através da literatura de cordel, o Diabo bem como a sogra são comparados a animais, em sua maioria peçonhentos e repugnantes, como já falamos antes. O Diabo, por exemplo, é retratado de forma dantesca e associado a: bodes chifrudos malcheirosos, porcos imundos, moscas, morcegos e serpentes venenosas. A sogra por sua vez é representada por jacarés, dragões e traiçoeiras serpentes. O folheto em destaque é composto de versos metrificados em décimas de sete sílabas com quinze estrofes. O poeta

descreve a astúcia de uma sogra que consegue enganar e vencer o Diabo, através de suas habilidades estratégicas:

Dizem, não sei se é ditado  
 Que ao diabo ninguém logra;  
 Porém vou contar o caso  
 Que se deu com minha sogra.  
 As testemunhas são: eu,  
 Meu sogro, que já morreu  
 E a velha que é falecida.  
 Esse caso foi passado  
 Na Rua do Pé Quebrado  
 Da Vila Corpo Sem Vida (est. 1).

O folheto traz à luz a representação popular da sogra através da mística religiosa, apresentando-a como uma deidade maligna comparável e “superior” a figura mítica do Diabo. É recorrente o fato de que, comumente associa-se e compara-se o Diabo aos indivíduos, não somente para ridicularizá-los e denegrir sua imagem, mas também em reconhecimento de sua esperteza, sagacidade e genialidade, chegando a ser uma forma elogiosa de se referir a alguém, que conseguiu executar a contento um feito “impossível” aos olhos humanos, sendo por isso referenciado da seguinte forma: “Fulano é o cão!”, reconhecendo-se uma das virtudes diabólicas.

A sogra é representada de forma igualitária e com poderes paralelos aos do Diabo, com onipotência e potencialidade, ainda que sejam para executar sortilégios malignos destruidores. Até mesmo o Diabo reconhece a sogra como lhe sendo superior a ela submetendo-se. Observa-se então, a “exceção a regra”, onde a sogra sobrepõe-se e “vence” a figura do Diabo.. Nestes termos está colocada a superioridade maligna da sogra que se equipara ao reprovável Diabo:

Nisto, o diabo fugiu.  
 E quando a velha se ergueu,  
 Ele chegou de mansinho,  
 Dizendo logo:- sou eu!  
 Agora sou teu amigo



Quero andar junto contigo,  
 Mostrar-te que sou fiel.  
 Minha carta queres ver?  
 A velha pediu para ler  
 E apossou-se do papel (est. 6, v. 1-10).

O folheto prossegue apresentando o Diabo, agora como servo e instrumento nas mãos da sogra, havendo uma inversão dos tradicionais papéis, onde, geralmente, a figura feminina é apresentada com instrumento do Diabo para fazer o mal e atuar sob sua influência. O maligno está momentaneamente a serviço da sogra para executar os seus destruidores desejos. A sogra potencializa a maldade em sua plenitude, arquitetando e operando em seu papel de opositora do bem e da harmonia familiar, como se percebe no folheto que está sendo analisado:

[...]  
 Porque estou no seu cabresto  
 Carregarei água em cesto,  
 Transformarei terra em massa,  
 Que para isso tenho estudo;  
 Afinal, eu farei tudo  
 Que a senhora disser- faça!(est. 8, v. 5, 6, 7, 8, 9 e 10).

A trama é finalizada, quando o Diabo, após ser enganado e usado pela sogra, é por ela despedido e mandado de volta para o inferno. A religiosidade sempre presente no ideário popular nordestino é manifesta na figura do Diabo e sua maléfica atuação, bem como na crença milenar do inferno, da interseção dos santos católicos e no poder das “rezas” que conseguem manter firme a fé e superioridade masculina “ordenada pelo divino” sobre as malignas mulheres, representadas pelas sogras. A vitória da sogra sobre o Diabo não representa necessariamente aos olhos do imaginário popular, a vitória das mulheres sobre a figura masculina, pois a superioridade da maldade é sempre apresentada como sendo, covarde e pérfida o que é “totalmente” reprovada pelo imaginário popular nordestino, com é exemplificado no folheto já citado:

Aí entregou-lhe a carta

E o demo pôs-se na estrada,  
 Dizendo com seus botões:  
 - não quero mais caçoada  
 Com velha que seja sogra,  
 Porque ela sempre nos logral!  
 Foi, assim, a murmurar,  
 Quando no inferno chegou,  
 O maioral lhe gritou:  
 - Aqui não podes entrar!

- Então, já não me conhece?  
 Perguntou ao maioral.  
 - conheço, porém, aqui  
 Não entra com este sinal...  
 Estás com uma cruz na testa!  
 Disse ele: - Inda mais esta!  
 O que estás me dizendo?  
 Mirou-se dum espelho á luz,  
 Quando distinguiu a cruz,  
 Saiu danado, correndo!

E, na carreira em que ia,  
 Precipitou-se no abismo,  
 Perdeu o ser diabólico,  
 Virou-se no caiporismo,  
 Pela terra se espalhou,  
 Em todo lugar se achou,  
 Ao caipora encaiporando,  
 Embaraçando seus passos  
 E com traiçoeiros laços  
 As sogras auxiliando... (est. 12, 13 , 14).

Pelo que se representa na Literatura Popular em versos dentro do prisma do imaginário popular com relação à figura da sogra, parece estar longe de mudanças este estado de coisas que estereotipa a mesma, reduzindo-a à categoria de Satanás (etimologicamente falando, Satanás significa adversário) que se apresenta como opositora da paz e harmonia doméstica. Outro nome que este ser maligno recebe é o de Diabo (que significa acusador) que é

representado pela sogra que constantemente acusa e calunia o genro. No inconsciente coletivo do poeta popular e da memória coletiva que ele interpreta e é interlocutor, a associação do Diabo à figura da sogra, acaba trazendo à tona um paradoxal simbolismo, pois o Diabo na concepção popular sempre existirá, mesmo que queimando num inferno para sempre, ou seja, mesmo que a sogra seja estigmatizada e condenada pela dominação masculina o seu espectro continuará existindo para sempre mesmo que a mesma esteja morando no inferno. Pelo que se apresenta no folheto, talvez o conflito com a sogra “seja um problema sem solução”. A sogra também permanecerá para sempre e em todas as gerações, como um estorvo na vida dos genros. Dentro desta perspectiva é possível deduzir que o mito da “sogra má” permanecerá sendo um estigma que marcará esta fase identitária da mulher em seu papel mais odiado, o papel de sogra, chegando a superar a figura infernizadora e carnavalesca do Diabo, como podemos vê no folheto **A sogra enganando o Diabo**:

[...]

- Dê-me isto! Grita o diabo,

Em tom de forte agravo.

Diz a velha: - Não dou mais!

Tu, agora, és meu escravo! (est.7, v. 1,2,3 e 4).

Nos versos acima, o poeta finaliza o folheto deixando transparecer nas entrelinhas a contínua atuação da sogra, em seu espaço de atuação, que parece não ter fim, como se a mesma nunca pudesse ser vencida ou superada, nem mesmo pelo Diabo, que foi por ela subjugado e designado a ser seu eterno auxiliar em sua missão de “combater” genros e noras. É perceptível também que, implicitamente e inconscientemente o poeta popular reproduzindo o pensamento valorativo do povo, é traído pelas suas próprias palavras deixando escapar nas entrelinhas, outro discurso que aparentemente está oculto e que polifonicamente revela uma outra realidade. Vê-se que, a parte dos discursos oficiais de superioridade e dominação masculina abre-se “uma brecha” para taticamente às “frágeis” mulheres tirarem proveito dos homens,

fazendo frente as suas estratégias astuciosas de dominação e opressão. É nesta perspectiva que o poeta de Pombal finaliza o folheto:

[...]  
 Ao caipora encaiporando,  
 Embaraçando seus passos  
 E com traiçoeiros laços  
 As sogras auxiliando... (est. 15, v. 7,8,9 e 10).

### 3.2 A sogra na perspectiva pós-morte

Contrariando o pensamento religioso vigente em sua época, Leandro Gomes de Barros no folheto escrito em sextilhas setissilábicas, com oito páginas, de título: **Uma viagem ao céu**, carnavaliza o céu, o Diabo, o inferno e o purgatório. Em seu enredo é contada a história de um comerciante “falido”, que recebe o prêmio de visitar o céu, ainda vivo, por haver oferecido cachaça a uma “alma” que lhe apareceu e lhe fez essa benesse de em vida visitar o céu. No percurso de sua viagem ao céu, o mesmo observa o inferno, o purgatório, o Diabo, e aqueles que a tradição popular religiosa negou-lhes a entrada no céu, a citar como exemplo a figura do ateu:

Passamos no purgatório  
 Tinha um pedreiro caiando  
 Mais adiante era o inferno  
 Tinha um diabo cantando  
 E a alma de um ateu  
 Presa num tronco apanhando (est. 10).

Ao chegar ao céu é recepcionado por São Pedro que também experimenta a cachaça e em retribuição, dá-lhe muito dinheiro e mantimentos em fartura. Quando o homem está retornando a terra com toda a fartura, passa pelo inferno e purgatório, vindo a encontrar-se com sua sogra. A sogra pede que o genro a leve com ele, sob ameaça de ficar “preso” no purgatório, o que não acontece, e por intervenção da sogra o homem perde tudo quanto havia ganhado no céu. No enredo do folheto o poeta deixa claro que tudo começa a desequilibrar-se e a declinar quando a sogra aparece na vida do genro. Observa-se a falta de autonomia do genro que indiretamente se submete ao

autoritarismo da sogra. Há um processo carnavalizado pela inversão dos papéis, como se observa nas estrofes abaixo:

Eu descí do céu alegre  
 Comigo não foi ninguém  
 Passei pelo purgatório  
 Ouvi um barulho além  
 Era a velha minha sogra  
 Que dizia: eu vou também.

Eu lhe disse minha sogra  
 Eu não posso a conduzir  
 Ela me disse: eu lhe mostro  
 Porque razão hei de ir  
 E se não for apago o raio  
 Quero ver você seguir.

Nisso o raio se apagou  
 Desmantelou-se o trovão  
 O corisco que trazia  
 Escapuliu-se da mão  
 E tudo quanto eu trazia  
 Caiu desta vez no chão (est. 24, 25 e 26).

A sogra é responsabilizada pela desventura do genro que teria a chance de mudar de vida, não fosse a “maldita” ter aparecido e manifestar o desejo de voltar, obstaculando mais uma vez, até mesmo depois de morta, a vida do genro. Segue-se assim a “via crucis” da sogra, que continuamente é julgada culpada das desventuras e infortúnios do genro. É próprio do folheto descrever e julgar a sogra como opositora aos anseios e propósitos do genro. Os versos do folheto naturalmente reproduzem esta ideia de imputação de culpa, embora se possa ver neste discurso a sogra como vítima de exclusão social, razão por que a sua vingança é decorrente da ojeriza que provoca. Isto lembra Ginzburg (1998, p. 24) quando afirma: “As vítimas da exclusão social tornam-se os depositários do único discurso que representa uma alternativa radical às mentiras da sociedade [...]”:

Se não fosse minha sogra  
Eu hoje estava arrumado,  
Mas ela no purgatório  
Achou tudo descuidado  
Abriu a porta e danou-se  
Veio deixar-me encaiporado. (est. 31)

Não somente o Diabo, mas também o purgatório e o inferno são satirizados e apresentados paralelamente de forma jocosa e humana pela cultura popular que carnavalizou os sacros dogmas da igreja, que divulgavam uma idéia de tormento e tristeza fúnebre, creditando ao Diabo a alegria e o riso. O inferno e o purgatório representados pelo poeta, mas parece o mundo em que se vive, do que propriamente o mundo sobrenatural, constituindo-se assim no que afirma Norma Discini, ao citar Bakhtin:

A penetração dos elementos carnavalescos na visão oficial do inferno, fato consumado na obra de Rabelais, Bakhtin chama de carnavalização do inferno, como símbolo da cultura oficial, como encarnação do acerto de contas, como imagem do fim e do acabamento das vidas e do julgamento definitivo sobre elas, é transformado em alegre espetáculo, bom para ser montado em praça pública e no qual o medo é vencido pelo riso, graças a ambivalência de todas as imagens. (DISCINI, 2006, p.83)

È digno de nota que em todos os folhetos analisados nenhum apresenta a possibilidade ou a realidade da sogra ir para o paraíso após a sua morte. O folheto nos permite vislumbrar vários discursos intercalados entre si, que concorrem para a visão tradicional idealizada para a figura da sogra, mas também apresenta outros discursos, que apontam para outras possibilidades de escape e vitória para as sogras. O poeta popular novamente deixa escapar em seu discurso a sagacidade, esperteza e habilidade da sogra que consegue “driblar” o Diabo, aproveitando-se de “um descuido seu”, foge do purgatório e consegue ainda a façanha de arruinar a vida do genro, deixando-o “sem nada”:

Eu vinha com isso tudo  
 Que o santo tinha me dado  
 Mas a minha sogra apanhou  
 O diabo descuidado  
 Fiquei pior do que está  
 Perdi o que tinha achado (est. 29).

No folheto analisado, vemos que o autor colocou a sogra num lugar intermediário e não onde comumente o imaginário popular a sentenciou, o inferno, onde não há mais esperança de mudança ou salvação. Não obstante o fato de o autor atenuar a sua ira contra a sogra colocando-lhe num lugar intermediário, o mesmo a representa como morta, reproduzindo um provérbio popular que diz que: “sogra boa é sogra morta”. A sogra no folheto **Uma viagem ao céu** é apresentada como morta, no entanto ela continua bem viva e presente na vida dos genros e noras atuando estrategicamente e ocupando os espaços deixados pela sociedade em que se insere. Enquanto a sogra é viva, ela atua ativamente no meio familiar, mas mesmo após a sua morte ela continua “viva” nos discursos polifônicos daqueles que a amam e a odeiam, se perpetuando em sua atuação tanto na presença quanto na ausência. Seja a mulher na condição de sogra viva ou morta, estando no purgatório ou no inferno, a mesma se faz existir e “reinar” à revelia da animosidade dos genros e das noras, como pode ser visto em seguida:

Nunca mais voltei ao céu  
 Para falar com São Pedro  
 E ainda mesmo que possa  
 Não vou por que tenho medo  
 Posso encontrar minha sogra  
 E vai de novo outro enredo (est. 32).

### 3.3 A alma “penada” da sogra

Leandro Gomes de Barros escreveu outro folheto em que a sogra mesmo depois de morta, mais ainda não transportada para os carnavalescos purgatório e inferno, consegue uma forma de infernizar a vida do genro. O folheto tem como título: **A alma de uma sogra**, e traz em sua capa um desenho grotesco de uma mulher velha perseguindo o seu genro pelos ares. O folheto é composto em sextilhas, com versos de sete sílabas e constituído de trinta e três estrofes. O poeta descreve a má sorte de um cidadão que teve “a desventura” de ter tido cinco sogras. A introdução da cigana é um veio cultural, próprio da cultura popular, e se apresenta como uma ressonância crítica, enquadrada numa relação dialógica, na linha bakhtiniana (1992):

Veio uma dessas ciganas  
Que lê mão da pessoa,  
Leu a mão de um velho e disse:  
Vossa mercê anda à toa,  
De cinco sogras que teve  
Não obteve uma boa. (est.2)

Nos versos que se seguem o poeta descaracteriza a figura da mulher na condição de sogra associando-a a animais peçonhentos e monstruosos, e por fim, o poeta ainda não conformado com os epítetos pelos quais nomeia as sogras, a apresenta como sendo uma alma penada, um fantasma, um zumbi, que nem depois de morta deixa em paz o seu genro, vindo constantemente do além para atormentá-lo, como algo de quem nem a morte podem livrá-lo. Porém convém observar que ela “sempre” morre e ele (o genro) ora perde ora ganha a disputa, sobrevivendo às investidas dela advindas. As imagens remetem para a cultura cômica popular, herança medieval, a que Bakhtin caracterizou como realismo grotesco (1993). No julgamento que o homem faz de sua sogra, a condena ao inferno, comparando-a com o Diabo, sendo esta a personificação do mesmo na terra:

Disse a velha se mordendo:  
-Eu parto senão me acabo.  
Diabos carreguem meu genro,



Que nem sogra dá-lhe cabo,  
 Saíram então se mordendo  
 A velha com o diabo (est. 30).

Pelo que se representa na Literatura de Cordel e no imaginário popular com relação à sogra, parece estar longe de mudanças este estado de coisas que estereotipa a mesma, sendo assim, o mito da sogra má permanecerá sendo um estigma que marcará esta fase arquétipa da mulher em seu papel mais odiado, o papel de sogra. Na representação deste conflito entre sogra e genro, Leandro Gomes de Barros defende que o genro deve morar longe da sogra para ambos viverem o mais distante possível um do outro, e como solução final, segundo o imaginário popular, a tão desejada morte da sogra, isto quando a mesma não volta do além para atormentar o seu “querido” genro. A sogra neste folheto é associada a uma “alma penada”, tão comum no imaginário popular nordestino, onde os mortos “convivem” com os vivos e por eles intercedem junto ao seu Deus, e o devoto por sua vez reza-lhe orações e missas para amenizar o seu penoso sofrimento e ajudá-la a encaminhar-se para o seu destino eterno, para finalmente deixá-los em paz. Carnavalescamente todos permanecem vivos, até os mortos:

Passei um ano e dois meses  
 Com febre sobre o chão duro,  
 Tinha febre todo dia  
 Trancado num quarto escuro  
 E a alma da condenada  
 Me esperando no monturo (est.26).

### 3.4 *Novercafobia*: o medo da sogra

Dentro da perspectiva carnavalesca e polifônica é possível dizer que a figura feminina que mais apavora o homem, chegando a causar-lhe pânico e desespero é a figura da sogra. É comum ao indivíduo atacar e defender-se de algo ou alguém que represente uma ameaça para o ser humano. No folheto: **Uma viagem ao céu**, o poeta apresenta o genro diante da realidade da perda

de tudo quanto havia conseguido, pelo fato de sua sogra tê-lo arruinado, assim finalizando a história:

Nunca mais voltei ao céu  
 Pra falar com São Pedro  
 E ainda mesmo que possa  
 Não vou porque tenho medo  
 Posso encontra minha sogra  
 E vai de novo outro enredo. (est., 32)

Em outro folheto de Leandro Gomes de Barros de título: **Como se amansa uma sogra**, é narrada uma luta corporal entre a sogra e o genro pela disputa de espaço e poder. Nesta renhida batalha o genro mesmo “vencendo a briga” contra a sogra, “reconhece-lhe” a bravura e sai ferido, de tão grande combate travado com um ser tão difícil de ser superado, o que demonstra a ameaça que a sogra representa na vida do genro. O poeta varia o sistema estrófico e rítmico, usando a sextilha com versos de sete sílabas e uma estrofe de dez versos, utilizando a métrica de cinco sílabas. E assim através de um estilo sutil, joga com a similitude, dando leveza à linguagem, para disfarçar a agressividade. Ao mesmo tempo, o poeta parece querer fazer rir, “procurando, num contato mais ameno com o leitor, sensibiliza-o para o lado lúdico e criativo do seu texto” (DUARTE, 2006, p. 62):

E assim que amansei  
 O leão tão furioso  
 A coisa mais carregada  
 O bicho mais perigoso,  
 Eu pensava não haver,  
 Inseto tão venenoso.

Bicha perigosa  
 Nem touro Zebu  
 Nem surucucu  
 De pico de rosa  
 Que fera teimosa  
 Que animal valente  
 Nem a ferro quente

A cabra temia  
Babava e cuspia  
Que me pôs doente (est. 25 e 26).

A sogra, no imaginário do inconsciente coletivo, é vista de forma pejorativa, quando é apresentada de forma patológica, como se esta fosse uma “doença contagiosa” em estado terminal, que é um mal incurável, que deva estar isolada sob pena de contaminação letal. Ao causar pânico no genro e na nora, a sogra se consolida como uma ameaça, que se apresenta como uma força paralela, desestabilizando a autoridade do homem (genro).

A sogra constitui-se uma ameaça e causa terror ao genro não somente no mundo imaginário, mas também no mundo real. Referimo-nos ao fato de, entre outros fatos, constar-se oficialmente reconhecida em relação à sogra, a síndrome do pânico. O medo da sogra, ou a temível fobia de sogra, entre tantas fobias catalogadas pelo psicólogo Roque Teófilo, é intitulado de “*novercafobia* ou *pentherafobia* que é definida como “aversão e medo mórbido irracional, desproporcional persistente e repugnante à sogra”. A fobia de sogra estaria relacionada, quem sabe, por inferência à projeção que o homem faz do oposto da mãe carinhosa, que cuida e protege, associando a sogra, à figura da mãe relapsa, ríspida e exigente que impõe medo e intimida. Observa-se o fato de que a mulher como sogra, constitui-se de forma unânime pelo genro e pela nora, como um ser maligno e atormentador, cuja presença causa incômodo e fobia, como pode ser comprovado nos folhetos estudados

A representação da sogra habita o inconsciente coletivo da alma humana, como uma ameaça, como uma feiticeira que está constantemente, dentro dos limites de sua atuação, atentando contra a “harmonia familiar”, prevalecendo-se da condição de mãe de um dos cônjuges. Esta representação da sogra, no papel a ela atribuído tal como uma feiticeira, tem seu poder acentuado e colocado a serviço do homem, quando esta se alia ao seu filho na condição de mãe, para oprimir a nora, sendo assim utilizada como instrumento de tirania e dominação sobre a nora, servindo ao propósito masculino de perpetuar seu status de dominação sobre a mulher na condição de esposa e

nora de sua mãe. A mãe sogra exerce para o homem nesta condição, o papel de mãe que preserva e cuida de sua prole e zela para que ninguém substitua seu lugar no coração de seu filho. A sogra na representação popular prossegue sendo o terror que apavora o genro, conforme o poeta registra no folheto

**Discussão do autor com uma velha em Sergipe:**

Só esse nome de sogra

Faz ele todo tremer (est. 38,v 5 e 6)

A assustadora epidemia da sogra prossegue no imaginário popular traduzida pelo folheto de título: **Vacina para não ter sogra**, onde Leandro Gomes de Barros narra à história de um genro em busca de uma vacina que lhe imunize da terrível “peste da sogra”, que se alastra pelos casamentos, ameaçando a paz familiar: O folheto registra o diálogo do genro com um inglês, onde vemos o lamento “desesperado” de um genro que apela para a medicina, para que esta invente uma vacina para não ter sogra. O inglês diz ser possível confeccionar a vacina e prescreve para o amigo uma receita caseira para que o amigo logre êxito contra esta “doença”. É interessante observar como o poeta se torna perspicaz no sentido de apresentar “a visão de mundo, o sistema de valores, a moral e as crenças da gente a quem é destinada essa poesia – gente que pertence ao mesmo mundo de seu[s] criador[es]” (AUTORES DE CORDEL, 1980, p. 9) . O poeta num arroubo de desespero apela para a medicina no intuito de solucionar o conflito com as sogras, propondo a invenção de uma injeção letal, para eliminar a mesma definitivamente:

Porque é que a medicina  
Estuda tanto e não logra  
Por exemplo, um preparado  
Que dê mais valor á droga?  
Porque razão não inventa  
Vacina pra não ter sogra?

Isto dizia eu um dia,  
Falando com um inglez.  
Disse o inglês: Mim já viu  
Essa vaccina uma vez,

È um remédio sublime,  
Mim antes de casar já fez (est. 1 e 2).

È possível perceber desde a primeira estrofe, a forma preconceituosa como o poeta refere-se à sogra, ao mesmo tempo que consegue estabelecer o riso, centrado no humor, como forma de ironizar a situação.

No enredo do folheto o gênero insiste na busca de uma vacina e no tom jocoso do inglês fica subentendido a ação praticada pelo interlocutor. Foi um recurso utilizado pelo poeta para brincar e fazer humor. O Poeta apresenta a sogra como uma cobra venenosa, que tradicionalmente do seu próprio veneno se retira o antídoto para combatê-la. Da mesma forma que a cobra traz na saliva de sua língua o veneno mortífero, semelhantemente é da “língua da sogra” que se retirará o remédio para neutralizá-la:

Eu então lhe perguntei:  
Como é essa vaccina?  
Disse o inglez: Oh! tu pega  
Uma sogra bem ferina,  
Bota o cuspo della em ti,  
Que sogra ahi amofina. (est. 3)

A sogra recebe a culpa das desavenças presentes nas famílias, sendo representada como o inimigo número um da paz do lar, mascarando toda violência masculina, propondo que a sogra, a esposa, a mulher é a culpada e não o homem, e que a exclusão da sogra do ambiente familiar garantiria a harmonia da família. A sogra é representada como empecilho para a estabilidade e harmonia da família nuclear e dos casamentos das futuras gerações. Nestas estrofes abaixo o estilo se manifesta de modo polifônico, havendo o entrelaçamento do discurso do narrador com o discurso da personagem, um dando relevo ao outro. “O discurso, citado [(da sogra)] e o contexto narrativo unem-se por relações dinâmicas [...]” (BAKHTIN, 1992, p. 148) na intensificação da ironia:

Com essa vaccina, agora

O mundo há de melhorar,  
 A terra toma um impulso,  
 Tudo há de prosperar,  
 A mocidade de agora,  
 Não teme mais se casar.

Sogra boa, diz a filha:  
 Você veja seu marido,  
 Elle achando molle encalça,  
 O homem é bicho atrevido,  
 Seu pai também foi assim,  
 Mas, comigo tem tossido (est. 9 e 11)

Depois de expor de forma degradante a sogra e atribuir-lhe a fama de conselheira do mal, que somente semeia a contenda e a discórdia, o poeta prossegue advertindo os desavisados contra a ardilosidade da sogra, que sintomaticamente se manifesta em todos os casamentos atormentando e tirando a “saúde” do genro. O poeta popular através de seu folheto, em nenhum momento “alivia a barra” da sogra, enfatizando repetida e ironicamente, os defeitos e malefícios tormentosos, que a mesma é capaz de causar. O eu poético se dirige a um provável leitor e numa visão antitética (sogra boa e sogra ruim) desdobra o humor em profecia, ressaltando a escatologia irônica de uma situação em que o riso está embrionário:

Agora anlysem bem,  
 Uma boa faz assim,  
 Dá esses conselhos á filha,  
 O que não fará a ruim?  
 Enterra o genro inda vivo,  
 Péga Deus e dá-lhe fim (est. 15).

### 3.5 A sogra zoomorfizada

O Novo Dicionário Aurélio define Bestiário como “Livro em que na Idade Média se reuniam descrições e histórias de animais, reais ou imaginários, geralmente com ilustrações [...]”. A literatura de cordel faz uso do bestiário

como tema, como motivação e outras possibilidades. O pesquisador Maurice Van Woensel faz uma pesquisa minuciosa sobre os bestiários a partir dos modelos bíblicos até o século XX. Para Van Hoensel (2001, p. 26):

Mesmo sendo os bestiários pouco conhecidos atualmente, eles exerceram profunda influência na história da cultura ocidental: na iconografia religiosa e profana, no imaginário popular, na heráldica, na arte moderna, na literatura; até em várias expressões e locuções da linguagem atual encontramos alusões e referências aos bestiários.

O poeta Leandro Gomes de Barros vale-se do bestiário para introduzir a sogra, comparando-a a animais, cujo significado possa representar um sentido negativo, uma vez que a intenção do poeta, presume-se, é desenvolver um processo de rebaixamento, modo grosseiro de a ela referir-se nos folhetos. No folheto escrito em sextilhas setissilábicas de título: **A alma de uma sogra**, o autor narra a história de um genro e suas cinco sogras, que são comparadas com animais tais como cobra e jacaré, como se vê nas duas estrofes elencadas:

Então a primeira sogra,  
Foi uma tal de mariana,  
Tinha os dentes arqueados  
Como a cobra caninana,  
Ele casou-se na quarta-feira  
Brigou no fim de semana.

A quarta era fogo-vivo  
Se chamava Ana-martelo  
Filha de uma tal medonha,  
Bala de bronze, cutelo,  
Parecia um jacaré  
Desses do papo amarelo (est. 6 e 10).

Em **A mulher e o imposto**, o poeta aproveita a sua verve irônica para se referir à mulher e une a ironia e o humor para centralizar a sogra como pior que

o dragão. Logo, existe a relação entre a ironia e o humor, que na esteira de Held (1980, p.180), assim se apresenta: “No entanto, humor e ironia estão, as vezes, estreitamente ligados; tanto é verdade que o humor se tingem, às vezes de sarcasmo”, estabelecendo uma atitude crítica:

Pois o homem quando nasce  
 Traz logo a perseguição  
 Toma a mulher como cruz  
 Para mais condenação  
 Cai nas unhas de uma sogra  
 Que é pior do que dragão (est. 31).

A representação e associação de seres humanos a animais, seres mitológicos e predicados depreciativos são feitos sempre com o intuito de desqualificar o outro ou alguém por quem se nutre algum sentimento de animosidade ou inimizade, rebaixando-o a uma condição humilhante, tal qual diz Ferreira e Sá (2007, p.4) “A referência a um animal é feita para depreciar ou para emitir algum tipo de xingamento”. Esta é mais uma faceta preconceituosa da qual a sogra é vítima. Esta representação do gênero humano em forma de animais peçonhentos e ferozes não é exclusiva da literatura popular em versos, embora que nem sempre o animal usado como interlocutor ou representação expresse um sentido negativo, também não é recente a comparação do inimigo a um animal, conforme atesta o estudioso Campos:

È tão antiga como a própria humanidade a tendência do homem para emprestar aos animais a alma humana, com suas paixões, sofrimentos, virtudes e vícios. Ninguém ignora que escritores como Esopo, Fedro e La Fontaine imortalizaram-se escrevendo sobre animais e transferindo para eles a alma humana. (CAMPOS, 1959, p.31)

Van Woensel (2001) lembra o nome de poetas como Baudelaire, Apollinaire, T. S. Eliot, Claude Rorj, que fizeram uso do bestiário, assim como bestiários em língua portuguesa como Camões, Bocage, Fernando Pessoa, Bandeira, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto e a Literatura de Cordel.



Ao comparar a sogra a uma cobra o poeta evoca todo simbolismo que representa este animal tal como a falsidade, traição, artilosidade e seu poder letal, deixando transparecer que a sogra não é digna de confiança, que está constantemente maquinando o mal e espreitando a família patriarcal, instilando “seu veneno”, levando a sua cria a rebelar-se contra o homem, como se pode observar nos versos do folheto **a crise atual e o aumento do selo**:

A sogra do noivo não  
 Não é preciso selar  
 A sogra, a cobra e lacrau  
 Estão isentos de pagar  
 Graças ao veneno desses  
 Sempre puderam escapar (est. 36).

O poeta mesmo na intenção proposital de macular e desvirtuar a imagem da sogra comparando-a a animais, vez por outra, acaba, contraditoriamente, por compará-la a animais que merecem o respeito e o temor por parte do homem, como quando a compara ao leão, e conseqüentemente, chegando a elogiar a tão destemida adversária, deixando-se assim mais uma vez trair-se pelas suas próprias palavras “dizendo o que não queria dizer”, mostrando um mundo “às avessas”, como se a sogra em sua resistência, se apresentasse não como uma frágil e débil mulher, mas como uma “fera” que está disposta a lutar e a conquistar o seu espaço à revelia dos dominadores deste mundo. A comparação e reconhecimento da força animalésca da mulher (que chega a receber “elogios”) estão exemplificados, novamente no folheto **Como se amansa uma sogra**:

E assim que amansei  
 O leão tão furioso  
 A coisa mais carregada  
 O bicho mais perigoso,  
 Eu pensava não haver,  
 Inseto tão venenoso (est. 22).

Nas representações da sogra, que podem ser percebidas nas obras do poeta Leandro Gomes de Barros, é normal que um outro discurso se construa

paralelamente e diferente daquele que o autor, como interlocutor do pensamento popular, idealizou veicular através dos seus versos. Uma outra versão do conflito entre o homem e a sogra que deixa transparecer não uma mulher subjugada e subserviente, mas sim uma figura feminina que resiste à opressão e dominação masculina, que paralisa a ação da dominação do homem como diz Certeau (2002) “ocupando estrategicamente os espaços deixados pelas táticas masculinas”, constituindo-se em uma “nova” mulher bem diferente da figura débil e dependente do homem. O folheto **O novo balão**, evidencia essa poderosa sogra e seu poder de limitar o domínio do homem:

José Pereira da Luz  
 Esse ainda viajou  
 Chegou na porta do céu  
 Bateu porém não entrou  
 Devido a um lenço da sogra  
 Que no pescoço levou (est. 7).

A associação da sogra a um animal irracional é agravada pelo aspecto patológico, quando o poeta atribui a esta a possibilidade de contrair e transmitir a raiva. Em relação à sogra essa doença é a ela atribuída por ser culturalmente apresentada como uma mulher amarga, rixosa, mal humorada, iracunda que chega a um estado extremo, de tornar-se pela sua astuciosa atuação no seio da familiar, uma ameaça à paz e o equilíbrio dos lares, tornando-se incapaz do convívio social e por esse motivo são “condenadas” por genros e noras a viverem no ostracismo, solidão e a morte social, como alguém que já não tem mais função social, que pelo peso dos anos e a implicância torna-se insuportável aos olhos do genro e nora. O poeta é impiedoso e consegue representar traços culturais da região, através de uma criatividade como sentido de festa que emana da veia poética da gente nordestina tão comum no cordel, como é exemplificada no folheto **A alma de uma sogra**:

Por felicidade dele  
 Chegou-lhe a fortuna um dia  
 Deu a muganga na velha,  
 Chegou-lhe a hidrofobia,  
 Foi morta a tiros no campo

Graças ao povo que havia (est. 8).

### 3.6 A sogra como velha

Em quase todos os folhetos em que a sogra é tematizada ou citada, a mesma é representada como sendo uma mulher “velha”. A designação de velha atribuída à sogra naturalmente tem o objetivo de desqualificá-la, apresentando a velhice de forma preconceituosa, como se a velhice tornasse-a sem valor. A denominação da palavra “velha” comporta o estigma de um ser improdutivo, segundo os parâmetros da modernidade, não mais cumpre as funções sociais na família e na sociedade como um todo. Esse fato torna a “velha” vulnerável e alvo fácil de preconceito e desrespeito. É possível identificar termos que indiquem esse estágio da vida humana conforme aponta Mara Rúbia Sant’Anna:

[...] velhinho, desvalido, inativo, gerotino, idoso, membro da terceira idade são termos que permitiram, em circunstâncias históricas precisas, de forma distinta, identificar certas pessoas, cujos significados, além de representarem o velho por aspectos diferentes, também lhe atribuíram espaços e estatutos diferentes. (SANT’ANNA, 2000, p.18).

O estágio da velhice com seus problemas e vicissitudes, constitui-se, sobretudo em um problema, haja vista que estatisticamente em todo mundo a longevidade feminina é maior do que a masculina, como bem afirma (MOTTA, 1999, p. 208-209) quando diz que “[...] o envelhecimento torna-se, realmente, uma questão global e particularmente feminina”.

A mulher como idosa representa mais uma faceta identitária, cuja representação no imaginário popular geralmente é atribuída à mulher na condição de avó e sogra. Leandro Gomes de Barros não foge à regra e na estrofe abaixo, do folheto **Como se amansa uma sogra**, o apelido velha, além de agressivo é insultuoso:

Chegou um filho da velha

Que andava foragido  
A velha quase que o mata  
Ele saiu escondido  
Soube da luta foi ver  
Se a velha tinha morrido. (est. 27)

Observa-se que na trilha de Hall (2000) não há uma identidade fixa e plenamente unificada:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2000, p.13)

A mulher na identidade de sogra tem sua situação agravada por esta ser associada à “decrépita e decadente velhice” no imaginário popular. Na realidade o colocar-se na condição de sogra não é estabelecido em termos práticos pela idade, ou seja, a sogra não é necessária e obrigatoriamente uma mulher de idade considerada avançada. Como sogra sofre um processo de ruptura e deslocamento, sendo lançada à condição de velha.

A velhice associada à sogra na literatura de cordel, nos folhetos analisados, acontece sempre com o objetivo de infamar e depreciar a sogra, como se ser velha agravasse o seu estado e a tornasse mais desprezível, sendo necessária a intervenção de terceiros para que esta “entre nos eixos” e ande dentro dos padrões “normais”. A velhice da sogra destacada nos folhetos deprecia a figura feminina, apresentando a velhice como uma qualidade negativa e decadente acumulada pela sogra. Esta demonstração de preconceito e escárnio satírico em relação à velha sogra parece ser mais uma forma carnavalizada, da sociedade mascarar o preconceito, de forma dissimulada e anônima.

A referência à sogra como sendo uma velha, nos folhetos de Leandro Gomes de Barros, não é esporádica, pelo contrário, são muitas as alusões, sempre utilizando a categoria “velha” de forma depreciativa, como se fosse uma característica negativa. No folheto **Como se amansa uma sogra**, com vinte e seis estrofes, o termo ‘velha’ é citado catorze vezes. No folheto **A sogra enganando o Diabo** de quinze estrofes, o autor chama a sogra de velha treze vezes. No folheto **a alma de uma sogra** de trinta e três estrofes, ocorre à citação nove vezes. No folheto **Um susto de minha sogra** com oito estrofes ocorre três vezes. Como se vê, o poeta através de seus versos manifesta o preconceito popular em relação à velhice e, assim, se insere num contexto de discriminação, próprio da visão de mundo popular.

A mulher idosa, chamada comumente de “velha” tem essa designação não somente para sogra, mas também para avó e para as populares bruxas. No folheto **A sogra enganando o Diabo**, o poeta versa com esta estranha combinação de sogra, velha e feiticeira, numa nítida associação de características negativas, sobrepostas à sogra:

Minha sogra era uma velha  
 Bem carola e rezadeira,  
 Tinha o seu quengo lixado,  
 Era audaz e feiticeira;  
 Para ela tudo era tolo  
 Porque ela dava bolo  
 No tipo mais estradeiro,  
 Era assim o seu serviço,  
 Ela virava o feitiço  
 Por cima do feiticeiro!(est. 3)

A velhice assim colocada torna-se um elemento carnavalizado, na visão popular que mascara a percepção da realidade, satiriza a velhice da sogra, como sendo motivo de vergonha e ocultamento. Mas é esta mesma velha que em “todos” os confrontos com o Diabo consegue logro sobre este. No folheto já citado a sogra consegue astuciosamente vencer e tirar vantagem do Diabo, como pode ser demonstrado na estrofe abaixo:

Dê-me isto! Grita o diabo  
 Em tom de quem sofre agravo.  
 Diz a velha:- Não dou mais!  
 Tu, agora, és meu escravo!  
 Disse o diabo:- Danada!  
 Meteu-me numa 'quengada',  
 Sou agora escravo dela!  
 E disse com humildade:  
 -Dê-me a minha liberdade,  
 Que esticarei a canela!(est. 7).

Não é por acaso que a “velha sogra” logra êxito sobre o Diabo, no universo imaginário do folheto, o que lembra Bakhtin que em seus estudos sobre a carnavalização, nos remete a um passado longínquo e cita acontecimentos semelhantes, de uma outra “velha” conforme cita Norma Discini:

[...] tomemos outra personagem de *Gargântua e Pantagruel*: a velha que mostra ao diabo “sua como-é-que-se-chama” e por isso salva o marido das garras do inimigo. Essa velha é emblemática da cosmovisão carnavalesca e se encontra no episódio “De como o diabo foi enganado por uma velha papafigas”, narrado no Livro Quarto, intitulado “Dos fatos e ditos heróicos do nobre Pantagruel”(capítulo XLVII).(DISCINI, 2006, p.59).

A figura da velha que ludibria e vence o Diabo, é tão comum no imaginário popular, tal qual a madrasta de Branca de Neve que se transforma em velha para enganá-la, como também a classe dos papafigas, que no nordeste sofre uma transformações sendo associado a pessoas que eram portadoras de doenças como lepra ou morféia, atribuindo-se a degenerescência do sangue, para curar-se, alimentavam-se do fígado de crianças, conforme explica Cascudo(2001). Tanto o papafigas europeu, quanto o “papa-figo” do Brasil são associados à velhice “decadente”, e a “raça” negra que ameaça e aterroriza suas vítimas, agravando assim o preconceito. Esta associação negativa a velhice é percebida, conforme é dito na esteira de Cascudo (2001) que observa que o papafigo popularmente: “Convergia à figura

para o Negro Velho, o homem do Saco, Lobisomem, todo o ciclo do pavor infantil” (CASCUDO, 2001, p. 669).

### 3.7 O Corpo Grotesco da Sogra: as capas dos folhetos

Além de ser representada nas obras de Leandro Gomes de Barros em forma de versos, a figura da sogra é destacada através das capas dos folhetos, onde a mesma quase sempre é caricaturizada de forma grotesca e carnavalizada, através da arte popular expressa em xilogravuras ou desenhos “insinuadores”, que artisticamente expressavam o imaginário cultural popular e a visão de mundo do poeta em relação à sogra. Esta forma de representar a sogra seja ela, em versos ou na capa dos folhetos, nos remete ao realismo grotesco, em sua interpretação “deformada” da realidade e da visão de mundo.

Sendo assim compreendida esta forma grotesca com que a sogra geralmente é representada remete à representação carnavalesca do corpo, em que a prática astuciosa desta representação, traduz-se e materializa-se através do corpo “desfigurado”, e mais especificamente através dos membros compreendidos e destacados pelo ser maléfico, segundo o imaginário popular, através do uso de olhos, boca e língua. O corpo da sogra geralmente é descrito como sendo velho e deformado, reforçando o que Bakhtin chama realismo grotesco, que é focalizado nas imagens deformadas e exageradas do “baixo corporal”: a barriga, os órgãos genitais. No caso específico da representação da sogra, o destaque em suas imagens projetadas nas capas dos folhetos é canalizado para os olhos, boca e principalmente a língua da sogra, partes do corpo da mesma, que metaforicamente remetem a sua estratégica atuação no campo astucioso de genros e noras, que lhe imputam a vergonha de serem maledicentes, linguarudas e de terem olhos “grandes” e enfeitiçadores, que espalham toda sorte de fluídos negativos. As representações da imagem retratada na capa dos folhetos apontam também para corpos femininos amortecidos e debilitados, associando a sogra a uma mulher envelhecida e “acabada”. Tal realidade é comum também nos versos em que ela é tematizada, aparecendo sempre como uma velha rabugenta e deformada. Assim pode-se identificar culturalmente elementos representativos da sogra,

que à luz da literatura popular em versos se encaixam nos conceitos bakhtinianos, nos folhetos de Leandro Gomes de Barros.

A prática de colocar ilustrações desenhos ou xilogravuras nas capas dos folhetos é relativamente recente. Atribui-se ao poeta João Martins de Athayde o pioneirismo da introdução de ilustrações nas capas dos folhetos. No livro **Autores do cordel** (1980, p.5) referindo-se as ilustrações é dito que:

Assim surgiram clichês de artistas de cinema ou de cartões postais, poses de namorados para histórias de amor, ilustrações de filmes de mocinho para folhetos que narrassem valentia. Depois veio a xilogravura que constituía-se em gravura, feita em um taco de madeira (imburana) que podia ilustrar diversos folhetos de temas análogos.

As ilustrações das capas dos folhetos parecem refletir e traduzir todo o vasto e variado imaginário popular formado acerca da sogra, como pode ser evidenciado a seguir pelas capas analisadas.





A capa do folheto **A alma de uma sogra**, fixa o imaginário popular, quando retrata a sogra como sendo uma mulher “velha”. Observa-se que o desenho da capa em evidência apresenta ao centro uma mulher idosa, vestida caracteristicamente a época com vestes próprias de uma mulher de idade, com cabelos penteados e “presos”. Aparenta estar de mau humor, com um olhar intimidador e inquisidor, tal qual concebido pelo imaginário popular

O corpo da sogra, numa exposição que lhe deprecia através de imagens grotescas e caricaturadas e representado não só em Leandro Gomes de Barros como em outros poetas. Várias partes do corpo da sogra são representadas de forma carnavalesca, através do que Bakhtin chama de realismo grotesco. O realismo grotesco é estabelecido a partir das imagens metamorfoseadas, deformadas e exageradas do “baixo corporal”.

As partes do corpo da sogra, grotescamente ressaltadas estão ligadas a alguns orifícios, tais como olhos e boca. Mas no universo da carnavalização o maior destaque é a folclórica língua de sogra, que chegou a ser transformada em brinquedo e souvenir dos antigos carnavais, numa demonstração da representação das mágoas e ressentimentos que genros e noras nutrem pela sogra e que são satírica e comicamente extravasados através da festa popular carnavalesca, quando é possível externar seus reais sentimentos sem nenhuma censura e parodiar o cotidiano.

A língua de sogra enquanto brinquedo carnavalesco aponta para o mundo real onde a sogra é estigmatizada pela sua “língua” afiadora, que interfere e inferniza a paz de genros e noras. As capas de folhetos que aqui são analisadas são exemplos desta deformação grotesca, da qual a sogra é vítima, apresentando a sogra quase sempre de forma negativa, com vistas a ridicularizá-la. No folheto **Vacina para não ter sogra**, Leandro faz referência à morte de duas sogras, e descreve o estado dos corpos das duas após a morte, chamando a atenção principalmente para a língua da sogra:

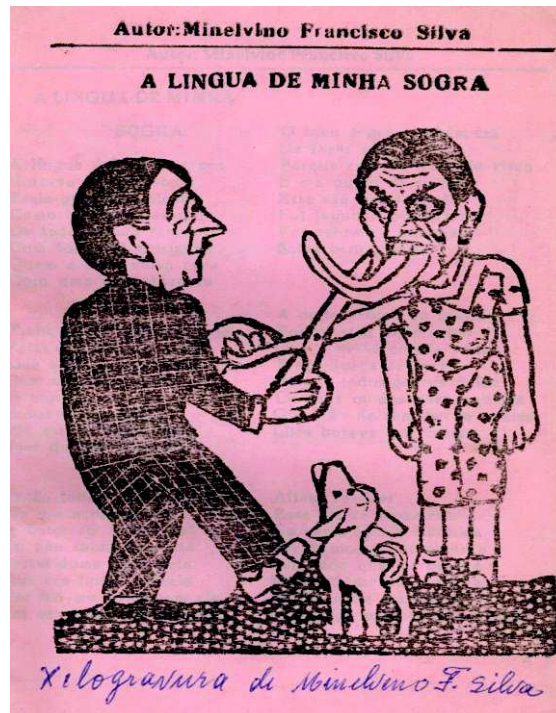
No lugar que elas morreram  
 Vinte anos não choveu,  
 A carniça da melhor,  
 Essa sempre apodreceu,  
 Isto é, porém a língua  
 O urubu não comeu. (est. 19)

O julgamento da língua da sogra, pela sua “arte de falar mal” é novamente enfatizada em um poema de Leandro, de título: **O Inferno da vida** que confirma esta característica representativa da sogra, em sua última estrofe, quando comentando sobre as relações familiares, enfatiza sua ação dizendo:

Uma doença nos olhos,  
Uma mulher bem gasguita,  
Uma sogra *linguaruda*,  
Haverá quem as resista?  
(est.3, versos 1,2,3 e 4 )

A sogra tem também seus olhos destacados pelo ato de comer, através da “criação” de uma guloseima, que tem a forma de um grande e acentuado “olho gordo” e que folcloricamente recebe o nome de Olho da sogra e que anteriormente era conhecido como “olho de serpente”. O ato de comer o olho da sogra não deixa de ser uma forma carnavalesca de se vingar dos olhares maldosos e maléficos da sogra no mundo real.

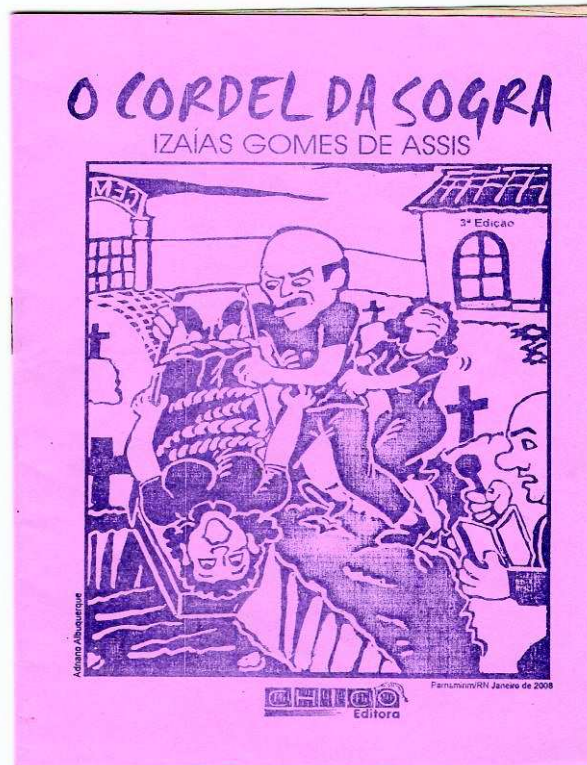
Nos folhetos de cordel, o realismo grotesco em relação à sogra, é percebido externamente nas capas dos folhetos, através de desenhos caricaturizados e xilogravuras que acentuam e deformam o corpo. Como pode ser exemplificada abaixo, pela capa do folheto projetado em xilogravura, de autoria de Minelvino Francisco da Silva, A língua de minha sogra:



A xilogravura mostra a “gigantesca” língua de uma sogra, que aparece de forma ereta, que de tão grande não cabe em sua boca. Além da gigantesca língua, a sogra é representada por uma mulher de olhos grandes e, com traços masculinos, apesar de vestir um vestido de chita com detalhes de bolinhas. A sogra parece paralisada diante da ação do que parece ser seu genro, que a ataca com uma avantajada tesoura com o intuito de cortar-lhe a língua e dar para o cachorro comer, numa nítida alusão ao imaginário popular que verbaliza, diante daqueles que difamam a imagem, de alguém “cortar-lhe a língua e oferecer para os cachorros”. A ação de “cortar a língua” aponta para grande insatisfação de genros e noras pelas constantes verbalizações nada agradáveis efetuadas pelas sogras que fofocam, difamam e ameaçam a paz doméstica.



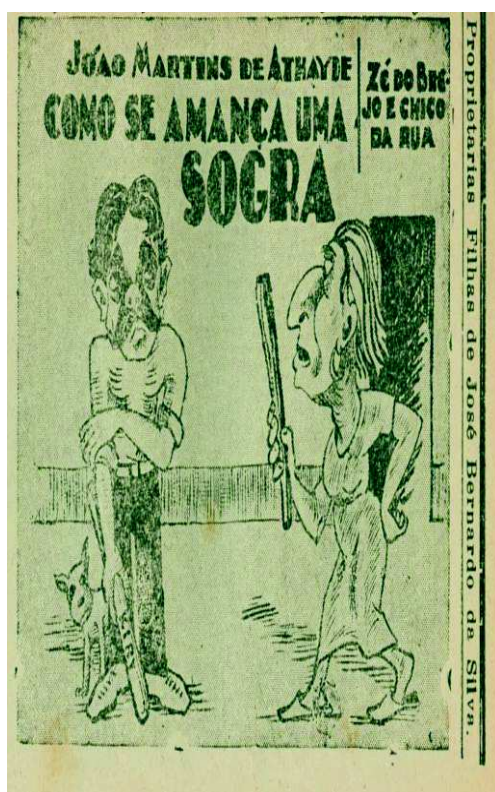
A capa do folheto **A sogra enganando o Diabo**, de Leandro Gomes de Barros, acima descrita, de igual forma representa a imagem negativa da sogra. O folheto traz em sua capa uma xilogravura, em que aparecem dois personagens: o Diabo e a sogra tal qual são idealizados pelo imaginário popular, que enxerga o Diabo com características de animais, geralmente descritos como bodes e bois, com barba, chifre, bigode, patas, orelhas acentuadas com o formato do corpo “deformado”, portando em sua mão um objeto que aparenta ser uma vassoura, característica dos bruxos e feiticeiras. O mesmo aparenta estar com raiva, soltando fogo pelas narinas, observando a sogra representada por uma mulher “madura”, de cara sisuda, que aparenta não temer o diabo, trazendo em sua mão um objeto que através da leitura do folheto se pode deduzir que seja uma carta ou documento que dará direito a dominar o Diabo, e torná-lo escravo.



Utilizaremos aqui um folheto que embora não seja de autoria do poeta em destaque, evidencia em sua capa que a contemporaneidade não aniquilou o preconceito e discriminação a respeito da sogra, e que a mesma segue sendo mote de folhetos até o dia de hoje, bem como de gracejos e provérbios de cunho pejorativo e discriminatório. A capa do folheto **O cordel da sogra** (2008) de Izaías Gomes de Assis (como ilustração) traz a imagem de um genro, que aparenta estar bastante irritado, enterrando em um cemitério sua sogra ainda viva, amarrada ao caixão, de cabeça para baixo, tendo ao seu lado sua esposa que tenta impedir a todo custo, que o seu marido concretize o seu intento. Toda a cena se passa diante “das bênçãos da igreja”, que se faz presente através da presença de um padre, que assiste a tudo, como quem está presente para legitimar o ato do genro em relação a sua sogra. A imagem reproduz um desejo folclórico dos genros traduzido através de uma anedota popular forjada no imaginário popular, que atribui aos genros às seguintes palavras: “quando minha sogra morrer, desejo que ela seja enterrada, em pé, de cabeça para baixo, para não correr o risco de ela voltar à vida e reencontrar o caminho de volta para minha casa vindo novamente a atormentar a minha vida”.

O desejo de se ver livre da figura da sogra é manifesta de forma patente, na imagem retratada no folheto, onde a caricaturada sogra recebe em vida a sentença de morte das mãos do seu genro, que não espera que esta morra naturalmente. O genro antecipa assim o enterro da sogra, mostrando as faces da violência praticada contra ela, amarrando a sogra e enterrando-a viva, mostrando sua força física para a sua “frágil” esposa que não tem forças para enfrentá-lo e impedi-lo que cometa este sacrilégio contra a sua mãe.

Na imagem também está presente a força do pensamento e paradigmas religiosos, que desde a idade média, elegeu a mulher como símbolo do pecado, da sedução e da feitiçaria, e que deve ser dominada e subjugada, para não comprometer a sociedade idealizada pela igreja. Percebe-se que a presença da figura do padre, não acontece por acaso, a mesma reforça o paradigma religioso milenar em relação à figura feminina.



A capa do folheto **Como se amansa uma sogra** de Leandro Gomes de Barros, que além das imagens contidas na capa, apresenta informações que dão conta que o folheto foi editado por João Martins de Athayde e posteriormente pelas filhas do poeta José Bernardo da Silva, que compraram

os direitos autorais a família de Leandro Gomes de Barros. Convém observar que esta edição omite a autoria do poeta de Pombal, insistindo na prática não recomendável entre alguns folheteiros de comprar os direitos autorais, e publicar como sendo de sua autoria um folheto escrito por outro poeta.

A capa do folheto acima retratado apresenta um desenho de um homem dentro de uma casa, arregaçando as mangas de sua camisa, prestes a se digladiar com a sua sogra, que é representada por uma mulher “velha”, com uma cabeça grotesca e disforme. Na imagem, ambos estão armados, portando um “pedaço de pau”, e demonstram através de suas feições um sentimento de ódio e desconfiança. No detalhe aparece à figura de um cachorro que demonstrando medo da sogra, se esconde por trás do genro, para amparar-se do confronto. A sogra não aparenta fragilidade diante da figura do genro, enfrentando-o de “igual para igual”, contrariando aquela imagem de mulher frágil e debilitada, que é vítima “calada” da violência do homem. A sogra, em destaque, contrapõe-se a esta imagem, mostrando-se potentosa diante do homem sem temer enfrentar o irado genro, ainda que no enredo e trama desenvolvida no folheto pelo poeta, a sogra venha a “apanhar” e perder o confronto.

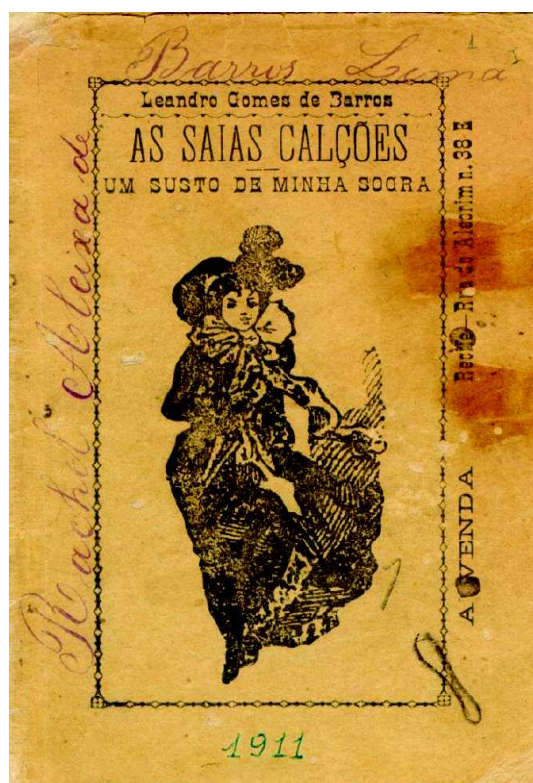


O folheto **Uma viagem ao céu** de Leandro Gomes de Barros, cujo enredo trata de um comerciante falido, que por fazer uma caridade a uma alma, consegue a recompensa de visitar o céu, recebendo tudo de que precisa para mudar a sua situação. A alegria do comerciante acaba quando este ao passar pelo purgatório encontra-se com sua sogra, que o obriga a levá-la consigo. O mesmo nega-se e a sogra o faz perder tudo que recebera, voltando à mesma situação. A capa do folheto é ilustrada por um desenho que parece indicar o momento do retorno do comerciante a terra, após sua aventura pelo céu, e desventura de ter perdido tudo que recebeu no céu, devido à ação “maléfica” da sogra. A sogra, representada no desenho, seguindo a tendência preconceituosa do imaginário popular é apresentada como sendo uma velha esquelética e esquálida, ou seja com formas grotescas. No desenho a sogra do comerciante vem em seu encalço perseguindo-o e assombrando-o. Na imagem o genro está abaixo de sua sogra, invertendo-se assim os papéis “tradicionais” onde o homem “está por cima”, ordenando e subjugando a mulher, para ser perseguido e oprimido pela mulher representada pela sogra. O desenho denuncia uma mulher forte que tem poder de atormentar e vencer o homem, caso este ouse enfrentá-la. A imagem assim parece expressar os discursos polifônicos, que deixam transparecer o inconsciente imaginário, que contrariando os paradigmas misóginos e androcêntricos, mostram uma mulher que faz o homem temer e tremer.

È notório o fato de que a imagem da sogra diferente das outras capas de folhetos analisados, não aparece em algumas capas de folhetos, talvez por que a mesma apareça em seus versos apenas na segunda história versada no folheto.

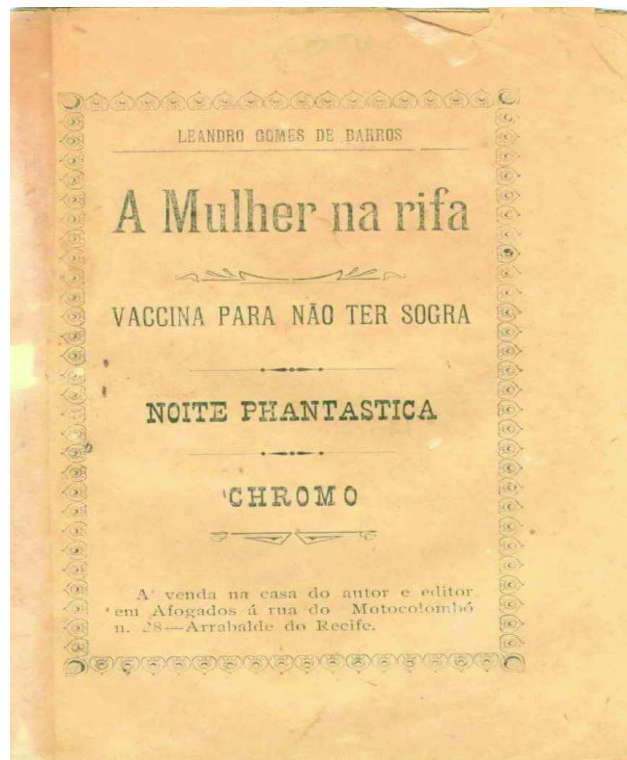
A ausência da imagem da sogra na capa ocorre em outros folhetos de Leandro Gomes de Barros que tratam diretamente sobre a sogra, a partir do próprio título, e que aqui foram analisados tais como **Um susto em minha sogra, A alma de uma sogra, Vacina para não ter sogra**. Uma possível justificativa da ausência da sogra na capa dos folhetos, talvez ocorra pelo fato de que estas histórias foram publicadas em folhetos que traziam várias outras histórias em um mesmo folheto, o que era comum a época em que foram editados, quando os autores editavam histórias pequenas em um único folheto.





Um exemplo desta prática dos poetas do início do século XX é demonstrado na capa do folheto acima, onde constam os títulos de duas histórias, vindo em maior evidência a primeira história com o título **As saias calções** seguida pela outra história de título **Um susto em minha sogra**:

Outro exemplo de capa de folheto de Leandro Gomes de Barros, que traz várias histórias em que esta inclusa **Vacina para não ter sogra**, mas que não apresenta em sua capa xilogravura, desenho ou fotografia, constando na capa apenas o nome do autor, títulos, lugar de edição e venda do folheto, o que era comum nos primórdios da Literatura de Cordel. Era comum também a época Leandro Gomes de Barros escrever várias histórias em um só folheto, conforme assinala **Autores do Cordel** (1980, p.8):” Autor, editor, proprietário, desenvolve suas histórias em mais de um folheto, ou publicava vários em um folheto só, inventando todos os meios materiais para aumentar os seus proventos”.



Na apresentação das capas dos folhetos capta-se a intenção burlesca, “tida por Bakhtin como principal veículo da percepção carnavalesca do mundo” trazendo a tona esta gama de enfoques ou expressões em torno de um determinado aspecto da realidade de que nos fala Dias(1981, p.44)

### 3.8 A sogra: uma mulher sem nome

Observa-se que na representação que o poeta Leandro faz da sogra nos folhetos analisados, o uso de antropônimos, sendo que, quase sempre a sogra tem seu nome próprio omitido sendo tratada através de apelidos depreciativos, com o objetivo de ridicularizá-la em sua atuação. Parece ser proposital essa forma de o poeta nomear a sogra, retirando-lhe a dignidade que existe em se ter um nome que identifique a sua identidade. A insistência em apelidar a sogra, é extensiva a sua ascendência, que a semelhança da sogra recebe codinomes depreciativos.

O uso de apodos é feito quase sempre de forma pejorativa e jocosa. No caso dos folhetos analisados os apodos utilizados para nomear a sogra, geralmente são utilizados de forma exagerada para designar uma ou mais características da mesma de forma caricaturada e negativa, imputando-lhe

nomes depreciativos. O poeta ao tratar a sogra através de apelidos pejorativos parece demonstrar desprezo e preconceito pela mesma, o que é observado por Seide (2008, p.30) ao comentar o uso de apodos:

Outra possibilidade é a de se utilizar o apodo no lugar do nome próprio em virtude de o locutor não avaliar a pessoa de quem se fala como digna de ser tratada pelo nome completo. Nesse caso, a pessoa é vista pelo interlocutor como alguém sem nome, como uma pessoa qualquer.

O fato de alguns folhetos serem, talvez, produções culturais criadas pelo autor de forma ficcional, não justifica esta prática, pois outros tantos folhetos de semelhante origem, são protagonizados por pessoas com nomes fictícios, sendo tratadas de forma honrada pelos nomes para eles idealizados.

A sogra não somente é uma mulher “sem nome” na visão de Leandro, mas uma vítima de seus epítetos irônicos e pejorativos, com se explicita nos folhetos **A sogra enganando o diabo** na estrofe de número 2 e no folheto **A alma de uma sogra**, nas estrofes 9 e 10:

Chamava-se Quebra Quengo  
A mãe da minha mulher,  
Filha de Zé Cabeludo,  
Irmã de Victor Cascudo  
E de Marcelino brabo,  
Pai de Corisco Estupor;(est. 2, v. 1-2, 5-7)..

A terceira se chamava  
Genoveva Bota-abaixo (est. 9, v. 1 e 2)

A quarta era fogo vivo  
Chamava-se Ana Martelo  
Filha de uma tal Medonha(est. 10, v 1,2 e 3).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que a pesquisa foi sendo aprofundada percebemos que o número de folhetos em que Leandro Gomes de Barros fazia referência a sogra era bem maior do que inicialmente se apresentava, havendo dez (10) folhetos que tratavam diretamente sobre a sogra, sendo esta apresentada como protagonista do enredo e outros vinte e cinco (25) folhetos onde o poeta fez menção da sogra em seus versos incluindo-a no enredo dos mesmos. Podemos assim dizer que, guardada as devidas proporções, ele foi o escritor que mais escreveu sobre a sogra, na Literatura de Cordel e na literatura brasileira em geral. Outra constatação que a pesquisa revelou, foi o fato de Leandro Gomes de Barros ter sido o primeiro poeta popular a discorrer a respeito da sogra.

A pesquisa também revelou, que a mulher na condição identitária de sogra conseguiu como nenhuma outra representação feminina, canalizar para si a antipatia, inimizade e preconceito, de forma “unânime”, tanto do homem enquanto genro e da mulher enquanto nora, onde a implicância contra a mesma é partilhada não somente pelo homem, mas também pela mulher, que enxerga na sogra uma opositora em potencial.

Neste trabalho concluiu-se que a Literatura de Cordel ressignifica e amplia a visão do imaginário popular acerca da sogra, visão esta permeada de preconceito e discriminação em relação à mesma. O universo da visão popular acerca da sogra é ampliado pelo poeta de Pombal em sua insistência em macular a imagem dela. Uma das razões pela qual Leandro Gomes de Barros ridiculariza e ironiza a sogra talvez seja pelo fato do mesmo ter enfrentado problemas em relação a sua sogra que desfrutava de uma boa condição financeira, e que antipatizava o seu genro por este ser um “simples poeta”, que vivia apenas e exclusivamente de produzir folhetos de Cordel. Outro agravante de sua relação conflituosa com sua sogra foi o fato deste ser obrigado pelas circunstâncias financeiras, morar na casa da sogra por alguns anos, sofrendo “humilhações” da mesma, o que parece ter contribuído para que ele destacasse com tanta freqüência e tanta veemência a sogra de forma negativa em seus folhetos. Os folhetos quase sempre apresentam a sogra como estando geograficamente dividindo o mesmo espaço com o genro.

A representação da sogra que foi construída a partir da análise dos folhetos de Leandro Gomes de Barros revelou várias nuances culturais que o imaginário popular idealizou a respeito da sogra, descrevendo a mesma de forma pejorativa e depreciativa, comparando-a sempre de forma negativa no intuito de rebaixá-la.

Percebeu-se a insistência presente em quase todos os folhetos, em associar à sogra a figura do Diabo, sendo apresentada como uma expressão deste na terra, como alguém que inferniza a vida de genros e noras. Na visão carnavalizada da sogra em relação ao Diabo, a mesma apresenta-se como quem se compactua com o Diabo para fazer o mal ou faz com que o Diabo esteja ao seu serviço para lhe executar os intentos mefistofélicos. Nos folhetos, várias características foram atribuídas à sogra que a tornam semelhante ao Diabo, tais como: esperteza, falsidade, maldade e habilidade, características essas que somente aos homens é permitido ter. Logo, a sogra, na mira de Leandro Gomes de Barros, a luz do Cordel, representa a personificação da figura do Diabo.

A sogra também foi representada nos folhetos como sendo uma bruxa, que enfeitiça a filha ou filho em relação ao genro ou a nora, e que usa de “seus poderes” para infernizar a vida doméstica. A associação da sogra a uma feiticeira nos remete a Idade Média onde as mulheres que não se encaixavam nos padrões culturais da época eram estigmatizadas e perseguidas em seu proceder. Novamente percebeu-se que esta representação também é feita de forma a ressaltar aspectos negativos da sogra, com o fim de desqualificá-la.

Frequentemente nos folhetos analisados a sogra é comparada a animais, quase que sempre ferozes e peçonhentos que causam terror e repugnância ao ser humano, tais como: a cobra, o jacaré, o dragão e até mesmo a insetos. O poeta ao zoomorfizar a sogra metaforiza a mesma, de forma grosseira, além de usar de paralelismo gramatical entre a gradação de animais peçonhentos e até animais considerados como nobres tais como: o leão e o touro zebu. A representação zoomorfizada da sogra é feita com o fim de rebaixá-la de forma depreciativa quando compara a animais venenosos ou valorizar a sua vitória sobre a sogra quando a compara a animais portentosos, que lutam e resistem heroicamente ao domínio do homem.

A sogra foi nomeada nos folhetos de Cordel como sendo uma mulher sem nome sendo reconhecida apenas e tão somente através de apelidos pejorativos e degradantes, negando-lhe o direito e a dignidade de possuir um nome que a identifique enquanto pessoa, seguindo assim uma tendência popular de não mencionar o nome daqueles que são considerados inimigos, tratando-os de forma desprezível através de alcunhas pejorativas.

Outra representação que caracteriza a sogra nos folhetos é a de uma mulher velha e rabugenta. A velhice da sogra destacada nos folhetos deprecia a figura feminina, apresentando a velhice como um atributo negativo e decadente acumulado pela sogra. Esta demonstração de preconceito e escárnio satírico em relação à velha sogra parece ser mais uma forma carnavalizada, da sociedade mascarar o preconceito, de forma dissimulada e anônima. Na visão popular a sogra nunca é associada a uma mulher jovem e sim a uma velha insana e decrépita.

Outra representação presente nos folhetos é de uma sogra grotesca, a partir de imagens e descrições metamorfoseadas de seu corpo, visivelmente deformado na descrição feita pelo poeta, que de forma irônica e caricaturizada, destaca as partes do corpo da sogra que na visão popular mais infernizam a vida dos genros, tais como os olhos e a língua da sogra. Estas partes do corpo grotescamente representadas remetem simbolicamente a “ação maléfica” das sogras com seus “olhos de serpentes” que bisbilhotam e “vêem demais”, bem como a sua língua afiada que “fala demais” e interfere na vida familiar. As capas dos folhetos onde as sogras são destacadas através de desenhos ou xilogravuras, quase sempre retratam a sogra de forma grotesca e caricaturizada, com estética disforme e ridicularizante. As sogras representadas nos folhetos são mulheres propositalmente, descritas esteticamente como sendo feias e velhas, reforçando o estigma e o preconceito em relação a elas.

Leandro Gomes de Barros em seus versos acaba por produzir um discurso polifônico, onde vários discursos se entrecruzam e chegam a se confrontar, revelando assim uma sogra diferente da que é comumente veiculada no imaginário popular, podendo levar a formulação de significados bem distantes daqueles almejados ou previstos pelo esforço retórico do autor. O poeta por diversas vezes acaba por promover e fortalecer o “poder” da

sogra, quando este a apresenta como uma grande inimiga dos genros e das noras, e que os mesmos se digladiam contra ela nos folhetos e conseguem vencê-la com um grau de dificuldade considerável. Por diversas vezes nos folhetos o poeta reconhece a força e as qualidades da sogra, chegando por vezes a apresentá-la como uma figura onipotente, que tem poderes para atrapalhar a vida de genros e noras tanto em vida, quanto após a morte se constituindo num eterno tormento, que “sobrevive” até depois de morta, esteja ela no purgatório ou no inferno, haja vista que em nenhum folheto a sogra aparece no céu, como uma bem-aventurada.

Outra nuance desta poderosa sogra, aparece nos folhetos em que a mesma consegue ludibriar e vencer a figura do Diabo tornando-o subserviente aos seus intentos, a ela se aliando por reconhecer a sua força e sagacidade. O poeta “traído” pelas suas próprias palavras acaba por reconhecer e exaltar as qualidades da sogra, concordando que, nem mesmo o Diabo com toda a sua astúcia consegue vencê-la.

Outra representação que aparece de forma sub-reptícia na obra de Leandro Gomes de Barros é a da sogra que causa pânico a genros e noras fazendo-os vítima da *novercafobia* que é definida como um medo aterrorizante da sogra. Nos folhetos,

a sogra aparece como alguém que inspira temor, que ameaça genros e noras e que é masculinizada em sua atuação. A sogra assim representada inspira pavor e enfrenta seus adversários de forma igualitária, demarcando estrategicamente o seu poder ameaçador, bem diferente da figura frágil e inferior que costumeiramente descreve a mulher de forma geral.

Os folhetos analisados revelaram em seus enredos uma constante violência em relação à sogra, de forma verbal e principalmente física, onde o genro se digladiam e bate em sua sogra, sugerindo claramente que a única forma de manter o controle da situação seria espancando a sua sogra, promovendo assim uma violência acintosa contra a mesma, como pode ser verificado e exemplificado no folheto **Como se amansa uma sogra**, que registrou o confronto da sogra contra o genro, onde a violência é justificada pelo fato de a sogra possuir animais que incomodam o genro com o barulho provocado pelos mesmos. A sogra, que nos folhetos, é vítima da violência física, não se apresenta como alguém frágil, que se submete ao modelo de

família do Brasil colônia onde era considerado “normal”, os homens baterem em mulheres sem ser por isso reprovado em sua prática. Ao contrário do que se idealizava, a mulher enquanto sogra, nos folhetos de Cordéis, não se submete ao genro nem ao seu marido, enfrentando-os de igual para igual, respondendo a violência verbal e física, chegando a bater no homem utilizando-se das mesmas armas e estratégias, que estes geralmente utilizam, para praticar a violência. O resultado do embate físico do genro contra sogra, embora aponte a parcial vitória para ele, deixa sequelas, que o acompanham pelo resto de sua vida. A violência verbal e física foi constante nos folhetos, tanto por parte do genro quanto da sogra, contrariando a visão androcêntrica que permeia os discursos acerca da mulher.

A sogra é também apontada como sendo um ser patológico que além de causar pânico aos genros, é vista como sendo uma doença ou um mal que precisa ser eliminado, sob pena de contaminar a todos que fazem parte de seu círculo de relacionamentos. No enredo do folheto **Vacina para não ter sogra**, o poeta sugere a criação de uma vacina que sendo aplicada nas sogras às dizimariam, deixando finalmente de incomodar os genros. A sogra por fim, diferente de outras identidades femininas tematizadas na Literatura de Cordel, cataliza toda a fúria dos homens, que por temê-la partem para o ataque violento com o fim de eliminá-la, o que na verdade contribui para que ela se torne cada vez mais forte e presente na vida dos genros e noras.

Leandro Gomes de Barros usa de toda a sua criatividade representando a sogra de forma irônica e cômica, através de discursos polifônicos e carnavalizados, para assim atrair a solidariedade daqueles que a despeito de todos os avanços e conquistas da mulher, ainda insistem em reproduzir uma visão androcêntrica e misógina a respeito da mesma. A sogra, em todos os folhetos analisados, embora sofresse sucessivas “derrotas” frente ao genro, nunca se entregou aos caprichos e vontades do mesmo. Nem mesmo a morte foi suficiente para neutralizar a sogra que tal qual a fênix, renasce das cinzas, para atormentar os genros, e colocar interrogações onde este tenta colocar um ponto final. O estudo sobre o tema da sogra, desenvolvido no cordel por Leandro Gomes de Barros, está ainda nos prolegômenos e oferece um vasto material de pesquisa, que poderá ser retomado sob vários outros enfoques. A proposta está em aberto e é palpitante...



## REFERÊNCIAS GERAIS

### 1.1 CORPUS

BARROS, Leandro Gomes de. **A alma de uma sogra**. Fortaleza:Tupynanquim, 2004.

\_\_\_\_\_. **Como se amansa uma sogra**. Juazeiro do Norte: Filhas de José Bernardo da Silva, 1976.

\_\_\_\_\_. **A sogra enganando o diabo**. Fortaleza: Tupynanquim, 2004.

\_\_\_\_\_. **Um susto em minha sogra**. Recife: s. e, 1911.

\_\_\_\_\_. **Uma viagem ao céu**. s.n.t.

\_\_\_\_\_. **Vacina para não ter sogra**. Recife: [s. n.] 1917.

### 1.2 FOLHETOS DE REFERÊNCIA

ASSIS, Izaías Gomes de. **O Cordel da sogra**. Parnamarim: Chico Editora, 2008.

BARROS, Leandro Gomes de, **A alma de um fiscal**. Recife: [s.n., 19-]

\_\_\_\_\_. **Ausência dos bichos**. Belém do Pará: Guajarina, s.d.

\_\_\_\_\_. **A confissão de Antônio Silvino**. São Paulo: Luzeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. **A crise atual e o aumento do selo**. Recife: Tipografia do Jornal de Recife, 1915.

\_\_\_\_\_. **A cura da quebradeira**. Paraíba: Popular, 1915.

\_\_\_\_\_. **A mulher do bicheiro**. Recife: Jornal do Recife, 1910.

\_\_\_\_\_. **A mulher e o imposto**. Recife: Tipografia Moderna, 1911.

\_\_\_\_\_. **A mulher na rifa**. Recife:[s.n.] 1911.

\_\_\_\_\_. **A noiva do gato**. s.n.t.

\_\_\_\_\_. **Bento o milagreiro de Beberibe**. Recife: Jornal de Recife, 1912.

\_\_\_\_\_. **Descrição das mulheres conforme seus sinais**. Juazeiro do Norte: Filhas de José Bernardo da Silva, 1963.

\_\_\_\_\_. **História completa do casamento e mortalha no céu se talha**.

Juazeiro do Norte: Filhas de José Bernardo da Silva, 1974.

\_\_\_\_\_. **Os homens da mandioca**. Parayba:Popular, [19-].

- \_\_\_\_\_. **Mulher em tempo de crise.** Paraíba do Norte: Pernambucana, s.d.
- \_\_\_\_\_. **O casamento hoje em dia.** Paraíba: Popular, 1917.
- \_\_\_\_\_. **O fiscal e lagarta contra o fumo.** (s.n.t.)
- \_\_\_\_\_. **O galo misterioso marido da galinha de dentes.** Paraíba: Popular, 1917.
- \_\_\_\_\_. **O gênio das mulheres.** Recife:[s.n.], 1907.
- \_\_\_\_\_. **Os homens da Mandioca.** Parayba: Popular, [19-].
- \_\_\_\_\_. **O imposto e a fome.** Recife: [s.n.], 1909.
- \_\_\_\_\_. **O inferno da vida.** (s.n.t.)
- \_\_\_\_\_. **O novo balão.** Recife: [s.n.], 1912.
- \_\_\_\_\_. **O peso de uma mulher.** Paraíba, Popular, 1915.
- \_\_\_\_\_. **O testamento de uma sogra.** (s.n.t.)
- \_\_\_\_\_. **Panelas que muito mexem.** Paraíba:[s.n.], 1915.
- \_\_\_\_\_. **Peleja de Leandro com uma velha em Sergipe.** Belém do Pará: Guajarina, s.d.
- \_\_\_\_\_. **Vida e testamento de Cancão de Fogo.** São Paulo: Luzeiro,[19-].
- \_\_\_\_\_. **Recife.** Recife: Jornal do Recife, 1908.
- BATISTA, Paulo Nunes. **A herança que minha sogra deixou.** São Paulo: Prelúdio, 1965.
- BIRRA, João de. **A sogra mixiriqueira.** (s.n.t.)
- COSTA, Hildenor de Araújo. **Diabruras de uma sogra apaixonada.**(s.n.t.)
- FONSECA, Nelson Mamede. **Os Arrufos de uma sogra.**(s.n.t.)
- LIMA, João Ferreira de. **A sogra mexeriqueira.** (s.n.t.)
- SANTOS, Felismino José. **O caso da boa sogra.**[s.i], Ibicarai, 1970.
- SILVA, Minelvino Francisco. **A língua de minha sogra.** (s.n.t.)
- SILVA, Severino Borges da. **O verdadeiro romance de João de Calais.** São Paulo: Prelúdio, s.d.
- ZÊNIO, Francisco. **Uma sogra valente merece cacete.**(s.n.t.)

## 1. REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação Leitura do Brasil, 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

ALMEIDA, Átila de, e ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, vol 1-2, 1978.

**AUTORES DE CORDEL/ SELEÇÃO DE TEXTOS E ESTUDO CRÍTICO POR** Marlyse Meyer. São Paulo: Abril, 1980.

AZÊVEDO, Aluísio de. **O livro de uma sogra**. São Paulo: Nova Agiar, 2005.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento** : o contexto de François Rabelais. Brasília, Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed., rev. ampl. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia de linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: Fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BERNARDI, Rosse-Marye. **“Uma leitura bakhtiniana de vastas emoções e pensamentos imperfeitos, de Rubens Fonseca”**. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. Diálogos com Bakhtin. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

BERGER, Peter L. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 22. ed. Petrópolis:Vozes, 2002.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BEZERRA, Paulo. **Polifonia**: in BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos- chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BETH, Brait. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2. ed. São Paulo: Editora Unicamp. 2008.

**Bíblia de Estudo de Genebra**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CARVALHO, Luciana Gonçalves. **O Riso na cultura popular**. Enfoques – revista eletrônica dos alunos do PPGSA. N. 1, vol. 3, 2003. Disponível em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrrj.br/marco04/03.html>. Acesso em 15 de dezembro de 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. 2. ed. Lisboa, Difel, 2002.

CORDEL Literatura popular em versos. **Acervo**. Disponível em: <http://www.casaderuibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>. Acesso em: 20 de junho de 2009.

\_\_\_\_\_. **Poetas e cantadores**. Disponível em: <http://www.casaderuibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>. Acesso em: 20 de julho de 2009.

CORDELTECA Literatura popular em versos. **Acervo**. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/cordel/acervo.html>. Acesso em 08 de fevereiro de 2009.

D'ALMEIDA, José Valentim Fialho. **O país e as uvas**. São Paulo: Três, 1973.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Literatura popular em verso: estudos**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1986.

DISCINI, Norma. **Carnavalização**: In BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2006

DINIZ, G.R.S. & PONDAAG, M.C.M. (2006). **A face oculta da violência contra a mulher: o silêncio como estratégia de sobrevivência**. In Almeida, A. Santos, M.F.S., Diniz, G.R.S. & Trindade, Z.A. (orgs.). **Violência, exclusão social e desenvolvimento humano. Estudos de representações sociais**. Brasília, Editora UNB, 2006.

DUARTE, Célia Parreira. **Ironia e humor na literatura**. São Paulo: Alameda, 2006.

DUBY, G. E PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**. A Antigüidade. Porto: Afrontamento, 1990, v.1 .

FERREIRA, José. **Técnicas de estudo e pesquisa**. Goiânia: Kelps, 1999.

GALVÃO, Ana Maria de oliveira. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

GEORGE, Minois. **Historia do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder**. São Paulo: Summus, 1980.

HOBLES, Martha. **Mulheres mitos e deusas: o feminino através dos tempos**. São Paulo: Editora Aleph, 2006.

LIMA, Arievaldo Viana. **Leandro Gomes de Barros, grande mestre da poesia popular brasileira**. Disponível em <http://www.ablc.com.br> acesso: em 10 de março de 2009.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MOTTA, Alda B. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. In: Cadernos Pagu 13. Campinas, 1999.

NAGIB, Luísa. **Preconceito contra a mulher**. In: PINSKY, Jaime (org.). **Doze faces do preconceito**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINSKY, Jaime e PINSKY, C. B. (orgs). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres do sul**. In PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

RAMINELLI, Ronald. **Eva Tupinambá**. In PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

RENATO, Carneiro. **Ideologia dos poetas populares do Nordeste.**

Recife: Mousinho Artefatos de Papel, 1959.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos.**

São Paulo, Aleph, 2006.

ROVEDO, Salomão. **Literatura de Cordel: o poeta é a sua essência.** Rio de

Janeiro. s. e. 2009

RUPER, A. **Cultura.** Bauru: EDUSC, 2002.

SANT'ANNA, M. R. **O velho no espelho: um cidadão que envelheceu.**

Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

SCHWANTES, Cíntia. **Interferindo no cânone: a questão do Bildungsroman feminino com elementos góticos.** 1998. 298f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SEIDE, Márcia Sipavicius. **O uso de antropônimos como elementos**

**coesivos.** Fórum Linguístico nº 5: 23-35, Florianópolis. Disponível em

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article>. Acesso em 17 de março de 2010.

SILVA, Deonísio. **Etimologia.** Portal da revista Caras, ed. 770, nº 32. Disponível

em <http://www.caras.com.br/edicoes/770/texto/574>. Acesso em 12 de dezembro de 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade**

**e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, Vozes, 2000.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco.** Rio de Janeiro:

MAUAD, 2002.

TEÒFILO, Roque. **Glossário das fobias.** São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia, 2008. Disponível em [www.psicologia.org.br/internacional/gloss.htm](http://www.psicologia.org.br/internacional/gloss.htm).

htm. Acesso em 04 de maio de 2009.

WOENSEL, Maurice Van. **Simbolismo animal medieval: os bestiários,** João

Pessoa: Ed. Universitária, 2001.

